

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM EDUCAÇÃO

MÁRCIA CRISTINA FERNANDES PEREIRA BESSA

A TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA, FREUD E A EDUCAÇÃO

GOIÂNIA

2023

MÁRCIA CRISTINA FERNANDES PEREIRA BESSA

A TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA, FREUD E A EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Educação, Sociedade e Cultura.

Orientadora: Profª Drª Estelamaris Brant Scarel

GOIÂNIA

2023

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC
Goiás

B557t Bessa, Márcia Cristina Fernandes Pereira
A teoria crítica frankfurtiana, Freud e a educação
/ Márcia Cristina Fernandes Pereira Bessa.-- 2023.
144 f.

Texto em português, com resumo em inglês.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Estelamaris Brant Scarel.
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de
Professores e Humanidades, Goiânia, 2023.
Inclui referências: f. 140-144.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Teoria crítica. 3.
Educação. 4. Frankfurt, Escola de sociologia de. I. Scarel,
Estelamaris Brant. II. Pontifícia Universidade Católica
de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Educação
- 15/08/2023. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 37.022(043)



Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPE
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu – CPGSS
Escola de Formação de Professores e Humanidades - EFPH

MÁRCIA CRISTINA FERNANDES PEREIRA BESSA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Estelamaris Brant Scarel / PUC Goiás (Presidente)

Prof. Dr. Divino de Jesus da Silva Rodrigues / PUC Goiás

Documento assinado digitalmente

gov.br

CRISTIANE SOUZA BORZUK

Data: 12/09/2023 12:33:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Cristiane Souza Borzuk / UFJ

Prof. Dr. Renato Barros de Almeida / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Cristiano Aparecido da Costa / IF Goiás (Suplente)

DEDICATÓRIA

A Deus por essa porta aberta que me permitiu a busca pelo conhecimento.

Aos meus pais, Altamiro Ivo Pereira e Ivani Fernandes Pereira (*in memoriam*), que deixam um legado ímpar na minha vida.

Ao meu esposo Flávio Bessa da Costa, por sua enorme contribuição e compreensão durante todo este percurso de dois anos e meio de mestrado.

Aos meus filhos Pedro e João pelo carinho durante toda esta trajetória.

À minha irmã Mara Lúcia Fernandes Silva por todo seu apoio e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas pessoas maravilhosas que Ele me fez encontrar nessa caminhada.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Estelamaris Brant Scarel pela profunda dedicação e comprometimento na minha orientação.

À amiga Marcelle Linhares, minha gratidão pelos momentos difíceis juntas e o profundo companheirismo.

Aos meus colegas do Grupo de Estudos por suas valiosas contribuições.

Aos professores leitores, por haverem aceitado elaborar a leitura desta Dissertação.

A psicanálise freudiana não contribui tanto para tecer a aparência de individualidade. Ao contrário, ela destrói essa aparência de uma maneira fundamental, só comparável com a empreendida pelo conceito filosófico e social.

(ADORNO, 2009, p. 291).

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza teórica, está vinculada à linha de pesquisa “Educação, Sociedade e Cultura”, do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PPGE/PUC Goiás), discute acerca do seguinte tema: Teoria Crítica Frankfurtiana, Freud e a Educação. Tem como finalidade, essencialmente, buscar, nas contribuições de Freud, em diálogo com a Teoria Crítica, compreender os processos contraditórios de formação do sujeito mediado pela cultura e a Educação, apontando reflexões que tornam possíveis uma educação mais humana. Para tanto, o objetivo geral deste trabalho é o de analisar e procurar responder a seguinte questão: Quais são as contribuições de Freud, à luz da Teoria Crítica frankfurtiana, para a educação? A partir disso, a pesquisa visa contribuir, com base em algumas reflexões sobre os impasses presentes na educação na contemporaneidade, a partir da ótica da Teoria Crítica frankfurtiana e da Teoria freudiana, possibilitando dar condições ao indivíduo para que ele seja capaz de se autogerir pela autorreflexão crítica. O primeiro visa conhecer o percurso histórico relativo à Escola de Frankfurt, bem como apontar a incorporação de Freud no âmbito da Teoria Crítica frankfurtiana, e além disso, abordar um diálogo entre Freud e a obra *Educação e Emancipação* de Adorno (2020). O segundo capítulo destaca as contribuições de Freud nas obras dos teórico-críticos frankfurtianos, a saber: Adorno (2020), Adorno e Horkheimer (1985), Marcuse (2015; 2021) e Benjamin (2012), tendo-se em vistas os impactos presentes na educação no contexto contemporâneo. O terceiro e último capítulo analisa as contribuições trazidas pela Psicanálise freudiana à Educação, as quais, infere-se, põem em relevo as contradições existentes nesse campo com referência aos processos de formação humana. Por fim, destaca-se um diálogo elaborado por Adorno, Kant e Freud objetivando compreender o sentido da educação para emancipação para a autonomia. Este trabalho aponta para a reflexão com vistas a uma educação mais humana.

Palavras-chave: Teoria Crítica Frankfurtiana. Freud. Educação. Humanização.

ABSTRACT

This research, of a theoretical nature, is linked to the line of research “Education, Society and Culture”, of the Graduate Program in Education at the Pontifical Catholic University of Goiás (PPGE/PUC Goiás), discussing the following theme: Frankfurtian Critical Theory, Freud and Education. It essentially aims to seek, in Freud's contributions, in dialogue with Critical Theory, to understand the contradictory processes of formation of the subject mediated by culture and Education, pointing out reflections that make possible a more humane education. Therefore, the general objective of this work is to analyze and try to answer the following question: What are Freud's contributions, in the light of Frankfurt's Critical Theory, to education? From this, the research aims to contribute, based on some reflections on the impasses present in education in contemporary times, from the perspective of Frankfurt's Critical Theory and Freud's Theory, enabling the individual to be able to manage himself through critical self-reflection. The first chapter aims to know the historical path related to the Frankfurt School, as well as to point out the incorporation of Freud in the scope of the Frankfurtian Critical Theory, and in addition, to approach a dialogue between Freud and the work *Educação e Emancipação* by Adorno (2020). The second chapter highlights Freud's contributions to the works of Frankfurtian critical theorists, namely: Adorno (2020), Adorno and Horkheimer (1985), Marcuse (2015; 2021) and Benjamin (2012), considering the impacts present in education in the contemporary context. The third and last chapter analyzes the contributions brought by Freudian Psychoanalysis to Education, which, it is inferred, highlight the existing contradictions in this field with reference to the processes of human formation. Finally, there is a dialogue elaborated by Adorno, Kant and Freud aiming to understand the meaning of education, aiming to understand the meaning of education for emancipation towards autonomy. This work points to reflection with a view to a more humane education.

Keywords: Frankfurtian Critical Theory. Freud. Education. Humanization.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTOS DA TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA E A	
INTEGRAÇÃO DE FREUD	15
1.1 Escola de Frankfurt e Teoria Crítica: história e fundamentos	16
1.2 Freud e a Teoria Crítica Frankfurtiana	32
1.3 Educação em interface com a teoria freudiana: notas sobre <i>Educação e</i>	
<i>Emancipação</i>	44
CAPÍTULO 2	
FREUD E A TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA: DIÁLOGOS	
INTERTEXTUAIS	64
2.1 Freud, Adorno, Horkheimer e Benjamin: aproximações	65
2.2 Marcuse e a Teoria Freudiana	80
CAPÍTULO 3	
EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA FREUDIANA: CONTEMPORANEIDADES ..	96
3.1 Educação e Civilização em Freud	96
3.2 Tabus acerca da profissão de ensinar na sociedade do narcisismo	109
3.3 Educação e contradições: diálogos com Adorno, Kant e Freud	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	140

APRESENTAÇÃO

Este trabalho inicia-se a partir do momento em que a autora, ao procurar compreender a Teoria Crítica frankfurtiana depara-se com várias contribuições de Freud a essa teoria, principalmente por meio da obra *Educação e Emancipação* de Adorno (2020). Ao aprofundar-se um pouco mais nas leituras, a autora não só compreende a significativa influência de Freud no arcabouço da Teoria Crítica frankfurtiana, mas, para além disso, vê-se sensivelmente despertada pelas reflexões possibilitadas por esse autor ao conhecer um pouco de sua obra.

Diante desse contexto, os conceitos freudianos, simultaneamente, estabeleceram conexão com a realidade escolar desta pesquisadora, no que tange à compreensão dos fenômenos subjetivos exibidos pelos sujeitos da aprendizagem, em virtude do aumento sobremodo excessivo dos problemas emocionais e psíquicos encontrados em crianças, adolescentes e jovens na sociedade atual. Pois esses sujeitos sofrem forte influência da indústria cultural em suas mentes, em virtude do poder de manipulação que esta exerce na cultura.

É nesse sentido que estabelece-se uma das principais relações entre a Psicanálise e a educação, que é a compreensão da psique humana, conhecer a mente do ser humano em um sentido geral pode ajudar pais, mães, educadores e outras pessoas envolvidas no processo educativo a promover uma educação menos traumática. Por esse motivo Freud (2010, p. 312) sugere “[...] que a única preparação adequada para a profissão de educador é um sólido treino em psicanálise”.

Considerando tal contexto, Freud passa a ser o autor utilizado por esta autora, assim como pelos frankfurtianos, para conhecer a subjetividade que tem formado os indivíduos neste cenário de contradições culturais e sociais. Conforme já confirmado, a Teoria Crítica frankfurtiana torna-se também uma aliada na compreensão dos mecanismos que ocasionam o extremismo tanto na sociedade como na educação.

O método dialético utilizado por Freud, e pelos frankfurtianos evidentemente com distinções, dá sustentação na construção deste trabalho. O texto aborda obras de Freud escritas no período de 1909 a 1939, bem como obras dos autores da Escola de Frankfurt, contemplando-se: Adorno (1903-1969), Horkheimer (1895-1973), Marcuse (1898-1979) e Benjamin (1892-1940), além das imprescindíveis

contribuições de Kant (1724-1804) e outros autores importantes para as discussões propostas nesta dissertação.

A Teoria Crítica caracteriza-se pela dialética, essa é a sua principal distinção no estabelecimento das mediações entre o sujeito e sua realidade contraditória. Com efeito, a intermediação do indivíduo nas suas interpretações, a busca pela apreensão da realidade é feita por essa teoria através da interação entre o sujeito e o objeto, o particular e o universal, teoria e práxis e indivíduo¹ e sociedade². Nas palavras de Adorno (2009, p. 133):

O conhecimento dialético [...] tem por tarefa perseguir a inadequação entre pensamento e coisa; experimentá-la na coisa [...] A contradição dialética não 'é' enquanto tal, mas tem a sua intenção — o seu momento subjetivo — no fato de não se deixar dissuadir; por meio dessa intenção, a dialética se dirige para o diverso. O movimento dialético permanece filosófico enquanto autocrítica da filosofia.

Toda a problemática desta pesquisa busca nas possíveis contribuições de Freud em diálogo com a Teoria Crítica compreender os processos contraditórios de formação do sujeito mediado pela cultura³ e a Educação e apontar possíveis sugestões para que esta educação possa tornar-se mais humana, e os sujeitos esclarecidos e emancipados. Ou seja, o objetivo geral deste trabalho é um estudo bibliográfico que possa analisar e procurar responder a seguinte questão: Quais são as contribuições de Freud, à luz da Teoria Crítica frankfurtiana, para a educação?

Diante do exposto acima, infere-se que a educação na contemporaneidade apresenta marcas de lutas profundas enfrentadas pelos indivíduos no esforço de superar as contradições que lhe são impostas pelos mecanismos de dominação, a

¹ “Indivíduo, num sentido amplo, é o contrário do ser natural, um ser que, certamente, se emancipa e afasta das simples relações naturais, o que está desde o princípio referido à sociedade, de um modo específico, que, por isso mesmo, recolhe-se em seu próprio ser” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 53).

² “Sociedade o conjunto de homens, com grupos de diversas dimensões e significados, que compõem a humanidade [...]. No seu mais importante sentido entendemos por “sociedade” uma espécie de textura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção, na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 25).

³ A concepção de cultura de Adorno e Horkheimer (1973) coaduna com a concepção de cultura para Freud (2014). “[...] refiro-me a tudo aquilo em que a vida humana se ergueu acima de suas condições animais e que se diferencia da vida animal [...] Por um lado, abrange todos os conhecimentos e habilidades que os homens adquiriram para controlar as forças da natureza e dela extrair os bens para a satisfação das necessidades humanas; e por outro lado, todas as instituições necessárias para regulamentar as relações entre os indivíduos e, em especial, a distribuição dos bens obteníveis” (FREUD, 2014, p. 233).

fim de perpetuar o controle e a divisão das sociedades em classes, mediante um processo educacional doloroso de adaptação à realidade do trabalho.

A educação hodiernamente expressa uma das mais expressivas discussões contidas na obra *Educação e Emancipação* de Adorno (2020), negligenciando, os conhecimentos históricos dos quais dependem a experiência formativa, conseqüentemente, conduzindo à fragmentação dos conhecimentos que superficializam a verdadeira formação, submetendo-se à influência das mídias que deformam o indivíduo, alimentando idealizações a respeito da educação que não condizem com o significado que a educação deveria ter, que é o de um instrumento para a promoção da formação e da humanização. Pois a educação tem sido usada para promover a competitividade ao ponto de tornar-se uma mercadoria. Todo esse cenário mostra que a educação não está educando para a realidade segundo Freud (2014).

Educar para a realidade significa demonstrar as contradições e idealizações que a educação tem alimentado ao longo dos anos, relegando ao segundo plano a educação para a autorreflexão crítica, adornamente expressando. Para ampliar esse debate, os conceitos como o de pulsão⁴, identificação⁵, narcisismo⁶, sublimação⁷, e outros que segundo Freud (2010a, 2010b, 2011a, 2011b, 2012, 2014), desmistificam essa realidade apontando que a atual sociedade vem privilegiando o princípio do prazer. Assim, tal busca vem cada vez mais privilegiando as necessidades individuais em detrimento de uma perspectiva social que possibilite uma sociedade mais humana.

⁴ “[...] força que ataca o organismo a partir de dentro e o impele a realizar certas ações suscetíveis de provocarem uma descarga de excitação. [...] Ela está ligada, para Freud, à noção de ‘representante’, pela qual ele entende uma espécie de delegação enviada pelo somático ao psiquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 395).

⁵ O conceito de identificação dado por Laplanche e Pontalis (1999, p. 226) é de um “Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”.

⁶ O termo **narcisismo** vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual (FREUD, 2010b, p. 14). Outra conjectura surgiu que: “O **narcisismo** não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (idem, p. 15).

⁷ Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objeto não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 495).

O objetivo maior com a elucidação de tais questões é o de propiciar reflexões que possibilitem ao indivíduo pensar que, diante de todo esse desenvolvimento tecnológico, é preciso também um desenvolvimento humano. Não se pode conceber que a educação renda-se à racionalidade técnica e construa apenas instrumentos que tendem à acomodação isto é à adaptação, à conformação, pelo contrário, ela deve primar pela “[...] produção de uma consciência verdadeira”, segundo Adorno (2020, p. 154).

O enfraquecimento do Eu e a adaptação às massas têm configurado modelo de sociedade narcísica, cuja principal precursora dessa adaptação é a Indústria Cultural⁸, a qual, mina sobremaneira a perspectiva de liberdade do indivíduo negando-lhe de conexão entre pensamento, e realidade. Esse tem sido justamente o grande problema estendido à educação.

Para corroborar com estas discussões e trazer alguns tensionamentos a este contexto, esta pesquisa, reitera-se que se propõem utilizar-se dos estudos da psicanálise freudiana e da Teoria Crítica frankfurtiana a necessidade de uma educação para a afetividade, bem como para a realidade.

O primeiro capítulo compreende o percurso histórico relativo à Escola de Frankfurt, bem como apontar a incorporação de Freud no âmbito da Teoria Crítica frankfurtiana, e ainda, demonstrar os principais pensadores que influenciaram essa teoria, visando evidenciar o trabalho da Educação em conexão com a teoria freudiana. Além disso, o capítulo também traz uma biografia de Freud, além de um item contendo um diálogo entre Freud e a obra *Educação e Emancipação*, segundo Adorno (2020).

O segundo capítulo destaca as contribuições de Freud nas obras dos teórico-críticos frankfurtianos, a saber: Adorno; Horkheimer; Marcuse e Benjamin com destaque para as contradições presentes na educação no contexto contemporâneo. Utilizando-se para isso da obra *Dialética do esclarecimento* e do texto a “Indústria cultural” contida também nessa obra. Em um primeiro momento destaca-se algumas aproximações entre Adorno, Horkheimer e Benjamin, em seguida faz-se um diálogo entre as obras de Marcuse (2015; 2021), Freud (2010a) e Adorno (2020).

⁸ Indústria Cultural é um conceito criado por Adorno e Horkheimer que traduz uma produção em série de bens culturais padronizados para a satisfação de necessidades iguais, que tornam as pessoas acríticas, meras consumidoras (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O Terceiro e último capítulo analisa as contribuições trazidas pela Psicanálise freudiana à Educação, as quais, infere-se, põem em relevo as contradições existentes nesse campo com referência aos processos de formação humana. Para tanto, primeiramente aborda-se a relação entre civilização e educação, tendo-se em vistas, a partir da Psicanálise, apontar o fato de que tanto a sociedade como o indivíduo necessitem de um embate contra o estado de extremismo no qual recaíram.

Em seguida, descreve-se a educação e a civilização em Freud, utilizando-se da teoria deste psicanalista para demonstrar o percurso traçado pelo indivíduo na fuga do sofrimento visando a um estado menos desumanizante pela educação. Posteriormente, revela-se os tabus da profissão do magistério e faz-se algumas discussões sobre essa problemática na perspectiva da educação na atualidade. Por fim, elabora-se um diálogo entre Adorno, Kant e Freud objetivando compreender o sentido de educação para emancipação, educação para autonomia e educação para a realidade.

Entendeu-se a partir do presente estudo que Freud traz contribuições relevantes para a educação bem como a Teoria Crítica frankfurtiana, oportuniza reflexões sobre os processos deformativos na educação. Percebeu-se também, que a Psicanálise freudiana, por meio do seu arcabouço teórico, tem condições de trazer luz para a desmistificação dos extremismos subjacentes ao pensamento do sujeito contemporâneo, possibilitando ao indivíduo pensar a educação de uma maneira não conformativa nem adaptadora, mas humana e emancipatória.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTOS DA TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA E A INTEGRAÇÃO DE FREUD

“Posso então dizer, voltando o olhar para o trabalho de minha vida até o momento, que iniciei muitas coisas e lancei muitas sugestões, de que algo deve resultar no futuro”.

(FREUD, 2011b, p. 162).

Na contemporaneidade¹, a Educação tem se tornado alvo de múltiplos debates e, em decorrência disso, são apontadas inúmeras contradições no que se refere ao trabalho formativo realizado nessa área. Uma dessas contradições liga-se à subordinação dos processos formativos à cultura degradada pela ideologia² da educação concebida como mercadoria, ao ponto de a formação tornar-se destituída da experiência formativa. Nas palavras do autor:

Experiência formativa é ‘Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nessa medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação’ (ADORNO, 2020, p. 164).

O ser humano com o avanço do capitalismo e desse tipo de cultura vai gradativamente sendo adaptado ao social, por conseguinte, desenvolvendo uma

¹ O sentido de contemporaneidade nesta dissertação fundamenta-se, primeiramente, em Ferreira (2009, p. 535), que é o seguinte: “Qualidade de contemporâneo” [...] Contemporâneo: “Do lat. [Contemporaneu.] **Adj. 1** Que é do mesmo tempo, que vive na mesma época (particularmente época em que vivemos). **S.m. 2** indivíduo do mesmo tempo ou do nosso tempo”. Em segundo, em Cambi (1999, p. 377), que afirma que: “A época contemporânea nasce – convencionalmente – em 1789, com a Revolução Francesa, já que é com aquele evento crucial que caem por terra seculares equilíbrios sociais, econômicos e políticos, enquanto toda a sociedade europeia entra em uma fase de convulsão e de transformação que se prolongará por muito tempo e que mudará as características mais profundas da história. Sobretudo eliminará o *Ancien Régime*”.

² O sentido de ideologia neste texto é o mesmo atribuído por Adorno e Horkheimer (1973, p. 193), “A ideologia contemporânea é o estado de conscientização e de não-conscientização das massas como espírito objetivo, e não os mesquinhos produtos que imitam esse estado e o repetem, para pior, com a finalidade de assegurar a sua reprodução. A ideologia, em sentido estrito, dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse sentido, até atenuadas. Mas, por tudo isso, a sociedade atual, erroneamente acusada de excessiva complexidade, tornou-se demasiado transparente”. O termo Ideologia conforme Adorno (2019, p. 73), em *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, “é usado neste livro, como é comum na literatura atual, para representar uma organização de opiniões, atitudes e valores – um modo de pensar sobre o homem e a sociedade. [...] As ideologias têm uma existência independente de qualquer indivíduo singular; e aquelas que existem em uma época particular são resultados tanto de processos históricos quanto de eventos sociais contemporâneos”.

racionalidade “danificada”, adornianamente expressando, com vistas a satisfazer seus desejos inconscientes em detrimento do exercício dessa experiência, conseqüentemente, da consciência crítica.

Tendo em vista tal perspectiva, salienta-se que a presente investigação procura, a partir do seu primeiro capítulo, intitulado “Fundamentos da Teoria Crítica frankfurtiana e a Integração de Freud,” conhecer o percurso histórico relativo à Escola de Frankfurt desde o seu início até o retorno de seus integrantes para a Alemanha, além de procurar destacar a importância das análises desses autores para a sociedade contemporânea. Em seguida, discute-se sobre suas bases epistemológicas clássicas, isto é, Kant (1724-1804), Hegel (1770-1831), Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920) e, evidentemente, Freud (1856-1939), e outros, objetivando, a partir disso, demonstrar as relações que tangenciam a Teoria Crítica e Freud, para, então, destacar a integração da Psicanálise nos registros dos frankfurtianos.

O último item deste capítulo, que tem por título: Educação em interface com a teoria freudiana: notas sobre *Educação e Emancipação*, elabora uma reflexão sobre a obra de Adorno (2020) *Educação e Emancipação* que possui uma conexão bastante significativa com a teoria freudiana, pois nessa obra pode-se observar que Adorno (2020) utiliza-se da teoria de Freud para embasar suas ideias. Compreende-se, dessa forma, que tanto a Teoria Crítica frankfurtiana, como a teoria de Freud contribuem para a desmistificação da cultura e da formação atual, pois prestar atenção ao que acontece na sociedade, obriga a entender o processo de formação humana que pode conduzir ou à barbárie ou à emancipação. Daí a importância dos estudos da Psicanálise como condição de possibilidade de desvelamento dos mecanismos que possibilitam tornar o sujeito mais humano.

1.1 Escola de Frankfurt e Teoria Crítica: história e fundamentos

O contexto da Alemanha em 1923 era o de mudanças trazidas após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Segundo Jay (2008), o leste europeu tornou-

se o centro do socialismo influenciado pelo sucesso da Revolução Bolchevique³. Houve, então, um dilema colocado aos intelectuais de esquerda daquele país, poderiam apoiar os socialistas moderados da República de Weimar, recusar a experiência russa da revolução ou filiar-se ao partido comunista da Alemanha. No entanto, os precursores da Teoria Crítica optaram por um viés de ruptura radical, o qual baseia-se no exame minucioso da teoria marxista e uma crítica ao dogmatismo e ao Idealismo⁴ alemão de sua época.

O motivo da criação do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt em 1923 foi confidenciado a Martin Jay em uma carta escrita em dezembro de 1971 por Marx Horkheimer (1895-1973), carta essa que serviu de prefácio à obra *Imaginação Dialética* publicada em 1944. Para Horkheimer, o Instituto consistia em.

Um grupo de homens interessados em teoria social com formações acadêmicas diferentes veio a se reunir, com a convicção de que formular o negativo, em uma época de transição, era mais importante do que construir carreiras acadêmicas. O que os uniu foi a abordagem crítica da sociedade existente (JAY, 2008, p. 25).

O compromisso com a teoria foi maior do que suas carreiras e partidos políticos. Assim, desde o início os autores que integraram a chamada Escola de Frankfurt tiveram autonomia para suas realizações teóricas. “[...] mesmo que isso

³ “A revolução Bolchevique foi a tomada do poder pelo partido bolchevique na Rússia em 1917 teve repercussões sobre os outros partidos socialistas. Em 1921, no seu II congresso, a Internacional Comunista foi organizada segundo o modelo do partido russo, com 21 pontos que definiam as condições para a filiação” (BOTTOMORE, 2012, p. 34). “A tomada do poder pelos bolcheviques em Petrogrado foi seguida por movimentos semelhantes por parte dos soviets locais em toda a Rússia, mas em muitas regiões houve resistência. Configurou-se, assim, um estado de guerra cível desde o começo do governo dos soviets, que colocou em campos opostos os “brancos e os vermelhos”. A luta interna só terminou com a vitória soviética em novembro de 1920” (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1996, p. 4).

⁴ Este termo foi introduzido na linguagem filosófica em meados do século XVII, inicialmente como referência à doutrina platônica das ideias. Leibniz diz: “o que há de bom nas hipóteses de Epicuro e Platão, dos maiores materialistas e dos maiores idealistas, reúne-se aqui [...] contudo, esse significado do termo, que por vezes é indicado como “I. metafísico”, no sentido de ser uma hipótese acerca da natureza da realidade (que consiste em afirmar o caráter espiritual da própria realidade) não teve longa vida. Essa palavra foi usada principalmente nos dois significados seguintes: 1º. I. gnosiológico (ou epistemológico), por várias correntes da filosofia moderna e contemporânea. 2º. I. romântico, que é uma corrente bem determinada da filosofia moderna e contemporânea. 1º. No sentido gnosiológico (ou epistemológico) esse termo foi empregado pela primeira vez por Wolf: “Denomina-se idealista quem admite que os corpos têm somente existência ideal em nosso espírito, negando assim a existência real dos próprios corpos e do mundo” [...] 2º. No segundo sentido, o I. constitui o nome da grande corrente filosófica romântica que se originou na Alemanha no período pós-Kantiano e que teve numerosas ramificações na filosofia moderna e contemporânea de todos os países. Por seus próprios fundadores, Fichte e Shelling, esse I. foi denominado de “transcendental”, “subjetivo” ou “absoluto” (ABBAGNANO, 2012, p. 607-608).

significasse suspender por algum tempo a unificação da teoria e da práxis⁵ (JAY, 2008, p. 40). Felix J. Weil (1898-1975), filho único de um comerciante de cereais Hermann Weil, foi mandado para a Alemanha para estudar e após sua conclusão do doutorado em Frankfurt apoiou a EMA, Primeira Semana Marxista do Trabalho, que aconteceu em 1923 na Turíngia e reuniu intelectuais para debaterem as diferentes tendências do marxismo para se chegar ao um marxismo puro. Após esse evento apoiado por colegas da Universidade de Frankfurt, Weil consolida a ideia de criar o instituto junto com Pollock (1894-1970), que tinha feito amizade com Marx Horkheimer, e por sinal essa amizade durou 60 anos. Horkheimer veio a ser um dos nomes mais importantes do *Institut*, e juntou-se a Weil na criação do [*Institut für Sozialforschung*] Instituto de Pesquisas Sociais (JAY, 2008).

O instituto filiou-se à Universidade de Frankfurt, sua criação aconteceu em 3 de fevereiro de 1923, seu primeiro diretor foi Kurt Alber Gerlach (1886-1922), um economista da Escola Técnica Superior, mas Gerlach morre antes da inauguração do Instituto com 36 anos. A busca do sucessor recaiu sobre Carl Grünberg (1861-1940), que deixou a cátedra de direito na Universidade de Viena para assumir a função. Em 1930, Horkheimer, então com apenas 35 anos assume a direção do Instituto, que entrou em sua fase de maior produtividade. Juntaram-se a eles Leo Löwenthal (1900-1993), e Theodor Wiesengrund-Adorno (1903-1969), dois intelectuais mais jovens que passaram a exercer grande influência nos anos posteriores (JAY, 2008). Löwenthal apresentou outros três psicanalistas aos membros do Instituto.

Löwenthal, que era amigo de Fromm desde 1918, apresentou-o como um dos três psicanalistas introduzidos no círculo do Institut no começo da década de 1930. Os outros foram Karl Landauer, diretor do Instituto Psicanalítico de Frankfurt, e Heinrich Meng (JAY, 2008, p. 66).

⁵ “A expressão práxis refere-se, em geral, a ação, a atividade, e no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica ao homem, que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. Nesse sentido, o homem pode ser considerado como um ser da práxis, entendida a expressão como um conceito central do marxismo, e este como a ‘filosofia’ (ou melhor, o pensamento) da práxis” (BOTTOMORE, 2012, p. 292).

A revista de Pesquisa Social [Zeitschrift für Sozialforschung]⁶ apresentou os trabalhos dos frankfurtianos durante vários anos e teve um papel importante na coesão do grupo, principalmente quando os frankfurtianos tiveram de mudar para Paris, a revista continuou sendo editada, mesmos quando seus membros foram mais tarde para os Estados Unidos. A revista foi símbolo da resistência do grupo ao permanecer na Europa (JAY, 2008).

Mais tarde em 1933, com a inclusão da Psicanálise⁷, a escola recebe um novo membro Herbert Marcuse (1898-1979), que se tornou um dos principais autores da Teoria Crítica dando-lhe visibilidade quando esteve exilado nos Estados Unidos e onde lecionou na Universidade da Califórnia. Marcuse havia sido orientado por Heidegger (1889-1976), essa relação, porém, acabou não dando certo.

[...], mas antes que Heidegger pudesse aceitar Marcuse como assistente, as relações entre os dois ficaram abaladas; as divergências políticas entre o aluno de orientação marxista e o professor cada vez mais direitista contribuíram para isso, sem dúvida (JAY, 2008, p. 67).

Em 1933 com a chegada dos nazistas ao poder, a Escola de organização marxista e formada em sua maioria por judeus foi fechada e seus membros exilados para a Europa e Estados Unidos. Segundo Jay (2008), o novo centro administrativo do Institut se fixou em Genebra e adotou o nome de [*Société Internationale de Recherches Sociales*] Sociedade Internacional de Pesquisas Sociais. No entanto, com a expansão do império nazista os frankfurtianos se viram obrigados a procurar uma nova sede para o Instituto, a solução veio através de Juina Gumperz ex aluno de Pollock, que era americano e fluente em inglês. Quando Horkheimer fez sua primeira viagem aos Estados Unidos conheceu Nicholas Murray Butler (1862-1947), reitor da Universidade de Colúmbia que ofereceu a oportunidade do Instituto filiar-se nessa Universidade e uma sede em um de seus prédios em Nova York. Ali eles permaneceram com suas pesquisas até que puderam retornar para a Alemanha levando consigo o uso de algumas técnicas empíricas norte-americanas.

⁶ Revista do *Institut* foi publicada pela primeira vez em 1930 deu ênfase a ensaios e mostrou todo o potencial dos autores da Escola. Horkheimer era o editor, mas a coordenação editorial ficou a cargo de Löwenthal. A revista possuía um caráter mais resumido e interdisciplinar (JAY, 2008).

⁷ “Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 384).

A ideia original de ser uma escola que estudasse o antissemitismo na Alemanha começou apenas mais tarde nos Estados Unidos, quando pôde ser realizada uma pesquisa que redundou na obra *A personalidade autoritária* segundo Adorno et al. (2019), que se constituiu em um estudo sobre o comportamento fascista. Tal investigação os levaria a descobrir as causas e características de personalidades capazes de promover ou de se ser indiferentes a Auschwitz, por meio de comportamentos manipuladores, autoritários e fascistas, revelando, então, as razões antissemitas de uma relação entre personalidade e sociedade.

É oportuno que se esclareça que, na produção alemã era comum livros grandes e pesados, a Teoria Crítica, porém, teve maior apreço por ensaios e aforismos, visto que esses não compartilhavam uma construção fechada, pois os frankfurtianos recusavam-se a acreditar em sistemas fechados priorizando o inacabado, o investigativo, como disse Horkheimer no prólogo da obra de Martin Jay: “A esperança de que o horror terreno não detenha a última palavra é, sem dúvida, um desejo não científico” (JAY, 2008, p. 26).

Mas não foram apenas ensaios publicados na Revista de Pesquisa Social que fizeram parte da produção intelectual dos pensadores da Escola. Por exemplo, *Estudos sobre Autoridade e Família*, publicado em Paris em 1933, foi uma pesquisa realizada com as famílias proletárias na Europa coordenada por Horkheimer e Fromm, buscando identificar a estrutura da personalidade da classe operária da Europa (FREITAG, 1988). Tanto nessa obra quanto na já citada *Estudos Sobre a Personalidade Autoritária* escrita, por Adorno et al. (2019), demonstram a busca por integrar a Psicanálise à Teoria Crítica.

Para compreender o problema por que uma sociedade funciona de uma maneira determinada, por que ela é estável ou se desagrega, torna-se necessário, portanto, conhecer a respectiva constituição psíquica dos homens nos diversos grupos sociais, saber como seu caráter se formou em conexão com todas as forças culturais da época (HORKHEIMER, 2012, p. 180).

Quando a Escola de Frankfurt veio se estabelecer em Paris antes de sua estadia nos Estados Unidos, Adorno e Horkheimer conheceram Walter Benjamin, “o qual escolhera Paris como local de exílio e como metáfora orientadora de sua obra” (JAY, 2008, p. 164). Benjamin rejeitou os pedidos de Adorno para ir para Nova York em 1940, e logo após foi colocado em um campo de prisioneiros em Nevers. Pollock

conseguiu um visto de emergência para os Estados Unidos, mas Benjamin não teve o mesmo sucesso para saída da França, então, tentou fugir por uma estrada que passava pelos Pirineus rumo à Espanha, mas, ao chegar à fronteira com a Espanha, esta estava fechada. Benjamin suicida-se tomando comprimidos de morfina (JAY, 2008).

A influência dos frankfurtianos no Brasil começou no final da década de 1960, assim, em 1969 saem as primeiras produções de Adorno, Benjamin e Horkheimer. Em 1975, Gabriel Conh publica *Comunicação e Indústria Cultural*. Pode-se dizer que o movimento de uma Indústria Cultural brasileira entra no Brasil ao mesmo tempo em que os livros desses autores chegam com uma forte crítica à sociedade e seus meios de produção em massa⁸ (ORTIZ, 2016).

A Teoria Crítica como se pôde ver em linhas gerais, está relacionada ao Instituto e à Revista de Pesquisa Social, que foi editada de 1932 até 1942 por Horkheimer, e também está ligada ao período histórico da Alemanha de Hitler e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O termo surgiu pela primeira vez com a publicação do texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, em 1937, produzidos por Horkheimer (NOBRE, 2011). Nesse texto Horkheimer demonstra a aproximação da Teoria Crítica com a filosofia e expõe as diferenças entre a Teoria Tradicional e a Teoria Crítica.

A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base de formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. [...] A gênese social dos problemas, as situações reais nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores. A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida [...]. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela (ADORNO; HORKHEIMER, 1991, p. 69).

O campo da Teoria Crítica baseia-se nos estudos de Karl Marx, ou seja, seu campo teórico estuda o poder da troca, pondo em evidência a sociedade voltada

⁸ “A massa é um produto social - não uma constante natural; um amálgama obtido com o aproveitamento racional dos fatores psicológicas irracionais e não uma comunidade originalmente próxima do indivíduo; proporciona aos indivíduos uma ilusão de proximidade e união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, a alienação e a impotência individual [...] predispõe cada um, também, para a fragilidade subjetiva, para a capitulação na massa dos seguidores. A identificação, seja com o coletivo ou com a figura superpoderosa do Chefe, oferece ao indivíduo um substitutivo psicológico para o que, na realidade lhe falta (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 87).

para o lucro e para a irracionalidade. A teoria que subjaz a esse método visa compreender a sociedade burguesa⁹, o capitalismo e suas categorias como a política, o Estado, as classes sociais envolvidas na sociedade capitalista. “O esforço analítico de Marx está fundamentalmente na perspectiva da superação da dominação capitalista e ancorado na realização da liberdade e da igualdade” (NOBRE, 2011, p. 31). Ou seja, o que Marx propunha era uma prática transformadora, a revolução do proletariado que promoveria a liberdade e a igualdade, o capitalismo seria abolido e a sociedade emancipada da dominação capitalista. No entanto, Horkheimer interpreta esses conceitos e utiliza deles para a compreensão e análise da sociedade contemporânea e crítica a alguns aspectos da teoria de Marx.

Na verdade, à medida que o marxismo se cristalizara em um sistema que afirmava ser a chave da verdade, também ele caíra vítima da mesma doença. O verdadeiro objetivo do marxismo, argumentava Horkheimer, não era desvendar verdades imutáveis, mas fomentar a mudança social (JAY, 2008, p. 89).

De acordo com Nobre (2011), a Teoria Crítica tem os seguintes princípios, o primeiro a orientação para a emancipação, nesse sentido, a Teoria não apenas descreve a sociedade, mas também visualiza de que forma essa sociedade poderia ser melhor; o segundo é o comportamento crítico em relação a realidade social, esse seria o segundo princípio. Aqui cabe uma reflexão à educação, a Teoria Crítica permite observar não apenas as características da educação, mas também revelar seus problemas e potencialidades, pois uma boa educação deve ser voltada para o pensamento emancipatório mediante uma atitude crítica frente ao momento social em que está posta essa educação.

A Teoria Crítica interpreta o pensamento de Marx e ao mesmo tempo utiliza-se desses parâmetros para analisar o momento histórico presente, foi isso o que Horkheimer fez com o texto Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937), analisou a sociedade sob os fundamentos da teoria marxista e apresentou um diagnóstico do tempo presente. As conclusões divergem das explicações feitas originalmente por Marx, como por exemplo.

⁹ O Manifesto Comunista, em 1888, traz em uma nota a seguinte definição de burguesia: “Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado” (MARX; ENGELS, 2010, p. 40).

[...] segundo o prognóstico original de Marx, a possibilidade de uma intervenção permanente do Estado para estabilizar e organizar o mercado levaria a um colapso da própria lógica de valorização do capital [...] ao contrário da previsão de um empobrecimento crescente do proletariado, observou-se o surgimento de uma aristocracia operária e uma melhora na condição de vida de parte do operariado [...]. O terceiro elemento do diagnóstico de Horkheimer, também objeto de pesquisa do Instituto, é representado pela ascensão do nazismo e do fascismo. (NOBRE, 2011, p. 45).

A partir das elucidações de Nobre fica claro como a Teoria Crítica faz o seu percurso através de textos de autores diversificados da chamada Escola de Frankfurt. Esta utiliza-se de reflexões presentes nas obras dos pensadores da Escola de Frankfurt em particular, Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamim, e situa-se em bases epistemológicas clássicas tais como: Max Weber (1864-1920), Kant (1724-1804), Hegel (1770-1831), Marx (1818-1883) e Freud (1856-1939). Tal teoria visa detectar as contradições presentes na realidade contemporânea, tensionando objetividade e subjetividade.

No campo marxista as obras *História e consciência de classe*, de Lukács (1885-1971), e *Marxismo e filosofia*, de Karl Korsch (1886-1961), tiveram grande influência sobre o pensamento dos teóricos frankfurtianos, que, segundo Jay (2008), assimilaram a dimensão filosófica dessas obras juntando-as às raízes hegelianas de esquerda. Algumas características como a natureza da razão, a dialética e a lógica substantiva aproximam a Teoria Crítica de um marxismo hegeliano, no entanto, Horkheimer contestou vários aspectos da teoria de Hegel, o principal foi a “afirmação de uma verdade absoluta” (JAY, 2008, p. 89). Horkheimer também criticou a teoria da identidade de Hegel.

O espírito, escreveu Horkheimer, não pode se reconhecer nem na natureza nem na história, mesmo que não seja uma abstração questionável, não será idêntico à realidade. Na verdade, não há pensamento como tal, apenas o pensamento específico de homens concretos, arraigados em suas condições socioeconômicas. Tampouco existe ser como tal, e sim uma multiplicidade de seres no mundo (JAY, 2008, p. 89).

O foco não seria o sujeito que conhece infinitamente e, portanto, pode ser pensado como idêntico ao absoluto. Para Hegel a consciência universal acredita ser única, aquela que ainda não conheceu a dúvida, quando essa primeira consciência se encontra com outra e faz a experiência da autorreflexão e descobre-se como uma

consciência particular, a negação do universal frente ao particular caminha até chegar ao absoluto. A verdade para Hegel seria o fim do trabalho realizado pelo pensamento. Desse modo a história contraditória faz-se necessária à vida do Espírito, nesse sentido, essa teoria é criticada pelos frankfurtianos porque é vista como uma forma de racionalização do sofrimento, em que a realidade é posta como igual a razão. A teoria da identidade fecha-se em um sistema que não permite a mudança, esta é a crítica dos frankfurtianos (MATOS, 2001).

Horkheimer, no texto “Filosofia e Teoria Crítica,”¹⁰ explica que esse pensamento considerado espiritual pelos idealistas alemães subordina a consciência a toda a atividade material, enquanto, na concepção materialista a atividade consiste na subordinação ao trabalho social. Nessa perspectiva, a Teoria Crítica vai buscar as condições de possibilidade de que o ser humano seja educado para uma consciência autônoma pelo “[...] esforço de criar um mundo que satisfaça às necessidades e forças humanas” (HORKHEIMER, 1991b, p. 70). Já a Teoria Tradicional persiste no interesse pelo conciliatório e pelo utilitarismo. É importante que esse sujeito conheça mais do que parcialmente o objeto como prescrito pela Teoria Tradicional, indo além de sua experiência com dados para não recair no Positivismo. De acordo com a Teoria Crítica, o objeto precisa ser mediado não apenas pela consciência do ser humano, mas também pela história, pelas condições socioeconômicas e políticas em que esse sujeito está inserido. Freitag afirma de Horkheimer e assim distingue as duas teorias:

Ao contrapor a filosofia de Descartes (teoria tradicional) ao pensamento de Marx (teoria crítica) descreve as características essenciais de cada vertente do pensamento, seus objetivos e sua forma de atuação, denunciando o caráter sistêmico e conservador do primeiro, e sublinhando enfaticamente a dimensão humanística, emancipatória do segundo (FREITAG, 1988, p. 37).

Entretanto, a reflexão sobre a problemática da razão não para por aí, uma vez que ela também é feita de forma enfática por Horkheimer e Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* lançada em 1947, nela se discute o profundo conflito entre dialética e positivismo. A ideia dos autores era de que a razão de alguma forma pudesse criticar e libertar o indivíduo conforme o ideal iluminista, mas a razão havia se curvado ao domínio do instrumental e chegou até a ser colocada a

¹⁰ Este ensaio foi publicado na coletânea editada por Alfred Schmidt em maio de 1968, escrito por Max Horkheimer (JAY, 2008).

serviço do nazismo na Alemanha. A tese discutida por Adorno em *A educação contra a barbárie* (2020) é justamente essa, de como as pessoas estando no seu mais alto desenvolvimento tecnológico não conseguiam ser civilizadas ao ponto de evitarem a barbárie.

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isso que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por essa prioridade (ADORNO, 2020, p. 169).

O conceito de barbárie para Adorno e Horkheimer coaduna com o conceito de Freud citado acima, diante disso, a barbárie seria condicionada pela falta de formação humana, ou uma formação regressiva influenciada e marcada pela indústria cultural. Adorno e Horkheimer (1985), discorrendo sobre a indústria cultural em sua obra *A Dialética do Esclarecimento* explicam que com a extinção dos resíduos pré-capitalistas, o fim do apoio dado pela religião e grande desenvolvimento da técnica, levaram a sociedade não a um caos cultural, mas a cultura da semelhança, que é o reflexo do poderio do capital e da capacidade dos veículos de comunicação em massa. A indústria cultural nivela os pensamentos e vontades dos indivíduos subtendo-os aos seus ditames, tornando esse processo de barbarização ainda mais acirrado “Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

A indústria cultural é um texto escrito por Adorno e Horkheimer (1985), que também se encontra no livro *A Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Segundo o texto o termo indústria cultural no início se tratava de uma expressão para designar a cultura de massa e foi substituída pelos autores que pretendiam dizer “[...] que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular” (ADORNO,

1986, p. 92). A indústria cultural deturpou a arte ao atribuir-lhe novas características, ela orquestra um plano de produção e adaptação de bens culturais aos seus consumidores, que, por conseguinte, também determina este consumo (idem, 1986).

A arte que antes se orientava pelo seu valor estético se vê reproduzida em uma escala de valor comercial, dessa forma, as pessoas que adquirem a cópia de uma obra de arte, por exemplo, não o fazem para terem prazer em possuir aquela obra, mas por necessidade de exibir o seu poder de compra, para serem aceitos no grupo que também compra a mesma mercadoria. O princípio que estabelece a indústria cultural na sociedade é o princípio da dominação pelo consumo dos produtos massificados, que significa estar na massa, ser aceito por ela, afinal, ninguém quer ser diferente. Freud (2011a) referendado em McDougall (1871-1938), em seu livro *The group mind*, já havia refletido acerca da condição para a formação de uma massa que perpassa pelo interesse comum e partilhado em um objeto. “A condição para que se forme uma massa, a partir dos membros casualmente juntados de uma multidão, é que esses indivíduos tenham algo em comum, um interesse partilhado por um objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação” (idem, p. 34).

Assim, a arte e a cultura forçam o mundo a passar pela ilusão das massas que consomem exasperadamente, tornando os indivíduos totalmente identificados com a ideologia dominante. O conceito de identificação foi criado por Freud com o seguinte sentido: “Já suspeitamos que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum” (FREUD, 2011a, p. 65).

Ainda sobre a identificação, esse conceito foi usado segundo Rouanet (1983, p. 122-123) por Freud para explicar a coerção que a sociedade exerce sobre o indivíduo.

A identificação, como se sabe, é um conceito central para a psicanálise, onde designa o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto ou atributo de outro, e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo deste último. Num certo sentido, a personalidade é a síntese de um processo de identificações sucessivas [...] também Freud usará a categoria da identificação para explicar o controle que a sociedade exerce sobre o indivíduo. É ela que levando à introjeção do Pai, cria a instância do Superego, por cujo intermédio se filtra a normatividade vigente. E é ela que investe as instâncias externas de dominação do prestígio e

da autoridade originalmente associadas à imagem paterna (ROUANET, 1983, p.p. 122-123).

A identificação é uma forma de ligação afetiva com o objeto escolhido, o indivíduo assume as características do objeto amado, no caso produzido e propagado pela indústria cultural para as massas. Por conseguinte, o que se vê, é uma multidão com os mesmos gostos e pensamentos. Sobre isso Freud ainda explica.

Ouvimos que a identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva; nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da regressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha do objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto. É digno de nota que nessas identificações o Eu às vezes copie a pessoa não amada, outras vezes a amada (FREUD, 2011a, p. 63).

O indivíduo na massa apresenta condições regressivas, passa a agir como a massa. “Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’” (FREUD, 2011a, p. 62). Os primeiros modelos de identificação são da criança com o pai e ou mãe, segundo Freud (2011a), a ligação afetiva pode surgir a qualquer nova perspectiva de algo em comum também com uma pessoa que não é objeto de seus instintos. Na massa esse processo de identificação toma por modelo os objetos projetados pela indústria cultural, de modo que a massa adquira objetos comuns de uso, assumindo padrões definidos pela indústria cultural e pelos líderes da massa.

A identificação encontra-se dessa maneira vinculada à autoridade, os comportamentos dos líderes são imitados e repetidos pelas pessoas, o problema é que muitas autoridades apresentam o chamado caráter autoritário segundo (Adorno, 2020, p. 138). “Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo novo. Por um lado, eles representam a identificação cega com o coletivo”. Ainda conforme Adorno (2020) os coletivos impõe o sofrimento a seus indivíduos e isso ao longo do tempo gera mais pessoas autoritárias e mais violência, ao ponto da educação aprovar a dor como forma de uma pretensa ideia de educação tradicional. “Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente” (ADORNO, 2020, p. 139).

Retomando os fundamentos da Teoria Crítica. Salienta-se que, além Marx, contribui com esta Teoria as reflexões feitas por Marx Weber (1864-1920), principalmente no que se refere ao conceito de dominação, que para os frankfurtianos é o contrário de emancipação.

Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis; disciplina é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas (WEBER, 2012, p. 33).

Os autores da Escola de Frankfurt defendiam uma autoridade racional e democrática que só seria realizada quando os indivíduos seguissem a própria razão, em um contexto de economia planejada e socialista, enquanto, os frankfurtianos criticavam Weber, mas não deixavam de lado alguns conceitos cunhados por ele, como por exemplo, o de dominação. Weber também acreditava em uma ciência social neutra e que o capitalismo era uma forma elevada de racionalidade econômica o que era inaceitável aos autores da Teoria Crítica (JAY, 2008). O conceito de dominação para Marx Weber era racional e legal:

Contudo o que Weber denominava racionalização era diferente do que pretendia dizer o Institut. Em síntese para Weber, a autoridade racional-legal significava a obediência a um sistema de regras coerente e abstrato, estabelecido mediante acordo ou imposição e implementado por uma equipe burocrática. A obrigação se dava para com as leis, não aos homens (JAY, 2008, p. 171).

Ainda segundo Jay (2008) à medida que o capitalismo avançava no modo monopolista, mais a autoridade política era reduzida e as instituições antes liberais e burguesas eram substituídas por instituições totalitárias. Marcuse em seu artigo intitulado “A luta contra o liberalismo na visão totalitária do Estado” (1934) trata do totalitarismo¹¹ como uma reação às tendências do liberalismo, devido ao processo de racionalização, à redução do pensamento, levando a natureza a ser colocada como a grande vilã, e o universal como superior ao indivíduo (JAY, 2008).

¹¹ “Totalitarismo é a forma de governo que em teoria não permite nenhuma liberdade individual e busca subordinar todos os aspectos da vida individual à autoridade do governo. O ditador italiano Benito Mussolini cunhou o termo ‘totalitário’ no começo da década de 1920 para descrever o novo estado fascista da Itália: ‘tudo no estado, nada fora do estado, nada contra o estado’. Durante a segunda guerra mundial, a expressão ‘totalitário’ transformou-se em sinônimo de governo de partido único, opressor e absoluto” (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1996, p. 137).

Percebe-se a preocupação dos frankfurtianos em compreender o aspecto subjetivo do processo político de dominação tratado pela a teoria de Weber, que, segundo Zanolla (2007) vai além da investigação científicista, por mais que seja nominalista, seus conceitos possibilitam apreender a constituição por cima da alternativa entre positivismo e idealismo, configurando que se refere a uma influência do pensamento kantiano.

Kant um dos mais importantes filósofos do pensamento crítico do século XVIII, apesar de ser criticado por Adorno (1995) por causa do seu esquematismo, trouxe uma contribuição significativa para essa Teoria. Quanto ao seu propósito, este, resume em restituir à filosofia sua estima perdida ao assumir a defesa da razão contra o ceticismo ao qual Kant não tinha nenhum apreço. Para este filósofo o importante era retornar à crítica nos moldes socráticos, ou seja, trata-se de um exame do que a razão pode fazer ou não, pois o essencial é não dizer o que não se sabe. (PASCOAL, 2011). O método kantiano é denominado de reflexivo justamente por conclamar o sujeito a voltar-se para si mesmo e realizar um exame crítico da sua razão.

O método transcendental kantiano postula a ideia que o objeto só pode ser conhecido com base na subjetividade do sujeito, o que faz com que Adorno (1995), concomitante ao estudo do materialismo, se debruce sobre as possibilidades transcendentais do objeto. Pois os limites da consciência sobre o objeto, seria a possibilidade de crítica aos fundamentos da experiência e da ciência em geral. (ZANOLLA, 2007).

A revolução copernicana de Kant pressupõe a substituição de uma hipótese idealista por outra realista, o realismo entende que o objeto nos é dado e o sujeito precisa conhecer essa realidade, conhecer é descrever o real sem a ação do sujeito, ou seja o objeto está posto. Enquanto no modelo idealista ocorre o contrário, para compreender melhor essa afirmação destaca-se a citação abaixo.

Até agora se assumiu que todo nosso conhecimento deve acomodar-se aos objetos; mas, nessa suposição, todos os tentames feitos para apurar sobre eles qualquer coisa *a priori* e por meio de conceitos, e deessarte ampliar o nosso conhecimento, não surtiram o menor resultado. Faça-se, pois, uma experiência, para ver se não seríamos mais bem-sucedidos nos problemas da metafísica, supondo que os objetos devem ajustar-se ao nosso conhecimento; isso já se avizinha mais daquilo que desejamos demonstrar, a saber: a possibilidade de um conhecimento *a priori* de tais objetos, pelo qual se estabeleça alguma coisa a respeito deles antes mesmo que nos sejam dados.

Ocorre aqui o mesmo que se deu com a primeira ideia de Copérnico: percebendo que não conseguia explicar os movimentos do céu admitindo que todo o exército das estrelas girasse em volta do expectador, tentou ver se não seria mais bem-sucedido fazendo girar o expectador e deixando as estrelas imóveis (KANT apud PASCOAL, 2011, p. 36).

Para Adorno (1995), se faz necessário conhecer o sujeito kantianamente é fazer o giro para o sujeito, além, de compreender os mecanismos de dominação salientados nessa teoria. “A ideia do giro copernicano apresenta a luta contra a inversão de valores relacionadas aos conceitos de idealismo e materialismo, sujeito e objeto, fazendo com que a realidade se confunda com ideologia” (ZANOLLA, 2007, p. 26). A ideologia deve ser desvelada nas contradições existentes na sociedade.

O desvelamento do caráter dominador abrigado no interior dessa ideologia alienadora torna-se, então, a tarefa fundamental da Teoria Crítica da Sociedade. Assim, pelo exercício do inconformismo, ou melhor, pela volta ao sujeito no seu contrário, segundo Kant (1996), ela salienta a necessidade de haver um trabalho atento de confronto com essa ciência que vem buscando camuflar o empobrecimento da cultura, por meio tanto da negação das contradições existentes nas sociedades como, ainda, pela idealização da racionalidade técnica impressa por ela (SCAREL, 2016, p. 121).

Os autores da Teoria Crítica não são de todo modo pessimistas, antes, acreditam que pela autorreflexão crítica explicitada por Kant, o sujeito torna-se capaz de tensionar a relação sujeito objeto. Isso traz à Teoria Crítica a possibilidade da “Práxis correta que mais uma vez indica a importância da teoria como guia da ação no pensamento do Institut” (JAY, 2008, p. 130). Segundo Jay (2008) em relação à idealização da práxis, a Escola de Frankfurt percebeu que o próprio marxismo se tornou uma ideologia e recusou as interpretações positivistas e deterministas acerca do método de Marx, pois a Teoria sempre prezou pela busca pela verdade. A Teoria Crítica também reconheceu que faltavam elementos para compreender e criticar principalmente as questões da dominação cultural e concentrou seus estudos “na estrutura e o desenvolvimento da autoridade, e a emergência e a proliferação da cultura de massa” (JAY, 2008, p. 131).

Contudo, para realizar essas análises sobre os mecanismos de alienação e a ideologia da sociedade administrada se fez necessária outra teoria que contemplasse a subjetividade e o Institut escolheu a teoria de Freud. A Psicanálise ampliou a possibilidade da Teoria Crítica de apreensão do indivíduo na sociedade.

A dominação e a exploração não precisam de nenhuma explicação psicológica. Somente quando perguntamos quais os mecanismos psíquicos, independentes de qualquer instância externa de poder, que levam a maioria oprimida a sujeitar-se à sua situação, a comprazer-se nela, a esquecer a origem da sua escravidão, a ignorar seu protagonismo histórico, a tornar-se patriótica somente então precisamos da psicologia (LORENZ apud ROUANET, 1983, p. 15).

Nesse aspecto Adorno (2020) utiliza da teoria de Freud para entender a antropologia do ser humano narcísico e destrutivo. O freudismo não é apenas uma influência que tangencia a Teoria Crítica, essa se constitui dentro da teoria, e se diferencia em cada autor, e pode ser percebida em todo o arcabouço teórico da Teoria Crítica, justificando-se dessa maneira a sua análise e compreensão, visando resistir a uma cultura de violência, e compromisso em favor de uma formação que prime pela emancipação¹² humana.

Quando os frankfurtianos voltam para a Alemanha na década de 1950, a influência de Freud continuou nos trabalhos dos autores da Teoria Crítica. Marcuse só se interessou pela Psicanálise ao chegar nos Estados Unidos, mas, diferentemente de Adorno e Horkheimer, ao examinar os obstáculos psicológicos às mudanças sociais que levaram os últimos a recuar à militância política, Marcuse se aventurou em um radicalismo utópico, a crença que o Eros poderia formar uma sociedade livre, fundamentada na ideia de que a instinto de morte não tem o objetivo de acabar com a vida mas com a dor, então o conflito entre vida e morte diminui à medida que seja possível a realização dos desejos e satisfações humanas (JAY, 2008).

Walter Benjamin é o teórico da “apreensão crítica de certos objetos, como a *imagerie*, as imagens dialéticas de Walter Benjamin, os fenômenos antes escamoteados sob a égide da falsa noção de *influência*” (ADORNO, 2015, p. 34). O filósofo que traz a experiência ligada à memória assim como para Freud as lembranças retomam o inconsciente, é preciso resgatar a aprendizagem pelo legado, e manter na mente a vivência da ancestralidade.

¹² Emancipação para Adorno (2020) remete-se ao ensaio de Kant chamado “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? Em que esse define a menoridade, e desse modo também a emancipação, “o homem é próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem.

A relevância das publicações dos autores da Escola de Frankfurt se dá previamente por criticar no sentido de buscar desmistificar os problemas da sociedade moderna. Mantendo-se fiel à uma dialética não conciliadora entre sujeito e objeto. A teoria crítica veio para criticar sistemas e pensadores na perspectiva do negativo para apontar a idealização que esconde o real dos fenômenos sociais. Ainda que não se tenha a dimensão do impacto do Instituto, as obras deixadas pelos seus autores têm ecoado pela dimensão do tempo e alcançando leitores em todas as partes do mundo, contribuindo para inúmeras pesquisas e trabalhos acadêmicos. Assim, também como a história da própria Escola que continuou a ser reescrita.

1.2 Freud e a Teoria Crítica Frankfurtiana

As linhas que se seguem não propõem apenas demonstrar as relações que tangenciam a Teoria Crítica e Freud, mas apontar a integração da Psicanálise nos registros frankfurtianos. Martin Jay (2008, p. 133), citando Philip Rieff, escreve: “Para Marx, o passado está prenhe do futuro [...] para Freud, o futuro está prenhe do passado”. Marx prescrevia a mudança, a revolução feita pelo proletariado estava sendo preparada para ocorrer no futuro, enquanto, que, para Freud, o futuro poderia ser mostrado observando o primitivo inconsciente. Adiante, o *Institut Für Sozialforschung* introduziu a psicanálise em sua teoria tendo como precursor Marx Horkheimer.

Sigmund Freud nasceu em 06 de maio de 1856 na cidade de Freiberg, na Morávia, uma pequena cidade da atual república Theca. De família judia, viveu a maior parte de sua vida em Viena para onde se mudou com 04 anos de idade, morreu em 23 de setembro de 1939 na Inglaterra, (FREUD, 2011b). Freud foi o primeiro aluno no ginásio durante sete anos, nunca precisou fazer provas, apesar da vida modesta da família, Freud foi privilegiado por poder se dedicar aos estudos. Por influência de Heinrich Braun¹³, que mais tarde se tornou um político famoso, estudou direito, no entanto, Freud era atraído pela teoria de Darwin e acabou-se matriculando em medicina, teve de enfrentar o preconceito por ser judeu e estrangeiro e desde cedo se acostumou a ser uma oposição em meio a maioria (FREUD, 2011b).

¹³ Heinrich Braun (1854-1927), amigo mais velho de Freud que fundara em 1883 o partido social democrata alemão (FREUD, 2011b, p. 78).

Os estudos de medicina foram feitos de forma negligente segundo Freud (2011b). Que era atraído pela psiquiatria, e em 1882 recebeu o título de doutor em ciências médicas, abandonou a carreira teórica no laboratório fisiológico de Ernst Brücke e foi para o hospital Geral como aspirante onde trabalhou com Meynert, datando dessa época os trabalhos com anatomia cerebral. Em 1885 obteve a docência em neuropatologia e conseguiu uma bolsa de estudos para Paris. Entrou como aluno da *Salpêtrière* famoso hospital psiquiátrico de Paris, escreveu uma carta para Charcot (1825-1893) para ser o tradutor de suas conferências alemãs. E Charcot aceitou sua oferta. Freud regressou à Viena em 1886 como médico dos nervos (FREUD, 2011b).

Através da influência de Breuer¹⁴ (1842-1925), Freud despontou para os trabalhos psicológicos das doenças nervosas e através dos estudos com Breuer foi criada a obra *Estudos sobre a Histeria* (2016) assinada pelos dois.

Não pretende examinar a fundo a natureza da histeria, apenas iluminar a gênese de seus sintomas. Nisso dá ênfase ao significado da vida afetiva, à importância de distinguir entre atos psíquico inconscientes e conscientes (ou melhor capazes de consciência), introduz um fator dinâmico, ao supor que um sintoma se origina do represamento de um afeto, e um econômico, ao considerar o mesmo sintoma o resultado da transformação de outra maneira (a chamada conversão). Breuer chamou nosso procedimento de catártico; o objetivo terapêutico explicitado era fazer com que o montante de afeto empregado na manutenção do sintoma, que caíra em trilhas erradas e nelas permanecera como que entalado, tomasse as vias normais, onde podia chegar à descarga (ab-reagir). O êxito do método catártico foi notável (FREUD, 2011b, p. 96).

Devido à grande resistência à hipnose e poucos resultados satisfatórios, Freud abandonou a hipnose e passou a utilizar outro método, isto é, o de associação livre ao qual denominou de Psicanálise. Nesse método o paciente fica livre para falar aquilo que vem a sua mente sem críticas, Freud acredita que as associações são trazidas pelas forças inconscientes da psique e cabe ao terapeuta interpretá-las (FREUD, 1978).

Com o advento da teoria da repressão, que se tornou o pilar da compreensão acerca das neuroses, o auxílio do método da associação livre e a arte da

¹⁴ Segundo Freud em sua *Primeira Lição de Psicanálise* (FREUD, 1978, p. 3) O Dr. Joseph Breuer, foi um médico em Viena que empregou pela primeira vez a psicanálise como método de tratamento de uma jovem histerica, ele e Freud publicaram juntos a obra *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895).

interpretação deu-se origem à Psicanálise. Freud não teve seguidores, esteve isolado em Viena durante muitos anos, no exterior não tomavam conhecimento dele até que um pequeno número de adeptos começou a se formar em volta dele, a partir de 1906 houve a notícia que psiquiatras de Zurique, Bleuler e seu assistente C.G. Jung estavam interessados na psicanálise.

Em 1908 amigos da na nova ciência reuniram-se em Salzburgo, combinaram a repetição regular de tais congressos privados e a publicação de uma revista, intitulada *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* [Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas] e editada por Jung. Os diretores eram Bleuler e eu; ela foi interrompida com o início da Guerra Mundial (FREUD, 2011b, p. 133).

A Alemanha também começava a descobrir a Psicanálise, e está se tornou objeto de muitas discussões e congressos, mas Freud lembra que a acolhida não era fácil, a própria Alemanha após tomar conhecimento da ciência foi unânime em rejeitá-la, o principal argumento contrário à compreensão desta parece ser o fato dos adversários de Freud acharem que a psicanálise era um produto da “fantasia especulativa, não querendo acreditar no longo, isento, paciente trabalho que fora necessário para sua construção” (FREUD, 2011b, p. 134-135).

Em Nuremberg (1910), organizou-se por sugestão de Ferenczi (1873-1933) uma Associação Psicanalítica Internacional que permanece até os dias de hoje, reunindo Viena, Berlim, Budapeste, Zurique, Londres, Holanda, Nova York, Pan-América, Moscou e Calcutá, o primeiro presidente foi Jung. Em 1909, Freud e Jung foram convidados para ir à América por G. Stanley Hall (1846-1924) reitor da Universidade de Clark, em Worcester, Massachusetts, ali Freud contava com 53 anos e pode então ministrar “As cinco lições de Psicanálise”, e essa não era mais considerada um delírio, mas uma realidade. Pois na Europa Freud se sentia desprezado, enquanto na América foram bem recebidos (FREUD, 2011b).

Desde nossa visita ela não perdeu terreno na América, tornou-se bastante popular entre os leigos e é reconhecida como importante elemento da instrução médica por muitos psiquiatras. Lá também sofreu muita diluição, infelizmente. Práticas incorretas, que não têm relação com ela, utilizam seu nome, e faltam oportunidades para uma formação adequada na técnica e na teoria. Além disso, na América ela se defronta com o behaviorismo, que, em sua ingenuidade, vangloria-se de haver descartado o problema da psicologia (FREUD, 2011b, p. 138).

A Freud era constantemente atribuída a culpa pela separação de seus antigos alunos como Jung, Adler, Stekel e uns poucos companheiros que deixaram Freud alegando intolerância por parte do pai da Psicanálise, enquanto, Abraham, Eitingon, Ferenczi, Rank, Jones, Brill, Sachs, pastor Pfister, Van Emden, Reik e outros continuaram com a mesma linha teórica de Freud. (FREUD, 2011b). Os pensadores que influenciaram Freud são descritos por ele em sua autobiografia:

Sempre fui receptivo às ideias de G. T. Fechner, e apoiei-me nesse pensador em alguns aspectos importantes. As profundas concordâncias entre a psicanálise e a filosofia de Schopenhauer – ele não apenas defendeu a primazia da afetividade e a extraordinária importância da sexualidade, como reconheceu inclusive o mecanismo da repressão – não podem ser atribuídas a meu conhecimento de sua teoria. Li Schopenhauer bastante tarde em minha vida. Nietzsche, o outro filósofo cujas intuições e percepções frequentemente coincidem de modo espantoso com os laboriosos resultados da psicanálise (FREUD, 2011b, p. 148).

A Psicanálise voltou-se para o estudo dos sonhos acreditando encontrar neles materializações do inconsciente e a partir desse momento essa transpôs o limite propriamente médico, e sua influência expandiu-se para áreas como a literatura, a história, a pedagogia, filosofia, e as artes também encontrou seu fazer poético: “Como o neurótico, o artista precisou retirar-se da insatisfatória realidade para esse mundo da fantasia, mas diferentemente do neurótico, soube encontrar o caminho” (FREUD, 2011b, p. 153).

Na literatura Freud salienta que uma série de sugestões da literatura universal originou-se do complexo de Édipo, ele explica que o fato de o herói errar sem saber ou contra sua vontade, na verdade, revela uma expressão da natureza inconsciente de seus impulsos.

Após compreender essa tragédia do destino bastava um passo para esclarecer a tragédia do caráter que é *Hamlet* que havia trezentos anos era admirada sem que se chegasse a determinar seu sentido e penetrar os motivos do poeta [...]. Desse ponto era natural proceder à análise do próprio fazer poético e artístico. Vimos que o reino da fantasia era um “território protegido”, criado na dolorosa transição do princípio do prazer para o princípio da realidade, a fim de tornar possível um sucedâneo para a satisfação instintual que teve de ser abandonada na vida real. Como o neurótico, o artista precisou retirar-se da insatisfatória realidade para esse mundo da fantasia, mas diferentemente do neurótico, soube encontrar o caminho de volta e novamente fincar os pés na realidade (FREUD, 2011b, p. 153-154).

O que a Psicanálise fez foi construir as constituições psíquicas das obras dos artistas, com esse objetivo Freud fez um estudo sobre o quadro *Sant'Ana a Virgem e o Menino* de Leonardo da Vinci e também da novela *Gradiva*, de Wilherlm Jensen (1837-1916), concluindo que na produção de uma obra literária assim como nos sonhos reais, atuam os mesmos aparatos do inconsciente. Desse modo, iniciada como uma simples terapia para tratamento das perturbações nervosas, a Psicanálise em pouco tempo transformou-se em uma teoria de investigação da mente humana.

Segundo Jay (2008) em 1928, Horkheimer, que já nutria um certo interesse pela Psicanálise, decidiu analisar-se e escolheu Karl Landauer (1887-1945), que havia sido aluno de Freud. Landauer foi convencido a criar o Institut Psicanalítico de Frankfurt, inaugurado em 16 de fevereiro de 1929, tornou-se a primeira instituição freudiana a ligar-se a uma universidade alemã. Juntos com Landauer vieram também Heinrich Meng, Eric Fromm, a esposa de Fromm, Frieda Fromm. Fromm tornou-se a figura mais importante do Institut e somente ele permaneceu ligado aos frankfurtianos no exílio nos EUA, onde se firmou como um conhecido revisionista¹⁵.

Pensar em uma relação entre Freud e Marx no fim da década de 1920 era um absurdo, até porque os conservadores consideravam que Freud era muito pessimista em relação a mudanças sociais diante do revolucionário Marx, mas o fato é que Trotsky (1879-1940), já havia demonstrado interesse na Psicanálise, Siegfried Bernfeld (1892-1953), Otto Fenichel (1897-1946) e Paul Federn (1871-1950), também já haviam manifestado interesse em um diálogo entre Freud e Marx (JAY, 2008).

Adorno recusava a psicologia acadêmica tanto quanto a psicologia experimental, procurou uma teoria tão distante da universidade quanto da tradição filosófica tradicional. Em 1925 “ele depara-se com a psicanálise como uma força emergente para as vanguardas artísticas, científicas e culturais (DUNKER, 2015, p. 13). Entre 1937 e 1949 Adorno tem seu segundo contato com a psicanálise, desta vez, nos Estados Unidos, onde essa estava em ascendência, porém tratava-se de um assunto polêmico e complexo no sentido político, os psicanalistas tinham de

¹⁵ “A tendência que Adorno designa como culturalista, neofreudiana ou mais especificamente revisionista tem em comum a objeção de que o pensamento de Freud era demasiadamente dependente de seu contexto de invenção: uma sociedade patriarcal, repressiva, cujo moralismo teria infiltrado nas concepções psicanalíticas [...] o termo escolhido por Adorno para caracterizar esta forma de psicanálise, ou seja revisionista, sugere uma analogia entre renovação do pensamento de Freud, feita pelos emigrados centro-europeus em solo americano, e as diferentes interpretações de Marx, feitas pelos partidos comunistas” (DUNKER, 2015, p. 15).

estabelecer a psicanálise como ciência e ao mesmo tempo abarcar teorias americanas da psicologia, da medicina e da antropologia. Nesse contexto, a psicanálise começa a desdobrar-se em incontáveis estilos e concepções teóricas (DUNKER, 2015).

Fromm introduziu o conceito de especificidade ressaltando as diferenças entre grupos sociais manifestou interesse pela psicologia social e recusou alguns conceitos de Freud como das pulsões de vida e morte, Fromm usou a teoria matriarcal de Bachofen¹⁶ para negar a universalidade do complexo de Édipo. Por contestar essas e outras concepções freudianas ortodoxas. Fromm foi chamado de revisionista (JAY, 2008). A principal crítica dos revisionistas era a postura burguesa, patriarcal e autoritária de Freud.

Em 1939 Fromm desliga-se do Institut depois de contribuir com a pesquisa *Estudos sobre a autoridade e a família* publicada em 1936 e passou a dedicar-se ao trabalho clínico e depois de sua saída os frankfurtianos não gastaram tempo discutindo seus textos. (JAY, 2008). Löwenthal foi procurado pelo psicólogo Ernst Kris, sobre a posição do Institut para com Freud, Horkheimer respondeu da seguinte maneira:

Acho que você deve ser simplesmente positivo. De fato, temos uma profunda dívida para com Freud e seus primeiros colaboradores. Seu pensamento é uma das *Bildungsmächete* [pedras angulares] sem as quais a nossa filosofia não seria o que é. Apercebi-me novamente da grandeza dele nas últimas semanas. Você deve estar lembrado de que muitas pessoas dizem que o método original dele era particularmente adequado à sofisticada classe média vienense. Isso, é claro, é totalmente falso como generalização, mas contém um certo ceticismo que em nada prejudica a obra de Freud. Quanto maior é uma obra, mais ela se enraíza em uma situação histórica concreta (HORKHEIMER apud JAY, 2008, p. 150-151).

Retomando, salienta-se que dois marcos históricos formaram o pano de fundo para o diálogo de Marx e Freud na Teoria Crítica, que foram a revolução bolchevista, em 1917, e a chegada de Hitler ao poder em 1933. Na União da República Socialista Soviética a revolução foi possível mesmo mediante o atraso econômico do país, enquanto, na Alemanha apesar da alta industrialização e de um proletariado numeroso, a revolução socialista não ocorreu. Na verdade, houve um apoio maciço ao partido nacional socialista que culminou com a vitória de Hitler ao poder. Diante

¹⁶ Johann Jacob Bachofen, um teórico suíço do século XIX que estudou sobre a cultura matriarcal (JAY, 2008).

de tal assimetria o marxismo vulgar fornecia explicações insuficientes, o que resultou na busca pela Psicanálise para oferecer instrumentos para compreensão de como a ideologia burguesa havia penetrado na consciência proletária ao ponto de deixar a objetiva pauperização e a conceituação da doutrina marxista em apoio ao fascismo na Alemanha (ROUANET, 1983). Foi nesse contexto que a psicanálise foi chamada a explicar a ação da classe operária, por que o proletário fazia escolhas políticas que não condiziam com sua realidade?

A psicanálise é convocada para explicar a ação irracional da classe operária, isto é a circunstância de que suas ações políticas contradizem diretamente os seus interesses de classe. A realidade, materialmente opressora, impunha uma política revolucionária; a ideologia tentava neutralizar, num sentido conservador, os impulsos contrários ao *status quo*; o fato a ser explicado consistia na vitória excessivamente fácil da ideologia sobre a realidade, explicação que o marxismo clássico não tinha condições de fornecer, e que foi encontrada no freudismo (ROUANET, 1983, p. 71).

Em um primeiro momento da grande depressão o problema era explicar o porquê “a população materialmente pauperizada dizia sim ao sistema responsável por essa pauperização” (ROUANET, 1983, p. 71). Essa realidade opressora era o próprio mecanismo de crítica pois a ideologia tentava anular a política revolucionária baseada no fato do sofrimento e da injustiça social serem motivos suficientes para uma mudança política.

Os frankfurtianos, no entanto, tentavam obter respostas em um contexto pós-guerra, em que a realidade deixou de ser miserável para um estado de muita abundância devido às políticas públicas intervencionistas na economia. Nesse estágio a realidade não pode mais contradizer a ideologia, pois a ideologia confunde-se com a realidade unidimensional¹⁷, agora importa descobrir o que está por trás dessa camuflagem que cobre o real, em que a contradição é silenciada e se instala o repouso da síntese (ROUANET, 1983).

No passado, a falsa consciência levava à aceitação do sofrimento, em nome de uma ideologia legitimadora desse sofrimento; hoje, a falsa consciência consiste em obliterar a própria noção de sofrimento. No primeiro caso a alienação era legitimada; no segundo,

¹⁷ Unidimensional é termo usado na obra de Marcuse (2015, p. 21). “No uso de Marcuse, o adjetivo “unidimensional” descreve práticas que se conformam a estrutura preexistentes, normas e comportamentos, em que contraste com o discurso multidimensional, que focaliza possibilidades que transcendem o estado de coisas estabelecido”.

a própria consciência da alienação é suprimida (ROUANET, 1983, p. 73).

Entre os pensadores da Escola de Frankfurt havia uma tendência a não acreditarem na síntese, pois seus pensamentos distinguiam-se do pensamento dos freudo-marxistas justamente por não acreditarem que o freudismo completa o marxismo e vice-versa. Nesse sentido, a psicanálise só pode desempenhar sua crítica da cultura “se mantiver a postura de integridade e autonomia de seu discurso, distinguindo-se nisto, dos freudo-marxistas” (ROUANET, 1983, p. 74).

Retomando a perspectiva da Teoria Crítica, esclarece-se que esta utiliza-se das categorias freudianas e marxistas para fazer a crítica ao seu objeto que é a cultura, assim, pelo movimento dialético, os frankfurtianos criticam a cultura por meio da psicanálise, e, também, criticam a própria psicanálise, rejeitando qualquer tentativa de totalização. “O todo é o não verdadeiro” (ADORNO, 2008a, p. 46).

A intersecção entre a Teoria Crítica e a teoria freudiana ocorre em três aspectos, segundo Rouanet (1983), no epistemológico, no metodológico e no filosófico. No primeiro, as duas correntes são hostis ao positivismo, pois não compreendem seu objeto como um dado, mas como o produto da história, no plano metodológico as duas teorias utilizam-se da crítica imanente, que tem por pretensão depreender a verdade da ideologia e denunciar sua falsidade, e a não idealização do objeto. E, por último, o filosófico, que se refere à questão da não identidade, pois, dialeticamente, não há conciliação em Freud ante a realidade pulsional e as exigências da cultura. Desse modo, o marxismo desnudou a razão capitalista e a Psicanálise desnudou a consciência irracional.

A realidade pulsional liga-se a ao fenômeno das pulsões, segundo Freud (2021b) o aparelho psíquico sofre tensões ou excitações através de forças que ele entende como desprazerosas, ocorre então uma luta de forças para deixar a situação estável, ou seja para manter baixo o nível de excitação e diminuir o desprazer. “As forças que supomos haver por trás das tensões geradas pelas necessidades denominamos de *Trieb* [instintos, impulsos, “pulsões” etc.] (FREUD, 2018, p. 195). Existem vários instintos que podem desviar-se da sua meta como na caso da repressão ou da sublimação. De acordo com Freud (2018, p. 195-196) ele optou pela decisão de considerar dois instintos principais, conforme a citação a seguir:

Após muito hesitar e oscilar, decidimos supor a existência de apenas dois instintos fundamentais, *Eros e instinto de destruição*. (Ainda se inclui dentro de Eros a oposição instinto de autoconservação-instinto de conservação da espécie, assim como a de amor do Eu-amor objetal.) A meta daquele é estabelecer unidades cada vez maiores e assim mantê-las, isto é, a ligação do segundo, ao contrário, é dissolver nexos e, assim, destruir coisas. No caso do instinto de destruição, podemos imaginar que sua meta derradeira seria fazer o que vivo passar ao estado inorgânico. Por isso também o chamamos de *instinto de morte*.

O destino das pulsões está intimamente ligado ao comportamento da libido no Eu. Como por exemplo “quando o Super-eu é instituído, consideráveis montantes do instinto de agressão são fixados no interior do Eu e lá atuam de forma autodestrutiva.” (FREUD, 2018, p. 197). Essa é a grande questão discutida por Freud (2010) de que a origem da civilização está baseada na cultura, mas a própria cultura reprime seus indivíduos causando-lhe um mal-estar que redunde na agressividade e na barbárie.

A teoria do narcisismo também encontra suas origens no fato de que toda a libido é armazenada no Eu, que Freud (2018) chama de narcisismo absoluto ou primário, a medida que, o Eu começa a destinar sua libido aos objetos essa libido se transforma em libido objetal e desse modo, o indivíduo consegue estabelecer relações com outras pessoas. Portanto, entende-se dessa maneira, a importância da teoria dos instintos e das pulsões para a compreensão das relações culturais estabelecidas na sociedade incluindo os fenômenos característicos da formação e da educação.

No passado a coesão social era conseguida através da adesão do indivíduo ao sistema, por meio da repressão e do controle dos impulsos do Id pelo Ego e Superego, esses compõem a instância criada por Freud para explicar a mente humana, “O Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Id, que contém as paixões” (FREUD, 2011b, p. 31). O super-eu é o algo elevado no ser humano, representante da relação com os pais e crítico do Eu (Idem, 2011b). No contexto do capitalismo concorrencial a família burguesa produzia personalidades suficientemente fortes e autoritárias espelhadas na figura do pai, para funcionar na sociedade como pessoas competitivas e fortes no processo de individuação do capitalismo e ao mesmo tempo pessoas obedientes a autoridade do mercado. A integração do indivíduo ao todo se fazia pela mediação do Superego.

Na atualidade a adesão social depende não mais da repressão, mas da liberação do Id. A sociedade administrada manipula totalmente o indivíduo de modo que ele se identifica com o todo e se torna massa, totalmente alimentada pela indústria cultural (ROUANET, 1983). “As sucessivas identificações acabam conduzindo, através da identificação com o produto cultural, por sua vez idêntico à vida, à identificação final com o mundo tal como é (idem, p. 138). A indústria cultural pode ser melhor explicada por Adorno e Horkheimer no texto abaixo.

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre pouco centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistência (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Para Adorno e Horkheimer a projeção é um conceito psicanalítico também considerado relevante para a análise da realidade, principalmente na questão do preconceito e do extremismo existente na sociedade.

Segundo a teoria psicanalítica, [...] a projeção patológica consiste substancialmente na transferência para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito. Sob a pressão do Superego, o ego projeta no mundo exterior, como intenções más, os impulsos agressivos que provém do id e que, por causa de sua força, constituem uma ameaça para ele próprio (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17).

A projeção no sentido psicanalítico e a expulsão pelo sujeito de tudo aquilo que não aceita em si mesmo é um mecanismo de defesa pelo qual o indivíduo desloca para fora os desejos que reprime¹⁸ na tentativa de fugir deles. A percepção do objeto pelo sujeito significa em certo sentido, projetar. O ser humano apreende a distinção entre o interior e o exterior, entre a consciência de si e consciência do outro. A falsa projeção ou projeção patológica, assim corresponde a ausência de

¹⁸ Repressão “[...]. Aqui a repressão opõe-se, sobretudo no ponto de vista tópico, ao recalque. Neste, a instância recalcante (o ego), a operação e o seu resultado são inconscientes. A repressão seria, pelo contrário, um mecanismo consciente atuando no nível da ‘segunda censura’, que Freud situa entre o consciente e o pré-consciente; tratar-se ia de uma exclusão para fora do campo de consciência atual, e não da passagem de um sistema (pré-consciente – consciente) para outro (inconsciente)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 458).

reflexão, que foi revelada no comportamento antissemita e que é explicado na citação a seguir a partir do texto “Elementos do Antissemitismo” (1985).

O antissemitismo baseia-se numa falsa projeção. Ele é o reverso da mimese genuína, profundamente aparentada à mimese que foi recalcada, talvez o traço caracterial patológico em que está se sedimenta. Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, estranho tornando-se familiar, a segunda tras põe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil. Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 154).

Na projeção patológica o indivíduo dota o mundo de tudo aquilo que esta nele mesmo, o problema não é o comportamento projetivo, mas o fato de o sujeito não conseguir realizar a reflexão e projetar “a sua própria infelicidade, cujos motivos se encontram dentre dele mesmo, mas dos quais se encontra separado em sua falta de reflexão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 179).

A projeção falsa segundo Rouanet (1983) estabelece-se por meio de duas formas: Quando o sujeito não recebe nenhum material de fora, porque o sujeito perdeu a capacidade de apreender o seu mundo externo, e também de perceber a si próprio. A outra maneira seria quando esse sujeito recebe algo do mundo exterior e os devolve sem acrescentar nada de si, julgando estar sendo objetivo, não ousa refletir, apenas transmite o seu objeto. Este é o esquema do positivismo. O sujeito já perdeu sua autonomia e fundiu-se ao objeto que já se encontra anulado. “Mas essa fusão já está em grande parte concluída. O sujeito perdeu sua autonomia, e o mundo não tem outros contornos que os que ele próprio oferece à visão, que se esgota na visão positivista” (ROUANET, 1983, p. 150). Desse modo, o indivíduo na falsa projeção, projeta apenas o idêntico, aquilo que já foi orquestrado pela indústria cultural, por isso a consciência humana se reifica.

O Iluminismo na tentativa de desvencilhar-se do mito e desmitificar o mundo trouxe o esquecimento do gesto inaugural da cultura, que é a tentativa de uma vida civilizada e supostamente mais humana, nesse sentido, a história perdeu suas relações com a realidade e o sujeito seu vínculo reflexivo. Na tentativa de se desfazer das ilusões, a consciência positivista revogou a memória e desencantou o mundo. “[...] a desmistificação frankfurtiana consiste em desmitificar os

desmistificadores, mostrando na própria compulsão de desmistificar, a angústia iluminista primordial, que se manifesta no medo da transcendência” (ROUANET, 1983, p.p. 155-156).

O termo desmistificação talvez retrate com maior profundidade os objetivos tanto da Psicanálise como da Teoria Crítica, eis aqui uma comparação sobre a relação fundamental entre as duas, interpretar as lacunas do passado para restituir à memória e desmitificar a realidade. A primeira interpreta as significações inconscientes trazidas à consciência por um processo de rememoração, dessa maneira, descobre-se as fantasias recalçadas¹⁹ e seus fundamentos. A segunda interpreta as ilusões encobertas pelas ideologias observando o processo histórico e dinâmico da sociedade e respondendo à pergunta qual a objetividade do “desejo” desse indivíduo ou coletivo e sua relação com a verdade?

Para se compreender a reflexão de Adorno e Horkheimer sobre a cultura é preciso saber que o código para se decifrar a cultura encontra-se nas categorias da psicanálise, enquanto, particular, e das categorias marxistas como linguagem do Todo na teoria da formação da personalidade (ROUANET, 1983).

O particular diz tudo sobre si mesmo e sobre o Todo, com a condição de deixar de ser, simplesmente, o particular. Em termos menos abstratos, isto significa que a Teoria Crítica pode permitir-se sem psicologismo, descrever a cultura segundo conceitos psicanalíticos, assim, como pode, sem sociologismo, utilizar categorias marxistas em sua teoria da formação da personalidade. A formação do indivíduo através da cultura e a reprodução da cultura através do indivíduo fazem parte do mesmo movimento. Movimento pelo qual o indivíduo se apropria da cultura, através do processo da socialização, transformando-se, *strictu sensu*, num indivíduo, e pelo qual a cultura se perpetua, reproduzindo-se, geração após geração, nas consciências individuais. Por isso, a linguagem do Todo – a sociologia – e a do particular – a psicanálise – são mutualmente traduzíveis (ROUANET, 1983, p. 120).

Diante dessa argumentação percebe-se que a teoria de Freud assim como a de Marx desvenda os determinantes das relações sociais que afetam os aspectos materiais e subjetivos da sociedade. E, nesse contexto, é essencial, que a Teoria Crítica analise o desenvolvimento da sociedade a partir da educação e da formação

¹⁹ Recalçadas refere-se ao termo recalque utilizado por Freud para designar: “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (LAPLACHE; PONTALIS, 1999, p. 430).

cultural, cujo problema central configura-se no grande desenvolvimento técnico e científico que não se fez acompanhar-se por processos humanizantes, pelo contrário, mas por processos irracionais como Auschwitz. De acordo com Maar (2020), o processo que dá sobrevivência aos indivíduos é o mesmo que constitui a sua barbárie, e nesse processo, a formação educacional pode revelar-se a crise mais expressiva da crise da sociedade contemporânea. No tocante à educação, tratar-se à a seguir.

1.3 Educação em interface com a teoria freudiana: notas sobre *Educação e Emancipação*

Indubitavelmente a leitura da obra adorniana evidencia que Freud possui grande relevância nas suas ideias. Isso pode ser constatado na obra *Educação e emancipação* (2020), escrita por este frankfurtiano. Daí este trabalho procurar estabelecer uma intersecção entre a educação, Adorno e Freud. Para tanto, procurar-se-á privilegiar os seguintes textos: O prefácio da obra *Educação e Emancipação* (2020), que foi escrito por Wolfgang Leo Maar, denominado de “À guisa de introdução”, O que Significa Elaborar o Passado; Educação após Auschwitz; Educação para quê; A educação contra a barbárie, Educação e Emancipação; em intertextualidade com as obras de Freud²⁰.

Tendo em vista tais fundamentos, entende-se que a leitura da obra freudiana se torna pertinente, em especial, para se compreender a crise na educação contemporânea. Por que falar em crise educacional no contexto contemporâneo? A obra *Educação e Emancipação*, de Adorno (2020), reflete sobre a questão educacional e formativa, pondo em relevo uma reflexão sociológica, política e filosófica na Alemanha do seu tempo. “Em Adorno a teoria social é na realidade uma abordagem formativa, e reflexão educacional constitui uma focalização político-social. Uma educação política” (MAAR, 2020, p. 15). O problema central seria o confronto à uma forma social calcada no capitalismo e na exploração do trabalho que não se empenha em resolver problemas tais como: a fome, barbárie ou os desafios da educação.

²⁰ *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos* (1930-1936) (FREUD, 2010a); *Psicologia da Massas e Análise do eu e Outros Textos* (1920-1923) (FREUD, 2011a).

Crise seria o sinônimo de uma educação contraditória, pois, por um lado, o desenvolvimento científico e técnico da sociedade possibilita grandes avanços da técnica e do conhecimento, por outro, esse processo acaba esgotando a subjetividade, levando-a à regressão²¹. Trata-se, como se pode ver, de uma perspectiva que nem sempre conduz à autonomia, podendo, dessa forma, conduzir à barbárie, conseqüentemente, causando impedimentos à educação emancipatória. Freud (2014) ratifica esse argumento apontando que a contradição está presente na cultura. Na sua visão, “[...] toda cultura se baseia na coação ao trabalho e na renúncia aos instintos e, portanto, inevitavelmente provoca a oposição daqueles atingidos por tais exigências” (FREUD, 2014, p. 239). Ao domar os impulsos a cultura constitui-se na sublimação de todas as realizações humanas, é a fuga do estado de brutalidade para a humanização, e a manifestação de ilusões para conter os instintos e dominar a natureza. Assim, Freud descreve a cultura:

A cultura humana – refiro-me a tudo aquilo em que a vida humana se ergueu acima de suas condições animais e que se diferencia da vida animal – e eu me recuso a distinguir cultura de civilização – apresenta notoriamente, dois aspectos àquele que a observa. Por um lado, abrange todos os conhecimentos e habilidades que os homens adquiriram para controlar as forças da natureza e dela extrair os bens para a satisfação das necessidades humanas; e por outro lado, todas as instituições necessárias para regulamentar as relações entre os indivíduos e, em especial, a distribuição dos bens obteníveis. Essas duas faces da cultura não são independentes uma da outra; primeiro porque as relações recíprocas entre os indivíduos são profundamente influenciadas pelo grau de satisfação instintual que os bens existentes possibilitam; em segundo lugar, porque o próprio indivíduo pode assumir a condição de um bem na relação com o outro, uma vez que este utilize a sua força de trabalho ou o tome como objeto sexual; e, em terceiro lugar, porque todo o indivíduo é virtualmente um inimigo da cultura (FREUD, 2014, p.p. 233-234).

Verifica-se, nesse sentido, que a formação do indivíduo na sociedade contemporânea é perpassada por essa cultura contraditória, a qual está calcada na ideologia da dominação. Tal ideologia tem levado a minoria dominante a submeter a

²¹ “Num processo psíquico que contenha um sentido de percurso ou de desenvolvimento, designa-se por regressão um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse. Considerando o sentido tópico, a regressão se dá, de acordo com Freud, ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente segundo determinada direção. No seu sentido temporal, a regressão supõe uma sucessão genética e designa o retorno do sujeito a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações, etc.). No sentido formal, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 440).

maioria dominada aos seus ditames, tornando a cultura mesquinha e bárbara. Isso é elucidado por Maar (2020, p. 20) da seguinte maneira:

As relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e social, mas também interagem no plano da subjetividade, onde originam relações de dominação. Ao lado da identificação entre ciência e forças produtivas, já assinalada, a integração social das classes trabalhadoras, a manipulação das massas no nazifascismo e a expansão das sociedades consumistas seriam exemplos concretos dessas formas de dominação (MAAR apud ADORNO, 2020, p. 20).

Segundo Maar em Adorno (2020). No capitalismo tardio²² a indústria cultural manipula a estrutura cultural subordinando-a de uma forma racional a quase todos os objetivos econômicos e políticos. Verifica-se, assim, que toda a racionalidade estratégica da técnica é inserida nos bens culturais que se convertem em mercadoria. Dessa forma, “[...] a indústria cultural é a cultura totalmente convertida em mercadoria, no plano da totalização da estrutura da mercadoria e na formação social” (MAAR, 2020, p. 24). Nesse modelo de sociedade, a cultura do extremismo e os limites impostos pela indústria cultural, tem destruindo a experiência formativa, pois a mimese imposta pela indústria cultural impede que o sujeito se transforme em contanto com o seu objeto, dessa maneira, o imediatismo e a fragmentação da realidade se impõe sobre o indivíduo (ADORNO, 2020).

Quanto ao conceito da Teoria da pseudoformação: a formação se vê submetida à cultura: Ocorre uma interferência na apreensão da sociedade pelos seus sujeitos pelo mecanismo da “semiformação”: seja com conteúdo irracionais, seja com conteúdo conformistas. No primeiro caso propiciando um comportamento contra a razão e no segundo instituindo um eu fraco capaz de identificação com a massa assumindo assim, a irracionalidade da sociedade capitalista tardia (ADORNO, 2020).

Auschwitz foi provocado por uma razão irracional, cujos participantes trabalhavam em prol de uma racionalidade para a morte. Essa é a crítica de Adorno a uma formação que não se importa com o humano, antes se preocupa apenas com

²² Capitalismo tardio é o título dado a Conferência inaugural do 16º Congresso dos Sociólogos alemães em 1968, a temática original do congresso foi proposta por Otto Stammer, e o título atua cristalizou-se por um trabalho em equipe. “Exposições e debates deverão ajudar a esclarecer se o sistema capitalista ainda domina de acordo com o seu modelo, independentemente de como se tenha modificado, ou se com o desenvolvimento industrial o próprio conceito de capitalismo, a diferença entre Estados capitalistas e não capitalistas, e até mesmo a crítica ao capitalismo tornaram-se obsoletos” (ADORNO, 1986, p. 63).

o instrumental e com a eficiência, colocando a técnica à frente em detrimento da formação humana. Retomando Kant, em seu ensaio “Resposta à pergunta: O que é esclarecimento”? Define a menoridade, e, portanto, a emancipação, como um estado em que o indivíduo não depende da orientação de outrem. “Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em servir de seu próprio entendimento” (ADORNO, 2020, p. 185). Desse modo, Adorno (2020) referendando-se em Kant, ressalta que a emancipação é uma categoria dinâmica. Isso porque, o processo de esclarecimento está ligado a uma contínua construção. Para Kant (2005), a época em se vive não é esclarecida, mas certamente está-se em uma época de esclarecimento.

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem (KANT, 2005, p. 63).

Adorno (2020) baseado em Kant (2005) trabalha o conceito de emancipação que pode ser compreendido como uma característica de quem é emancipado, e por conseguinte um sujeito esclarecido. A obra de Adorno (2020). *Educação e Emancipação*, a qual vai priorizar o conceito de emancipação, constitui-se de quatro conferências escritas pelo autor e quatro conversas com Hellmut Becker (1913-1993) e Gerd Kadelbach (1919-1996) que foram transcritas. Os diálogos foram organizados pela Divisão de Educação e Cultura da Rádio do Estado de Hessen na Alemanha, as gravações foram feitas para a série “Questões educacionais da atualidade” no período de 1959 e 1969, ou seja, durante dez anos, isto é, pelo menos uma vez por ano, Adorno contribuiu para o debate acerca de temas educacionais. Em 16 de julho de 1969, Adorno esteve pela última vez na sede da Radio de Frankfurt, com Hellmut Becker diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Sociedade Marx Planck, a conversa recebeu o título de “Educação e emancipação”, que, para Adorno, tem o sentido de Educação para à política (ADORNO, 2020).

No ensaio supracitado, Adorno escreve que a “exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia” (ADORNO, 2020, p. 185). Nesse ensaio o problema da emancipação, segundo Adorno, é que na literatura pedagógica não há

a tomada de posição definida acerca da questão da emancipação, o que existe são conceitos ontologicamente ornamentados por outros conceitos como os de autoridade e de compromisso, isso, de certa forma, impede os pressupostos de uma democracia. Na concepção de Adorno (2020), o problema da emancipação naquele momento histórico, também não seria específico da Alemanha, mas internacional.

Sendo assim, para este frankfurtiano, a perspectiva da emancipação esta inter-relacionada com o de autonomia que, também, não é oposto ao conceito de autoridade. Ele exemplifica que ocorreram alguns abusos sobre este último e destaca que “Em primeiro lugar autoridade é um conceito essencialmente psicossocial, - que não significa imediatamente a própria realidade social”. (ADORNO, 2020, p. 193). Desse modo, o conceito de autoridade adquire seu significado de acordo com seu contexto social.

Com referência à autonomia, Adorno afirma que o processo de socialização na primeira infância é o ponto confluyente no qual o ser humano converte-se em um ser humano autônomo. Esse processo foi denominado por Adorno (2020) como o desenvolvimento normal pelo qual as crianças se identificam com o pai, interiorizam essa autoridade, para mais tarde se libertarem dela para seguirem como pessoas emancipadas (idem, 2020).

A autoridade é uma questão bastante discutida por Adorno e também por Freud, sabe-se que a criança que se identifica com o pai, portanto, uma autoridade, na adolescência percebe que o pai não é tudo aquilo que ela idealizava, então, agora ele terá que se libertar-se dele por meio de um processo de desvinculação. No entanto, esse caminho também perpassa pela relação com a autoridade, pois é a partir dela que a criança vai encontrar referenciais para a formação da sua própria identidade. A família, assim como todas as outras instâncias formativas, tais como a escola, o trabalho, a igreja, vão utilizar-se de figuras de autoridade, e a criança vai formar seus padrões culturais tendo como base a sociedade na qual ela está inserida.

A perpetuação da barbárie na educação está intimamente ligada ao princípio da autoridade, por isso é importante “a renúncia ao comportamento autoritário e à formação de um supereu rigoroso, estável e ao mesmo tempo exteriorizado” (ADORNO, 2020, p. 181). Daí a necessidade de se buscar uma autoridade esclarecida, segundo Adorno (2020), mediante o exercício de uma autoridade no processo formativo do indivíduo, desde que essa não se faça às cegas.

A criança precisa, então, ser tencionada²³, a fim de serem evitados os comportamentos que reforçam a violência e os processos de barbarização. A partir desse princípio o modo pelo qual o ser humano se torna uma pessoa autônoma não reside no protesto contra a autoridade, mas em uma formação que não reprima demais a criança, ou que não a deixe a vontade para realizar tudo o que deseja e no futuro tornar-se um adulto egoísta, que vai repetir os padrões de autoritarismo e violência.

Para Adorno (2020), a menoridade pode ser gerada por problemas detectados nos mecanismos de identificação com a autoridade, principalmente a relacionada aos pais, a maioria dos processos de identificação deixa suas marcas. Incontáveis pessoas não conseguem se libertar das identificações mal realizadas, como, por exemplo, aquelas pessoas que interiorizam o pai agressivo e dominador, pois resistem a esse aspecto, assim, também, muitas pessoas não conseguem interiorizar tais modelos em que os pais apenas representam ser adultos, e não o são na realidade.

Desse modo, Adorno (2020) referendando-se em Kant chega a um ponto crítico dessa discussão, dizendo que não se está em uma época esclarecida, mas em uma época de esclarecimento. Dessa maneira, a categoria de emancipação não é uma categoria estática, mas dinâmica e, portanto, possível de acontecimentos. O autor ainda ressalta que são muitas as dificuldades que se opõem à emancipação, desde a pressão exercida sobre pessoas pelo mundo organizado, até a o controle da subjetividade pela indústria cultural. Assim, a maneira de se começar a implantar a emancipação seria “despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado” (ADORNO, 2020, p.p. 200-201). O filósofo conclui dizendo que a emancipação deve ser elaborada em todos os planos da vida, e a sua concretização efetiva se dá pela educação.

[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a

²³ A tensão pode ser melhor compreendida a partir do conceito de pulsão dado por Laplace e Pontalis (1999, p. 394) que significa o “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão): ou seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional: é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”.

sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência (ADORNO, 2020, p. 200).

“Educação para quê?” É o título de outro ensaio de Adorno (2020) na obra *Educação e emancipação*, nele o autor deixa claro que ao abordar este tema, acima não está questionando para que fins a educação ainda seria necessária, mas sim para qual objetivo a educação deveria se conduzir. Para Adorno (2020) a educação deve ter como objetivo a produção de uma consciência verdadeira. Trata-se de uma perspectiva como se pode observar, tanto política como emancipatória.

Isso seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada como uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 2020, p.154).

Para este frankfurtiano, hoje lamentavelmente as sociedades têm caminhado na direção contrária à emancipação. A partir dos estudos de Adorno (2020, p. 155): “a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação.” Outra questão pensada por Adorno (2020) é que existe no conceito de educação uma ambiguidade entre consciência e racionalidade, pois se trata de uma educação voltada para a adaptação ao mundo do trabalho, que se impõe de uma maneira muito dolorida aos indivíduos. A esse processo Adorno (2020) chama de realismo supervalorizado ou pseudorealismo. “[...] eles precisam impor a adaptação a si mesmos e, de um modo dolorido, exagerando o realismo em relação a si mesmos, e nos termos de Freud, identificando-se ao agressor” (idem, p. 157).

Um dos motivos de o ser humano se submeter à influência externa decorre da dependência dos outros. Freud (2010a) explica que a melhor designação para essa dependência se baseia no medo da perda do amor do outro, submetendo-se em alguns casos aos castigos exercidos por essa autoridade por medo da perda do amor. Para o autor da Psicanálise:

O sentimento de culpa, a dureza do super-eu, é então o mesmo que a severidade da consciência, é a percepção que tem o eu de ser vigiado assim, a apreciação da tensão entre seus esforços e as exigências do Super-eu, e o medo ante essa instância crítica (subjacente à relação inteira), a necessidade de castigo, é uma expressão instintual do Eu, que por influência do Super-eu sádico

tornou-se masoquista, ou seja, emprega uma parte do instinto de destruição interna nele presente para formar uma ligação erótica com o Super-eu (FREUD, 2010a, p. 109).

Para Adorno (2020) a alienação tem interposto à sociedade atual um defeito, que tem estendido-se à educação [...] “que os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor (idem, p. 161). A falta de aptidão à experiência²⁴ para Adorno (2020, p. 161) também pode estar relacionada a intensificação do uso da técnica. “Penso aqui sobretudo no papel desempenhado na consciência e no Inconsciente pela técnica, possivelmente muito além de sua função real. Tal problemática pode fornecer a compreensão de alguns problemas enfrentados por muitos adolescentes e até mesmo crianças, que é a hostilidade frente à formação dada pela educação, isto porque, segundo Adorno (2020, p. 162-163).

A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, dessa forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência. Não se trata, portanto, apenas da ausência da formação, mas da hostilidade frente a mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas. Este teria de ser dissolvido, conduzindo-se as pessoas aquilo que no íntimo todas desejam.

Diante do exposto acima, sobre a capacidade de fazer experiências, Adorno (2020), em conversa com Becker explicita a ideia de que seria preciso hoje estudar o que as crianças atualmente não conseguem mais aprender, além do empobrecimento do repertório de imagens, da linguagem e da expressão. Segundo o autor o lado institucional possui grandes dificuldades de realizar experiências que proporcionem por exemplo um repertório musical por entender que certas experiências não são realizadas através de uma ação objetiva, mas de por meio da memória involuntária que seria por exemplo, a experiência musical na primeira infância.

²⁴ Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo - a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nessa medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (ADORNO, 2020, p. 164).

O termo memória involuntária remete à obra *Em busca do Tempo Perdido* (1913), escrita por Marcel Proust, a qual, Walter Benjamin considera a maior realização literária das últimas décadas “Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida rememorada por quem a viveu” (BENJAMIN, 2012). Infere-se que a memória involuntária permanece no inconsciente do indivíduo, freudianamente expressando. Na concepção de Benjamin (2012, p. 50), ela consistiria no seguinte:

Sem dúvida, a maioria das recordações que buscamos aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais. Mesmo as formações espontâneas da *mémoire involontarie* são ainda imagens visuais, em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático da sua presença. Mas, justamente por isso, se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temer que mergulhar numa camada especial dessa memória involuntária, a mais profunda, na qual os momentos de recordação anunciam-nos, não mais isoladamente, com imagens, mas desformes, não visuais, indefinidos e densos, um todo, como o peso da rede anuncia sua pesca ao pescador.

A experiência pode enriquecer ou fragilizar o ser humano, assim reflete Benjamin (2012) em “Experiência e Pobreza”. Neste texto o autor retrata que o desenvolvimento da técnica fez cair uma nova miséria sobre os indivíduos, pois não há mais narrativas, nem pessoas que contem histórias, o ser humano já não pode ser ajudado por um provérbio antigo, pois uma nova forma de miséria caiu sobre ele. Ao explicitar o retorno da guerra, Benjamin (2012) afirma que “[...] já se podia notar que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (idem, p. 124). O conhecimento e as informações difundiram-se, mas não houve uma renovação autêntica, e sim uma galvanização. “Pois qual é o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 2012, p. 124).

Ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma todas as peças do patrimônio humano, tivemos de empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. A crise econômica está diante da porta, atrás dela uma sombra, a próxima guerra (BENJAMIN, 2012, p. 128).

A perda da historicidade ou o desaparecimento da consciência histórica são sinais (fenômenos) que levam à constatação de que a humanidade ao longo de suas gerações está perdendo sua memória, os jovens não se lembram dos clássicos da

literatura ou dos últimos reis e imperadores, não se contam mais histórias como diria Walter Benjamin (2012).

A história da humanidade tem sido uma história de guerras e de destruição desde o começo da civilização e atualmente a técnica chegou a um nível avançado o suficiente ao ponto de destruir todo planeta com facilidade. Freud vai dizer em *O Mal-estar na civilização* (2010a) e em *Psicologia das Massas e análise do eu* (2011a), que o processo civilizatório é baseado na repressão dos instintos através da cultura, mas na raiz da união dos indivíduos em relações ambivalentes encontra-se também a agressividade. “Mas a esse programa da cultura se opõe o instinto natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um” (FREUD, 2010a, p. 90).

O texto “Educação após Auschwitz” (2020) trata exatamente dessa tendência à agressividade, pelo indivíduo, redundando no retorno da barbárie, segundo o Adorno (2020) é imprescindível que Auschwitz não se repita, e todo e qualquer debate sobre a educação deve ter à frente a meta de que esse horror não se repita novamente. Na sua visão, as condições para que isso ocorra ainda existiam, porque, as pressões sociais continuaram agindo, visto que “a barbárie se encontra no próprio princípio civilizatório” (idem, p. 130). Adorno ainda reitera que as possibilidades de mudar os pressupostos objetivos para evitar a repetição de Auschwitz eram mínimas, sendo assim, se faz necessário que esses esforços se concentrem em um projeto subjetivo de “inflexão ao sujeito”, como ele vai descrever em “Educação após Auschwitz”.

Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinados, nem naquele sentido caricato sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aquele seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica (ADORNO, 2020, p. 131).

Entretanto, a educação para a autorreflexão crítica, segundo a perspectiva adorniana teria que se concentrar na primeira infância. A agressividade é controlada segundo Freud (2010a, p. 92) “pela tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos de consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição”. Essa consciência de culpa vigia o indivíduo não o permitindo satisfazer sua agressividade.

Um considerável montante de agressividade deve ter se desenvolvido, na criança, contra a autoridade que lhe impede as primeiras e também mais significativas satisfações, quaisquer que sejam as privações instintuais requeridas. Ela é obrigada a renunciar à satisfação dessa agressividade vingativa. Encontra saída para essa difícil situação econômica recorrendo a mecanismos conhecidos, ao acolher dentro de si, por identificação, essa autoridade inatacável, que então se torna o Super-eu e entra em posse de toda a agressividade que a criança gostaria de exercer sobre ela. O Eu da criança tem de se contentar com o triste papel da autoridade degradada – o pai (FREUD, 2010a, p. 100).

Sabe-se que, no entanto, o rigor em que a criança foi submetida pela autoridade também influi na formação do Eu infantil, mas outros fatores também interferem nessa formação. “Ocorre que fatores constitucionais herdados e influências do meio real atuam conjuntamente na formação do Super-eu e gênese da consciência, e isso não é nada estranho, mas a condição etiológica geral de todos esses processos” (FREUD, 2010a, p. 101). Nesse sentido, Adorno (2020), referendando-se em Freud, afirma que o caráter da criança se forma na primeira infância. Isso se dá efetivamente porque esse indivíduo, junto com sua identidade fragmentada, possui pouco potencial de resistência e cede facilmente a ideais autoritários. Isso ocorre de acordo com a perspectiva de Freud (2010a), porque eles estão sempre em busca do amor de um pai e da satisfação do seu narcisismo ao idealizar²⁵ figuras que correspondem a formação do imaginário do pai.

O que aí falseia o juízo é o pendor à idealização. Com isso nós vemos facilitada a orientação; percebe-se que o objeto é tratado como o próprio Eu, que então, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto. Em não poucas formas da escolha amorosa tornam-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele é amado

²⁵ Idealizar aqui está no sentido de idealização: “A **idealização** consiste na transferência da libido **narcísica** para o objeto. Isso corresponde à semelhança da imagem do líder com um engrandecimento do sujeito: ao fazer do líder seu ideal, ele ama a si mesmo” (ADORNO, 2008b90, p. 169).

pelas perfeições que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo (FREUD, 2011, p. 71).

O ensaio de Adorno “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista” que está na obra *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise* (2015) reforça a ideia de que não há só um processo de identificação entre a criança e o pai, o líder e o indivíduo, mas existe também uma idealização que resulta de uma projeção do ego do indivíduo sobre a autoridade. Na verdade, o indivíduo que busca líderes autoritários e que instigam à violência o faz devido à sedução da imagem do líder que “[...] satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter a autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (ADORNO, 2015, p. 172). O indivíduo quer a aprovação do líder além das gratificações que esta relação possa trazer, conforme a citação abaixo.

É bem possível que este componente pré-edipiano de identificação auxilie na separação da imagem do líder, como o pai primitivo todopoderoso, da imagem paterna atual. Uma vez que a identificação da criança com seu pai como uma resposta ao complexo de Édipo é um fenômeno apenas secundário, a regressão infantil pode ir além dessa imagem paterna e, através de um processo “anaclítico”, alcançar outra mais arcaica. Além disso, o aspecto primitivamente narcísico da identificação com o ato de devorar, de tornar-se o objeto amada uma parte de si mesmo, pode nos fornecer uma pista para o fato da imagem moderna de líder algumas vezes parecer se o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo, em vez da imagem do pai, cujo papel durante as últimas fases da infância do sujeito pode muito bem ter declinado na sociedade atual. Todos esses aspectos demandam maior clarificação (ADORNO, 2015, p. 168).

Ainda sobre Educação após Auschwitz, Adorno (2020), reitera que a Alemanha sofreu críticas dos Estados Unidos indicando que o motivo do nazismo havia sido a confiança na autoridade germânica, o autor reconhece que existiu um quadro de comportamento cegos e autoritários na Alemanha como em outros países europeus, mas esclarece que o fato de o império haver se esfacelado e as pessoas ainda não estavam autodeterminadas para não assumirem as dimensões destrutivas das autoridades. Isso fez com que cidadãos apoiassem a barbárie de Auschwitz.

Além disso, não pode-se esquecer o contexto socioeconômico em a Alemanha estava mergulhada, no período após a Primeira Guerra, a Alemanha havia sofrido várias sanções, por parte dos países vitoriosos, isso trouxe um estado

de pobreza e desemprego, sobretudo abalou-se os segmentos da classe média, que culminou com o aparecimento do regime nazista (BOTTOMORE, 2012).

A relação que existe entre a autoridade e a barbárie está centrada em dois pontos: por um lado a identificação cega da massa com o coletivo, e, por outro lado o poder manipulador dos líderes fascistas²⁶. “Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente a eles por meio do esclarecimento do problema da coletivização” (ADORNO, 2020, p. 138). Na massa o indivíduo regride aos estágios primários como de alguns povos primitivos, o ego se desfaz e vem à tona os instintos reprimidos no id,

Basta nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido. Não é difícil compreendermos o esvaecer da consciência ou do sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias (FREUD, 2011a, p. 21).

Um dos mecanismos de formação da barbárie se dá sobre tudo pelo processo de identificação, o indivíduo identifica-se com a autoridade, geralmente o pai, e se forma a partir dos referenciais e das características encontradas nele. O problema é que essa autoridade sofreu uma educação severa baseada na força e na necessidade de constituir sujeitos capazes de suportar a dor. O objetivo de uma educação dura seria formar pessoas indiferentes à dor.

Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar ou reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia; que o medo não deve ser reprimido (ADORNO, 2020, p. 139).

²⁶ “[...] o fascismo é a expressão de uma crise estrutural profunda do capitalismo moderno, isto é, resulta da tendência do capitalismo monopolista (conforme foi observado e definido por Hilferding) a ‘organizar’ o conjunto da vida social de uma maneira totalitária” (BOTTOMORE, 2012, p. 147). “Conhecidos também como incitador da ‘turba’ [rabble rouser], ou agitadores. O propósito universal desses incitadores é instigar as massas, transformando-as em multidões tendentes à ação violenta sem nenhum fim político sensato, e a criar a atmosfera do *pogrom*” (ADORNO, 2015, p. 154).

Na tentativa de evitar a repetição de Auschwitz e descobrir qual é a formação de uma personalidade autoritária, Adorno et al. (2019) importam-se em esclarecer um tipo de pessoa chamada por ele de caráter manipulador na obra *Personalidade autoritária* (2019), segundo Adorno o caráter manipulador se distingue pela “fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado” (ADORNO, 2020, p. 140). E para evitar a formação desse tipo de caráter, Adorno faz uma proposta concreta “[...] utilizar todos os métodos científicos disponíveis, em especial psicanálise, visando a se possível descobrir como uma pessoa se torna assim” (idem, p. 142).

Portanto, para Adorno (2020) só seria possível tirar conclusões que isso funcionaria após a semelhante tentativa. O certo é que a algo na formação desses indivíduos precisa ser corrigido e a psicanálise pode ajudar na descoberta dos mecanismos da frieza, ou seja, “ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada” (idem, p. 147). O único poder capaz de resistir a Auschwitz seria o poder para a reflexão e para a autonomia para não participar dos atos de barbárie. Nesse sentido, o olhar atento a formação da criança na primeira infância momento em que sendo formada a sua consciência, bem como ao esclarecimento geral, evitaria que Auschwitz se repetisse.

“A educação contra a barbárie” é o título de outro ensaio da obra *Educação e Emancipação* de Adorno (2020) e reforça a preocupação contida nos outros ensaios no que tange a importância de desbarbarizar, principalmente em torno da problemática se é possível para a educação transformar algo de decisivo em relação à barbárie. O conceito de barbárie é descrito por Adorno (2020) logo abaixo:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isso que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por essa prioridade (ADORNO, 2020, p. 169).

A reflexão de Adorno (2020) deixa claro que o problema da barbárie não é só a falta do desenvolvimento no campo objetivo, mas fragilização da dimensão subjetiva, freudianamente expressando, pendendo para a agressividade e ódio que parece estar arraigada na sociedade. Freud vai chamar ao longo de suas obras a esse fenômeno dialético como pulsão de morte, da mesma maneira que o indivíduo possui uma pulsão para a vida, que ele denomina de Eros, existe no interior dos sujeitos uma pulsão para a destruição nomeada de pulsão de morte ou Tanâtos. A cultura está a serviço de Eros que deseja unir a humanidade, enquanto a agressão está ligada a Tanâtos, o instinto de morte que faz com que as pessoas não consigam se manter juntas. A luta entre essas duas forças instintuais caracteriza o processo de tensão ao qual o indivíduo está sujeito na humanidade.

[...] a cultura é um processo especial que se desenrola na humanidade, e nós continuamente sob o influxo dessa ideia. Acrescentemos que é um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade. Por que isso teria de ocorrer não sabemos; é simplesmente a obra de Eros. Essas multidões humanas devem ser ligadas libidinalmente entre si; a necessidade apenas, as vantagens do trabalho em comum não as manterão juntas. Mas a esse programa da cultura se opõe o instinto natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de uma contra todos e de todos contra um. Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo (FREUD, 2010a, p. 90).

Para que os indivíduos vivam em sociedade são necessários os momentos repressivos produzidos pela cultura, as pessoas têm de suportar a frustração de não conseguirem realizar seus desejos e satisfações em função de uma realidade nem sempre fácil. Freud (2010a) vai expressar exatamente isso: à medida que se reprime os sujeitos, se aumenta a barbárie às pessoas submetidas a essa cultura. Desse modo, segundo Adorno (2020) não adianta realizar apelos de moderação, tolerância e calma para que as pessoas convivam de forma harmônica e sem violência. Nas palavras do autor:

[...] e impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos. Essa frustração cultural domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens; já sabemos que é a causa da hostilidade que todas as culturas têm de combater. [...]. Não é fácil

compreender como se torna possível privar um instinto de satisfação. É algo que tem seus perigos; podem-se esperar graves distúrbios (FREUD, 2010a, p. 60).

Sendo assim, apelar para as pessoas para que não pratiquem a violência ou tenham paciência seriam apenas exigências ingênuas. Para Adorno (2020, p. 172), para combater a predisposição à agressão, isto é, à violência, seria necessário que os instintos fossem sublimados.

De resto, o conhecimento psicológico defendido como teoria justamente por Freud, com cujas reflexões acerca dessas questões ambos nos revelamos impressionados, encontra-se em concordância também com a possibilidade de sublimar de tal modo os chamados instintos de agressão (ADORNO, 2020, p. 172).

A sublimação é uma técnica para afastar o sofrimento que consiste em deslocar a libido do aparelho psíquico buscando canalizar as energias para trabalhos intelectuais, e artísticos ou filantrópicos, tornando-se independente da dura realidade, buscando satisfação em outros caminhos. Para Freud (2010, p. 40), “a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo. Não há aqui um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir à sua maneira particular de ser feliz”. Adorno (2020) reitera que Freud fundamentou os fatores subjetivos da barbárie demonstrando que a sociedade sofre frustrações, o que faz com que essa sociedade desenvolva sentimento de culpa e tendência à agressão. A sublimação torna-se então, uma maneira de subjugar os instintos e se proteger contra a dor.

A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo. A sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda. O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual (FREUD, 2010a, p. 34).

Na tentativa da desbarbarização mediante a educação, Adorno (2020) sugere que está se utilize da teoria freudiana que, ao invés de usar práticas pseudoformadoras, esta procure realizar um trabalho que prime pela construção de conhecimentos rigorosos e humanizantes do qual a educação tem empregado.

Tudo isso é muito procedente, tem uma ampla divulgação e poderia ser levado em conta pela educação na medida em que ela finalmente levar a sério as conclusões apontadas por Freud, em vez de

substituí-las pela pseudoprofundidade de conhecimentos de terceira mão (ADORNO, 2020, p. 178).

Além desses fatores descritos acima, Adorno (2020), ainda se refere a uma razão objetiva da barbárie. “A cultura que, conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre o trabalho físico e intelectual” (idem, p. 178). Diante disso, o autor ressalta que as dificuldades para se evitar a barbárie são muitas, mas é possível criar um clima de esclarecimento que pode favorecer a transformação dos ambientes gerando um clima mais humano.

Bem na medida em que tais nexos, como o da falência da cultura, a perpetuação socialmente impositiva da barbárie e este mecanismo de deslocamento que a pouco descrevi são levados de um modo abrangente à consciência das pessoas, seguramente não se poderá sem mais nem menos mudar esta situação, porém será possível gerar um clima que é incomparavelmente mais favorável a uma transformação do que o clima vigente ainda hoje na educação alemã (ADORNO, 2020, p. 179).

Não é somente necessário que as pessoas não sejam violentas, mas que, também, não tolerem a violência dos outros, tais quais muitos e muitas toleraram a Aushwitz. “[...] é preciso haver clareza de que até hoje ainda não despertou nas pessoas a vergonha acerca da rudeza existente no princípio de cultura” (ADORNO, 2020, p. 180).

O ensaio intitulado “O que significa elaborar²⁷ o passado”? Certamente não foi formulado com o significado de esquecer o passado, mas tem o sentido que Adorno (2020, p. 31) afirma em seu texto de “[...] elaborá-lo a sério, rompendo com seu encanto por meio de uma consciência clara”. Para o autor o passado ainda continua muito vivo, mesmo diante de argumentos que tentam minimizar o ocorrido. O esclarecimento acerca do que aconteceu na Alemanha quando Hitler tomou o poder deve opor-se ao esquecimento que por meio de muitas justificativas tenta moldar um passado que, segundo os algozes, não foi tão terrível assim. Para Adorno (2020):

No fundo tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permanecemos no simples remorso ou resistimos ao

²⁷ “Em nosso aparelho psíquico reconhecemos sobretudo um expediente para lidar com excitações que de outro modo seriam sentidas como penosas ou de efeito patogênico. A elaboração psíquica ajuda extraordinariamente no desvio interno de excitações que não são capazes de uma direta descarga externa, ou para as quais isso não seria desejável no momento” (FREUD, 2012, p. 30).

horror com base na força de compreender até o incompreensível. Naturalmente, para isso será necessária uma educação dos educadores [...]. Seria urgente fortalecer nas universidades uma sociologia vinculada à pesquisa histórica de nossa própria época [...]. Mas é preciso pensar principalmente na psicanálise, que permanece reprimida. Ela ou se encontra completamente ausente, ou foi substituída por orientações que, enquanto se vangloriam de superar o malfadado século XIX, na verdade regridem para aquém da teoria de Freud, possivelmente a deturpando em seu contrário (ADORNO, 2020, p. 49).

Para Adorno (2020) baseado nas indicações de Freud as identificações e o narcisismo coletivo com o nazismo ainda se encontram inconscientemente na mente de alguns indivíduos, eles ainda não elaboraram a derrocada do regime nazista. No referente ao lado subjetivo o nazismo insuflou desmesuradamente o narcisismo coletivo, as pessoas não encontravam satisfações a sua volta e compensaram com uma satisfação substitutiva na identificação com o regime nazista. Com o fim desse regime essas identificações se esfacelaram. Mas o fascismo ainda sobrevive em alguns países em desenvolvimento. “Não há nenhuma dúvida que o ideal fascista atual se funde com o nacionalismo dos chamados países subdesenvolvidos, agora denominados países em desenvolvimento” (ADORNO, 2020, p. 44).

A sobrevivência do fascismo, a falta de elaboração do passado não ocorre apenas por pressupostos subjetivos, a ordem econômica continua obrigando as pessoas a se adaptarem forçosamente a situação existente, isso faz também com que as pessoas abram mão da sua autonomia. Tudo isso é arrefecido pela indústria cultural gera uma necessidade de identificar-se com o existente, isso reforçado pelo ódio produzido pelo fato da realidade não cumprir sua promessa de autonomia, faz com que este indivíduo não só se torne indiferente à democracia, mas que passe também a odiá-la (ADORNO, 2020).

Portanto, as causas da barbárie continuam existindo e o antídoto para contrapor objetivamente o potencial fascista seria “o de atentar aos interesses das pessoas sobretudo os mais imediatos [...] lembremos às pessoas que o fascismo representa sofrimento e miséria num regime autoritário” (idem, p. 52). Isso significa atentar para a situações econômica das pessoas e priorizar a educação esclarecedora e resistente aos extremismos.

A Psicanálise segundo Adorno (2020) permanece reprimida, ou encontra-se ausente, isto porquê, foi substituída por teorias que deturpam a teoria de Freud, e sugere que sua institucionalização seria muito benéfica para o clima da Alemanha.

O saber preciso e incisivo da psicanálise é mais atual do que nunca. O ódio em relação a ela se identifica diretamente ao antissemitismo, e não simplesmente porque Freud era judeu, mas porque a psicanálise consiste exatamente naquela consciência crítica que enfurece os antissemitas. Em que pese as dificuldades, nem que sejam apenas de tempo, em realizar uma espécie de análise de massas, e supondo que a psicanálise rigorosa se dispusesse de um lugar institucional, sua influência sobre o clima espiritual na Alemanha seria muito salutar, mesmo que se resumisse a tornar natural a atitude de não exteriorizar a violência, mas refletir sobre si mesmo e a relação com os outros que costumam ser os destinatários dessa violência (ADORNO, 2020, p. 50).

A elaboração do passado só acontece quando não existirem mais as causas que ocasionaram esse passado. Dessa forma, o nazismo e o fascismo, se ainda hoje persistem de alguma maneira, seja através de um encantamento no inconsciente das pessoas, ou de um desejo de ruptura na cultura que promete, mas não cumpre suas promessas causando frustrações nas pessoas. Devem ser combatidos com o esclarecimento, e a Psicanálise é um instrumento de reflexão crítica que possibilita tornar os sujeitos conscientes dos mecanismos que provocam neles as atitudes racistas ou preconceituosas.

Adorno (1995, p. 121), apoiado em Freud, salienta que “[...] todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância”. Apesar de não ter sido um estudioso da educação, este frankfurtiano produziu ampla discussão sobre a educação a começar pela infância, com vistas ao confronto e resistência aos mecanismos deformativos, cada vez mais recorrentes nas sociedades modernas. Por isso, é na infância que a educação deve concentrar seus esforços, visando à conquista de um sujeito emancipado e resistente aos mecanismos de dominação, como será destacado mais adiante. Daí a pertinência de a formação da criança hoje ser o alvo de constantes indagações e pesquisas no campo das ciências humanas.

Na visão de Adorno (1995), a educação deve ser repensada desde a infância, objetivando a emancipação e a formação de cidadãos autônomos, ou seja, sujeitos devem ser capazes de se autoguiarem sem ajuda de outrem, de impedirem que a barbárie²⁸ como a de Auschwitz torne-se possível. É preciso superar as constantes tentativas de uniformização dos comportamentos conduzidos, em especial, a tomada de decisões automatizadas através da técnica como instrumento de manipulação

²⁸ Este termo é tratado no segundo capítulo desta pesquisa (Nota da pesquisadora).

sem reflexão. Deve-se combater argumentos superficiais moldados e repetitivos sem reflexão que impedem o desenvolvimento da consciência verdadeira em prol do sujeito consciente.

Sendo assim, deduzimos que na contemporaneidade é urgente a educação desde à infância, que oriente à problematização da sociedade, à superação das opressões capitalistas que impossibilitam a resistência social e a autorreflexão crítica. É preciso reconstruir a ação pedagógica de forma a combater essa falsa ilusão que conduz à adaptação e à comodidade, tornando as relações fragmentadas e guiadas pela ideologia dominante da competição e da concorrência. Deve-se desenvolver uma educação humanizada, que não promova o autoritarismo, a violência e a barbárie, enfim o sofrimento do outro.

CAPÍTULO 2

FREUD E A TEORIA CRÍTICA FRANKFURTIANA: DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS

“O todo é o não-verdadeiro” (ADORNO, 2008a, p. 46).

No primeiro capítulo buscou-se conhecer os fundamentos da Teoria Crítica Frankfurtiana bem como aprender as conexões dessa teoria com a Psicanálise freudiana. Procurou-se, também, evidenciar que Freud possui grande relevância para as análises de Adorno (2020), especialmente, a obra *Educação e Emancipação*. Nessa obra, constata-se que os problemas na formação podem conduzir a barbárie e à dominação, revelando a importância de uma educação emancipatória.

O presente capítulo pretende dialogar com os autores da Teoria Crítica e Freud, privilegiando, principalmente, Adorno e Horkheimer (1985), Benjamin (2012) e Marcuse (2015; 2021). Os textos desses autores farão uma interlocução com as obras de Freud: *Totem e Tabu contribuição à História do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914); *Psicologia das Massas e Análise do eu e Outros Textos* (1920-1923); *Inibição, Sintoma e Angústia, O futuro de uma Ilusão e Outros textos* (1926-1929); *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros textos* (1930-1936).

Na concepção de Adorno e Horkheimer (1985), na modernidade, o esclarecimento não se torna capaz de esclarecer diante do idealismo da ciência. A Indústria Cultural manipula os indivíduos e eclipsa sua consciência, ocasionando, assim, uma deformação cultural. Nesse processo, a educação e a formação são vinculadas a tendências mercadológicas, e o ser humano sob o domínio do individualismo, tem a sua subjetividade fragilizada, rendendo-se à adaptação e à perda de sua autonomia.

Nesse contexto, a dimensão estética é defendida pelos autores como um contraponto teórico que possibilita transcender essa realidade. A experiência estética é entendida por Adorno (2008b) como a possibilidade do sujeito encontrar-se através da essência da obra de arte, e a construção do conhecimento se dá a partir das verdades imanentes contidas nas obras de arte de uma maneira geral. Essa compreensão não de juízo de valor emitido externamente sobre a obra, mas, em uma perspectiva dialética que permite o sujeito refletir criticamente sobre a arte e a

sua finalidade. A experiência estética é compreendida por Adorno (2008b, p. 525), conforme a citação a seguir:

Exige algo como a autonegação do espectador, a sua capacidade de abordar ou de perceber o que os objetos estéticos por si mesmo dizem ou calam. A experiência estética estabelece primeiro uma distância entre o espectador e o objeto. É o que se pretende dizer quando se pensa na contemplação desinteressada. São vulgares aqueles cuja relação com as obras é denominada pela possibilidade de se porem mais ou menos no lugar das personagens que aí ocorrem; todos os ramos da indústria cultural se baseiam neste fato e reforçam esta ideia na sua clientela. Quanto mais a experiência estética possuir os objetos, tanto mais próxima deles também se afasta; o entusiasmo pela arte é estranho à arte.

A teoria de Freud também possibilita ao sujeito a leitura crítica desses objetos, pois, ela permeia todo o escopo das obras frankfurtianas, apontando a sublimação como uma forma de transformação das pulsões em trabalhos culturais, e conseqüentemente, fuga das tendências agressivas. Alguns conflitos na educação e na formação também são desvelados pelos autores, demonstrando a urgência do estabelecimento de processos formativos que ofereçam resistência ao “pensamento unidimensional”, segundo a perspectiva de Marcuse (2015) e possibilitem o pensamento que consiga identificar as ideologias presentes na sociedade.

2.1 Freud, Adorno, Horkheimer e Benjamin: aproximações

A obra *Dialética do Esclarecimento* foi publicada em 1947 pela editora Querido em Amsterdam e foi dedicada ao aniversário de 50 anos de Friedrich Pollock (1894-1970). Nela os autores questionaram o seguinte: “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). Essa pergunta também pode ser estendida à educação, por que a educação não tem formado pessoas mais humanas? ou pode-se fazer a mesma pergunta que Adorno (2020, p. 169) faz em “Educação contra a barbárie”: O problema que se impõe nessa medida é saber se por meio da educação pode se transformar algo de decisivo em relação à barbárie?

Adorno (2020), problematiza essa questão ao explicitar que o motivo da barbárie não é apenas decorrente da falta de formação civilizada, mas pelo fato de

as, pessoas se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio, uma vontade de destruição. Essa questão permite que se infira que o autor, se não está claramente fundamentando-se em Freud, pelo menos o raciocínio contido nesse questionamento leva à percepção de que a reflexão freudiana se inter-relaciona com ela, como se pode observar na citação abaixo:

Enquanto a humanidade fez contínuos avanços no controle da natureza, podendo esperar avanços ainda maiores, não se constata seguramente um progresso igual na regulação dos assuntos humanos, e provavelmente em todas as épocas, como agora novamente, muitos indivíduos se perguntam se valia mesmo a pena defender tal porção de conquista cultural (FREUD, 2014, p. 234).

Essa preocupação pode ser detectada nas discussões contidas na obra *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1985), em especial o capítulo que se refere ao “Conceito de Esclarecimento”. Segundo Adorno, Horkheimer (1985, p. 17). O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. “Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). A ciência com todo o conhecimento e técnica proporcionou não o deleite, mas o trabalho na direção do domínio da natureza. O indivíduo espera através da técnica ter uma vida mais prazerosa e que lhe cause mais segurança. Aqui percebe-se um ponto de aproximação com a perspectiva, a seguir, de Freud (2010a, p. 82).

De fato, o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto. Em compensação, era mínima a segurança de desfrutar essa felicidade por muito tempo. O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança [...]. Mas não esqueçamos que na família primitiva somente o chefe gozava dessa liberdade instintual; os outros viviam em submissão escrava. Logo, a oposição entre uma minoria gozando as vantagens da cultura e uma maioria destituída dessas vantagens foi levada ao extremo naquela época primeira da civilização. Informando-nos mais cuidadosamente acerca dos primitivos que ainda hoje vivem, aprendemos que não se pode invejá-los a liberdade em sua vida instintual; esta é sujeita a limitações de outras espécies, mas talvez de maior rigor que as daquela do civilizado moderno.

Assim, gradativamente, parafraseando Adorno e Horkheimer (1985), o pensamento do sujeito foi tão duro consigo mesmo que destruiu os mitos e, nesse processo, a linguagem foi forjada por moedas falsas, o discurso não inspira mais deleite, não impressiona mais, o animismo foi destruído, não há mais mistério. Tudo

já é conhecido em seus detalhes, o indivíduo renunciou aos conceitos e o substituiu pela fórmula. Assim, também, a Educação e a formação estão perdendo o seu encanto, o passado não importa, pessoas são números, o critério é o trabalho, o resultado. O animal totêmico desapareceu, assim como os sonhos. A técnica, ao invés de auxiliar a vida, desencantou a realidade.

Há um princípio de parentesco na magia que ela visa aos fins tais como a ciência, mas o faz pela mimese, enquanto a ciência se distancia progressivamente do objeto. Na magia existe o sacrifício, a substituição específica e distinções, na ciência não há possibilidade de substituição, o objeto é petrificado, o sujeito doa-se a um objeto sem sentido e o ego se adapta à realidade. (Idem, p. 22-23).

Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

A reflexão feita por Freud em *O futuro de uma ilusão* (2014) ressalta que nos seres humanos as instituições da cultura podem ser mantidas apenas por certo grau de coação. Isso acontece porque as massas não se inclinam a trabalhar por livre vontade e possuem paixões muito fortes, as quais não são reprimidas por argumentos. Freud, no entanto, afirma que a coação ao trabalho cultural é imprescindível, assim como o domínio das massas por uma minoria que se apropriou do discernimento. Dialeticamente, Freud questiona se não seria possível renunciar à coação e a repressão aos instintos para uma vida de obtenção e fruição de bens sem tamanha discórdia? E neste cenário que o pai da Psicanálise argumenta o seguinte:

É necessário, creio, levar em conta o fato de que todos os seres humanos se acham tendências destrutivas, ou seja, antissociais e anticulturais, e de que estas, em grande número de pessoas, são fortes o bastante para determinar sua conduta na sociedade humana. Esse fato psicológico tem importância decisiva para a avaliação da cultura humana. Se antes pudermos acreditar que o essencial, nesta, seria o domínio da natureza para a obtenção dos bens vitais, e que os perigos que a ameaçam poderiam ser afastados mediante uma adequada distribuição deles entre os indivíduos, agora a ênfase parece ter se movido do campo material para o psíquico. Torna-se decisiva a questão de se - e até onde - é possível reduzir o fardo dos

sacrifícios instituídos impostos aos seres humanos, reconciliá-los com aqueles que inevitavelmente permanecem e compensá-los por isso (FREUD, 2014, p. 235-236).

Entretanto, percebe-se que esses fardos criados pelos sujeitos persistiram. Com efeito, as sociedades, ao passar do estado nômade para as bases da propriedade fixa, tiveram sua ordem estabelecida na dominação e no trabalho. Assim, o senhor conquista o objeto através do dominado, essa é a relação de distância do sujeito em relação ao objeto (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Os reis e imperadores, que antes utilizavam-se da magia para justificar seu domínio, cederam espaço para uma nova ordem estabelecida pela sujeição de pessoas livres ao comando de uma classe, até chegar-se aos dias atuais em que os sujeitos se submetem ao consumo das mercadorias e são subjugados pelo objeto.

A síntese entre a ideologia e a realidade tão criticada por Adorno e Horkheimer (1985) está relacionada com a falsa consciência, que é definida por Rouanet (1983, p. 73) como “a incapacidade de distinguir entre a realidade, devido à cegueira socialmente necessária induzida pela ideologia”. No passado, aceitava-se a realidade repressora e as diferenças sociais visíveis a todos, assim como a exímia pobreza e as lutas sociais. No presente tempo, aceita-se uma realidade que se apresenta como “não repressiva,” no entanto, a falsa consciência confunde a realidade com a ideologia, ou seja, torna o real unidimensional uma fachada que esconde a verdadeira realidade (ROUANET, 1983). O esclarecimento vem justamente desmistificar esse engodo.

Retomando o raciocínio dos frankfurtianos, salienta-se que a palavra, em sua origem exerceu a função de imagem, e esta função passou para os mitos, tanto os mitos como os ritos mágicos são repetições da natureza, é a chamada mimese e os deuses personificavam a natureza e também esclareciam. “A ciência transformou os mitos em fantasia. Com a nítida separação da ciência e da poesia, a divisão de trabalho já efetuada com sua ajuda estende-se à linguagem (ADORNO; HOKHEIMER, 1985, p. 27). A razão e a religião condenaram o princípio da magia, apenas a arte sobrevive ao imitar a magia pois as duas possuem leis próprias. Quase nunca o mundo burguês limitava o saber, e quando isso ocorria não era para abrir espaço para a “*arte, mas para impulsionar a fé*” (idem, p. 29).

Os autores da *Dialética do Esclarecimento* (1985) reconhecem que até nas sociedades primitivas, como entre os nômades, havia uma divisão entre o poder e o

profano, refletindo sobre quão tamanha violência foi necessária para esses povos se acostumassem a essa ordem, isto é, de caça, pesca e trabalhos manuais. Nos períodos posteriores a humanidade se viu dividida em classes, em que imperando a dominação de um lado e a servidão de outro (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. De agora em diante, ele só se determina como coisa, como elemento estatístico, como *success or failure* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35).

Todas as relações que o indivíduo exerce com outras pessoas, tais como: a família, os professores, colegas, são relações sociais, em um sentido mais amplo, essas relações em oposição ao que Freud (2011a) considera processos narcísicos, que são aqueles que escampam a influência de outras pessoas. Enquanto, nas relações em que o indivíduo sofre influência simultânea de um grande número de pessoas, essas são consideradas objeto de estudo da psicologia de massas.

Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual, como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. Após essa ruptura de um laço natural, o passo seguinte é considerar os fenômenos que surgem nessas condições especiais como manifestações de um instinto especial irreduzível a outra coisa, o instinto – herd in instinct, group mind [instinto de rebanho, mente de grupo] -, que não chega a se manifestar em outras situações (FREUD, 2011a, p. 15).

Adorno e Horkheimer (1973), referendados em Freud, explicam que os indivíduos não se fazem massa pela quantidade, mas por condições sociais específicas. “E os fenômenos da massa não ocorrem em virtude de algumas misteriosas propriedades da massa como tal, mas correspondem a processo psíquicos que se desenrolam em cada um dos indivíduos que participa da massa” (idem, p. 85). Essas condições sociais específicas são fenômenos singulares que, segundo Adorno (2020), são os responsáveis por gerarem a barbárie, momentos

repressivos e opressivos que se manifestam na cultura. Em outras palavras: “Acredito que – e isto é Freud puro – justamente esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura” (idem, p. 171). Desse modo, o sujeito da massa possui uma fragilidade subjetiva, ele é o sujeito sem nome, sem identidade, sem autonomia. Sobre isso, pode-se estabelecer a seguinte conexão no tocante à perda do nome, conforme a citação de Adorno e Horkheimer (1985, p. 37):

Concretiza-se assim o mais antigo medo, o medo da perda do próprio nome. Para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto. Um após o outro, os comportamentos miméticos, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas, de tal sorte que a ideia de recair neles estava associada ao pavor de que o eu revertesse à mera natureza, da qual havia se alienado com o esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror.

A perda do nome está relacionada a um costume estranho ligado ao tabu em relações aos mortos e difundido entre os primitivos de algumas tribos, era proibido pronunciar o nome do morto sob pena de uma grave consequência. Freud, em *Totem e Tabu* (2012), demonstra que o tabu dos mortos deriva do temor à alma transformada em demônio. Tal fato deriva de projeções dos sentimentos hostis que os vivos têm em relação aos mortos. Sendo assim, a perda da vida é comparavelmente uma perda do nome. Para Adorno e Horkheimer (1985), apontam que a perda do nome seria a volta à barbárie, a volta ao estado da natureza, e é justamente isso que acontece com o sujeito na massa. Ele volta a ter sentimentos de ódio contra o diferente, e se sente forte ao manifestar esses sentimentos por estar “protegido” por um grupo. O sujeito regride aos estágios dos primitivos.

O espírito dominante do sujeito sempre esteve presente na civilização. Na eterna luta de buscar o prazer ou inibi-lo para a autoconservação. “De Homero aos tempos modernos, o espírito dominante quer navegar entre a Cila da regressão à simples reprodução e a Caribde da satisfação desenfreada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38). Ou seja, o trabalho exerce tamanha pressão sobre o indivíduo que esse para atender a realidade econômica, não adere ao prazer, mas à busca constante de adequar-se ao influxo da dominação.

A humanidade teve de se submeter a terríveis provações até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem, e

toda infância ainda é de certa forma a repetição disso. O esforço para manter a coesão do ego marca-o em todas as suas fases, e a tentação de perdê-lo jamais deixou de acompanhar a determinação cega de conservá-lo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 39).

Como se pode deduzir a formação da psique humana esteve ligada às necessidades e exigências feitas ao eu do indivíduo no decorrer das épocas, sendo assim, pode-se falar em um Super-eu de uma cultura, outro ponto de concordância é que o Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante “angústia de consciência” (FREUD, 2010a, p. 117). Ulisses, o herói que representa esse eu marcado pelo conflito humano de buscar o caminho da felicidade, mas, ao mesmo tempo, ter esse caminho sempre ameaçado pelo temor da morte e da destruição. O eu de Ulisses resiste à deusa Circe e fortalece-se para outros embates, essa representação pode ser interpretada como o desenvolvimento psíquico do eu nas constantes tensões da vida.

O que aconteceu no episódio das sereias, uma das narrativas em que Ulisses, para desfrutar do canto destas, tapou os ouvidos dos remadores para que as ouvissem. E quanto a ele, foi amarrado ao mastro podendo, assim, ouvir o canto sedutor das sereias sem ser dominado por elas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Os autores elucidam esse acontecimento fazendo uma metáfora com o capitalismo, apontando dessa forma, duas possibilidades de o sujeito escapar inserido nesse sistema, ou ele trabalha com cera nos ouvidos e sublima toda distração, ou é o senhor das terras, e, tal como os burgueses, recusam-se à felicidade mesmo diante do aumento de seu poder. As condições de trabalho dos remadores que nada escutam refletem toda a adaptação do sujeito ao trabalho racionalizado eles atrelados ao compasso industrial, seus sentidos inibidos dando lugar apenas à operação de funções repetitivas. Esse quadro é analogicamente descrito por Adorno e Horkheimer (1985) como sendo a regressão das massas.

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconverteram exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na

coletividade governada pela força (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41).

A regressão à condição de massa é explicada por Freud (2011a) como o desmonte da superestrutura psíquica (Ego, Id e Superego), tornando a instância consciente inoperante, assim, o indivíduo na massa perde suas características individuais e assume o superego da massa. O indivíduo na massa regride aos estágios anímicos dos povos primitivos e das crianças.

Sabemos hoje que um indivíduo pode se posto num estado tal que, tendo perdido sua personalidade consciente, ele obedece a todas as sugestões do operador que a fez perdê-la, e comete os atos mais contrários a seu caráter e a seu costume [...]. Portanto, pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, em consequência um bárbaro (FREUD, 2011a, p. 22-24).

Essa perspectiva regressiva abre o caminho para, contraditoriamente, o processo de dominação, pela ciência e pela técnica, exercer cada vez mais o seu trabalho de monopólio de pensamento, transformando, por conseguinte, o esclarecimento em novo mito. Dessa forma, o mito, usando as fontes da natureza, é o próprio esclarecimento, a ciência com toda a sua técnica toma o pódio do esclarecimento baseado em dados e no poder do humanismo. A multiplicação do progresso e da técnica trazem consigo a indústria de massa e, conseqüentemente, a necessidade atrelada à liberdade, agora não importa dominar os reis ou os burgueses, mas a todos. O esclarecimento torna-se então, segundo Adorno e Horkheimer (1985), o mistificador das massas. Por esse motivo, a *Dialética do Esclarecimento* que, ao mesmo tempo, quer esclarecer tende a imprimir a dominação em seu cerne.

A crítica feita por Adorno e Horkheimer (1985) é que o mito se transformou em técnica e racionalização, portanto, não esclarecendo, mas, antes, sendo usado como instrumento de dominação. Assim, o mito do esclarecimento teve na sociedade moderna um crescimento exponencial por meio do desenvolvimento científico e da padronização da cultura. Tudo isso, atrelado ao desenvolvimento da pedagogia e de técnicas de ensino, fez a educação alcançar um processo de massificação, tornando-se um objeto separado do sujeito, e vista como mercadoria. “Na concepção destes autores, foi dessa maneira que o pensamento, conciliando-se consigo

próprio, por meio da idealização do mito científico, transformou conhecimento em dominação” (SCAREL, 2016, p. 31). Dessa forma, a educação torna-se também é um instrumento idealizado, servindo aos interesses do sistema econômico no qual está inserida.

O esclarecimento representado pelo herói que é protagonizado pelo sujeito burguês. “A oposição do ego sobrevivente às múltiplas peripécias do destino exprime a oposição do esclarecimento ao mito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 49). A epopeia está ligada ao mito pois o eu de Ulisses só se fortalece a partir das experiências vividas nas aventuras sedutoras, e, para vencer essas aventuras, o herói usa da astúcia, ele engana as divindades da natureza.

A parte que o logro desempenha no sacrifício já aparece como esquema mágico da troca racional, uma cerimônia organizada pelos homens com o fim de dominar os deuses, que são derrubados exatamente pelo sistema de veneração de que são objetos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 51).

A história da civilização é a história da renúncia, pois o sujeito na tentativa de sobreviver à realidade, renuncia ao sacrifício, mas faz a si mesmo de sacrifício. Como pode ser isso? No capitalismo totalitário o processo é sempre satisfazer as necessidades de forma determinada pela dominação, no entanto, o indivíduo se sucumbe à renúncia e não é restituído por isso (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

A fórmula para a astúcia de Ulisses consiste em fazer com que o espírito instrumental, amoldando-se resignadamente à natureza, dê a esta o que a ela pertence e assim justamente a logre. Os monstros míticos em cujo poder ele cai representam sempre, por assim dizer, contratos petrificados, reivindicações pré-históricas. [...]. Mas, nessa transferência objetualizadora operada pelo mito, a relação natural entre força e impotência já assumiu o caráter de uma relação jurídica. Cila e Caribde têm o direito de reclamar aquilo que lhes cai entre os dentes, assim, como Circe tem o direito de metamorfosear quem quer que lhe não seja imune a sua mágica, ou Polifemo o direito de devorar seus hóspedes (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 56).

Dessa maneira, reitera-se que Ulisses não foge do seu destino, nem alardeia suas competências, pelo contrário, cumpre o contrato e passa pela sua rota predeterminada. Porém, o contrato exhibe uma lacuna descoberta por Ulisses, que consiste, conforme já exposto, em ouvir o canto das sereias, mas amarrado ao mastro. Trata-se do protótipo do indivíduo que se separa do coletivo, esse

isolamento personifica o princípio da economia capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Do ponto de vista das sociedades de trocas desenvolvidas e dos indivíduos que a compõem, as aventuras de Ulisses nada mais são do que a descrição dos riscos que constituem o caminho para o sucesso. Ulisses vive segundo o princípio primordial que constituiu outrora a sociedade burguesa. A escolha era entre lograr ou arruinar-se. O logro era a marca da *ratio*, traíndo sua particularidade. Por isso a socialização universal, esboçada na história de Ulisses, o navegante do mundo, e na de Robinson, o fabricante solitário, já implica desde a origem a socialização absoluta, que se torna manifesta ao fim da era burguesa. Socialização radical significa alienação radical. Ulisses e Robinson têm ambos a ver com a totalidade: aquele a percorre, este a produz. Ambos só realizam em total separação de todos os demais homens. Estes só vêm ao encontro dos dois em uma feição alienada, como inimigos ou como pontos de apoio, sempre como instrumentos, como coisas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 59).

Outra personagem contraditória que se torna objeto de análise pelos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985), na *Dialética do Esclarecimento* é Juliette a personagem que dá o nome à obra de Marquês de Sade (1740-1814). Apesar de toda sua racionalidade, Juliette participa de um momento de gozo ao praticar o sacrilégio, a idolatria e ao abandonar a si mesma para outra coisa, seu exemplo expõe a regressão das pessoas ao mundo dominado, retornando à natureza primitiva. O festival em que tudo é permitido, denota que o que importa é agir contra as regras. Até o progresso da civilização o festival foi transformado em farsa. Os dominadores racionalizaram o gozo e, na impossibilidade de eliminá-lo totalmente, os dão aos dominados sob a forma de manipulação em pequenas doses. Os instintos são assim, reprimidos, mas não significa que não podem vir à tona, pois o sujeito se sente aprisionado em usar mundo administrado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

É possível falar de claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isso aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional (ADORNO, 2020, p. 132).

Para Adorno e Horkheimer (1985) com o advento do sistema industrial as pessoas têm assumido vínculos cada vez mais racionais uma com as outras. E, por esta causa, os objetivos passam a ser primeiramente os de trabalho e de sobrevivência, e as relações amorosas tendem a se diferenciar entre a conveniência e gozo perdendo seu idealismo romântico. Os relacionamentos tornam-se fungíveis, e as pessoas usam umas às outras por interesse mútuos e depois as descartam. Nesse sentido Freud (2010a, p. 77) não é menos brando, para esse autor, “o homem é o lobo do homem”, usando a expressão de Thomas Hobbes (1588-1679).

Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lúpus* [O homem é o lobo do homem]; quem depois de tudo o que aprendeu com a vida e com a história, tem coragem de discutir essa frase? (FREUD, 2010a, p. 77).

Diante da razão o amor romântico sucumbiu à ciência e a à indústria, nada prevalece diante da razão, a família assegurada pelo amor materno entra em conflito com a sociedade e, quando se está em jogo o poder, é possível recair-se no fascismo que foi o resultado totalitário maior de toda essa violência. Os autores concluem o Excurso II demonstrando seu objetivo na *Dialética do Esclarecimento* (1985): proclamar a identidade da dominação e da razão na sociedade moderna. O Esclarecimento não cumpre a promessa de desmistificação, a educação da mesma forma não cumpre, não educa, pelo contrário, ela induz o indivíduo à conformação, preparando-o para o mundo do trabalho.

A massa atende aos padrões manipulados pela indústria cultural, que, a princípio, são originários das necessidades dos consumidores. Os produtos oferecidos pela indústria cultural são absorvidos de forma tão natural pela massa que na concepção de Adorno (1986, p. 94), a partir dos produtos da indústria cultural sucumbiu-se o lucro na própria ideologia da indústria cultural.

A indústria cultural se transforma em *public relations*, a saber, a fabricação de um simples assentimento, sem relação com os produtos ou objetos de venda particulares. Vai-se procurar o cliente apenas para lhe vender um consentimento total e não crítico, faz-se reclame para o mundo, assim, como cada produto da indústria é seu próprio reclame.

O resultado da assimilação por milhões de pessoas ao poderio da indústria cultural está no fato de que esta utiliza-se de métodos de propagação de mercadorias padronizadas às pessoas com necessidades iguais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). No que se refere à educação na atualidade, por exemplo, observa-se que a formação tem padronizado seus conteúdos, desempenhando uma função de uniformização. É fato que esses conteúdos não se esgotam, mas, para Adorno (2020), para haver uma transformação no sujeito e um contato transformador com o objeto é preciso tempo, em oposição à fragmentação e ao imediatismo da realidade. Há uma repressão do processo de formação em detrimento do resultado, que na verdade, é um falso resultado, porque parte de um modelo previamente administrado.

Esse controle e a administração das necessidades são planejados por poucos centros de produção que programam e distribuem esses produtos a uma sociedade dispersa. “[...]. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica. [...] A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação (idem, p. 100).

Os especialistas na produção das necessidades as fazem em um esquematismo perfeito, oferecendo ao público o modelo a ser seguido pelo indivíduo, de modo que, cada classe social deve se comportar e consumir os produtos de massa classificados para seu tipo. Esses produtos, porém, tendem cada vez mais a se uniformizar, suas diferenças são ilusórias, servem apenas para criar a ilusão de uma concorrência. Nesse sentido, a indústria cultural oferece possibilidades de escolhas que são totalmente idênticas, além de destituir a arte de sua essência ao leva-la à esfera de consumo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Benjamin (2012) explica que a arte sempre foi reproduzível, os sujeitos sempre imitaram outros sujeitos, e ao longo da história a xilogravura reproduziu as artes gráficas antes que a imprensa contribuísse com a literatura, a litografia também foi ultrapassada pela fotografia, e neste processo veio o cinema e a reprodução técnica do som. Tudo isso foi designado pelo autor como a reproduzibilidade técnica. Contudo, mesmo na mais perfeita reprodução, falta um elemento que é a existência única da obra no lugar em que ela se encontra. “O aqui e o agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela por sua vez, se enraíza a concepção de uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias [...]” (BENJAMIN, 2012, p. 182). Dessa forma mesmo que circunstâncias da reprodução

entreguem obras de arte idênticas, seu valor do aqui é agora é perdido. Esse processo o frankfurtiano vai denominar de perda da aura.

O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica de reprodução retira do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplicava a reprodução, substituí a existência única da obra por uma existência massiva (BENJAMIN, 2012, p.p. 182-183).

Em suma, os movimentos de massa tendem a destruir a aura dos objetos, pois o que as massas querem é ter o objeto perto de si, ou seja, as massas desejam a cópia da música, do livro, do filme, e quando se dão conta, já estão cercadas por um mercado voltado para atender às demandas capitalistas. A arte perde, assim, o seu valor de uso, e é totalmente investida do valor de troca. Essa afirmação refere-se a um conceito dado por Marx (1988) em sua obra “O Capital”.

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem o mesmo. O corpo da mercadoria mesmo, como o ferro, trigo, diamante etc., é, portanto, um valor de uso ou bem. Esse seu caráter não depende de se a apropriação de suas propriedades úteis custa ao homem muito ou pouco trabalho[...] O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço. O valor de troca parece, portanto, algo casual e puramente relativo (MARX, 1988, p. 45-46).

Na exigência de um entretenimento, a arte burguesa perde sua finalidade, o princípio da estética é invertido, o indivíduo quer ter a arte não por sua utilidade ou por prazer o que foi denominado acima de valor de uso. “[...] o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor. O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 131). O prestígio é descrito por Freud (2011a) como uma espécie de capacidade de influenciar e exercer domínio sobre outros, o indivíduo compra um determinado produto oferecido pela indústria cultural como se estivesse comprando algo mágico capaz de conferir fascínio a quem possui.

O prestígio é uma espécie de domínio que uma pessoa, uma obra, ou ideia exerce sobre nós. Paralisa toda nossa capacidade crítica e nos enche de espanto e respeito. Provocaria um sentimento semelhante ao do fascínio na hipnose (FREUD, 2011a, p. 31).

Não é à toa que a indústria cultural se utiliza de personalidades famosas capazes de induzir à compra dos produtos oferecidos pela publicidade, aliás essa é uma arma da indústria cultural que não tem outro objetivo senão o de orientar o comprador ao consumo, assim, a publicidade hoje se confunde com a própria indústria cultural. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A publicidade assim como a indústria cultural influencia diretamente o consumidor, estas utilizam-se de seu prestígio para promover sugestões à massa que possui um poder particular de imitação. Então experimenta-se a hipótese de que existe algo que une essas pessoas na massa, e que está por trás da sugestão.

Para começar, apoiaremos nossa expectativa em duas reflexões sumárias. Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo que temos a impressão, se o indivíduo abandona as peculiaridades na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, 'Por amor a eles' (FREUD, 2011a, p. 45).

Dessa maneira, Freud (2011a) explica que a essência da alma coletiva está nas relações afetivas, a libido descrita por ele como uma energia de grandeza quantitativa é o elo que move a união dos sujeitos em sociedade, esses instintos estão relacionados com tudo aquilo que se chama de amor. Porém, na sua origem tratam-se de impulsos sexuais desviados de sua meta, sendo assim, na massa o indivíduo deixa de lado suas inibições, intensifica seus afetos e fragiliza seu pensamento. A sugestão dada pelo líder, ou pelos integrantes da massa uns aos outros, é totalmente aceita sem questionamentos, pois a massa tende a imitar o que foi sugestionado em uma espécie de contágio coletivo. Por trás desse contágio ocorre um processo de identificação, com o líder, ou seja, com o objeto dado. Dessa maneira, fica claro o poder de sugestão e controle que a indústria cultural exerce sobre as massas.

As massas tornam dominante o momento de adaptação, enquadrando-se numa sociedade adaptada, e rompem a memória do

que seria autônomo. Perdem a capacidade de se relacionar como outro, como algo efetivamente exterior, permanecendo apenas a capacidade de se referir à representação que eles próprios fazem desse outro externo (MAAR, 2020, p. 27).

O que a indústria cultural faz é prender seus consumidores pela técnica e não pela repetição dos conteúdos, todavia, seu controle sobre os consumidores é baseado na diversão. A diversão é o prolongamento do trabalho, o lazer da pessoa é determinado pela produção de mercadorias para esse fim. A busca pelo prazer acaba por restringir a capacidade do pensamento humano. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Dessa maneira, a indústria cultural produz uma falsa experiência de felicidade resultante da satisfação da compra de mercadorias, porém, essa experiência restringe a verdadeira formação porque as pessoas são limitadas aos produtos pré-concebidos desta, e não se permitem experiências verdadeiramente formativas, antes, estes indivíduos regridem. A experiência formativa, para Adorno (2020), referendado em Kant, é confrontada com suas próprias limitações.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a indústria cultural não para de enganar seus consumidores, está sempre a prometer, mas não cumpre suas promessas.

A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve contentar com a leitura do cardápio. Ao simples encômio do cotidiano cinzento ao qual ele queria escapar [...] A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 115).

De acordo com Freud (2010a), no procedimento de sublimação existe a intenção de tornar-se independente buscando a satisfação em processos internos, enquanto, o que ocorre com a repressão pela indústria cultural é a conformação ao comportamento compulsivo e mimético. O Ego não oferece resistência ao tensionamento e adere à regressão.

O que a indústria cultural faz é manipular os sujeitos dando-lhes a falsa liberdade de escolha, porque na verdade, a sua escolha está baseada sempre no

mesmo, os consumidores se identificam com as mercadorias culturais, e esse é o triunfo da publicidade na indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O que está por trás da manipulação dos sujeitos é também sua adesão aos produtos é necessidade imposta pelo capitalismo de um exasperado comércio, para atender não as necessidades das pessoas, mas de mercado.

2.2 Marcuse e a Teoria Freudiana

Eros e Civilização é uma de obra de Herbert Marcuse (2021), que se baseia-se na teoria de Freud. Ela tem como uma de suas principais características apontar que a sociedade moderna baseada no consumo dominou a subjetividade, levando as categorias psicológicas a se converterem em categorias políticas, em virtude da condição presente do sujeito nessa realidade. Assim, seus processos psíquicos, antes autônomos, agora passam a ser compreendidos como processos do indivíduo no Estado. A tese é que a luta pela vida (Eros) é na verdade uma luta política, pois a sociedade tem se tornado totalitária ao ponto de o indivíduo não ser capaz de ser ele mesmo, antes, o poder das forças ideológicas da sociedade o tem definido. A utilização da teoria de Marcuse e de Freud pela teoria educacional possibilita um debate profícuo capaz de apontar para a possibilidade de uma práxis transformadora.

O sujeito só se transforma em humano com a transformação de sua natureza, o princípio de prazer imediato é mudado para o princípio de uma satisfação adiada, do mesmo modo, o prazer é substituído pela restrição ao prazer, a atividade lúdica é transformada em esforço (trabalho), a receptividade em produtividade, e por fim, a ausência de repressão é dada no lugar da segurança, Freud descreve isso como a transformação do princípio do prazer¹ ao princípio da realidade² (MARCUSE, 2021).

Com o estabelecimento do princípio da realidade, o ego se organiza e o ser humano desenvolve a capacidade de pôr a razão em movimento, essa razão faz

¹ Um dos princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: “a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evidenciar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 364).

² Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental. “Forma par com o princípio de prazer, e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 368).

com que o indivíduo consiga distinguir entre o bem e o mal, o falso e o verdadeiro. Ele se torna um sujeito consciente, pensante, contudo, existe uma atividade mental que se conserva livre da influência do princípio da realidade, que é a fantasia (MARCUSE, 2021).

Para Marcuse (2021), existe uma tendência oculta na psicanálise que, segundo ele, seria a possibilidade de continuação do princípio do prazer, por mais que a civilização domine e reprima o indivíduo, o triunfo do princípio da realidade sobre o princípio do prazer não é completo. Para Marcuse (2021), o fato de o princípio do prazer sobreviver no inconsciente e a memória ter uma função específica, isso pode restabelecer um passado através da regressão e trazer à tona aquilo que a razão nega. Então, é certo que a teoria de Freud se apoia no fator de que a noção de civilização só existe por causa da repressão, e a própria teoria de Freud contém elementos que transgridem esse pensamento.

Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um modo de trabalho primário do aparelho psíquico e que ele é desde o começo inútil, e até perigoso em alto grau, para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo exterior. Sob a influência dos impulsos de autoconservação do eu, ele é substituído pelo princípio de realidade, que sem desistir do propósito de um ganho final de prazer, exige e impõe o adiamento da satisfação, a renúncia a muitas possibilidades para tanto e a tolerância temporária do desprazer no longo desvio que leva ao prazer (FREUD, 2021, p. 48).

Na concepção de Marcuse (2021), a memória preserva a verdade que é repelida pela consciência, mas ora ou outra assedia a mente.

A libertação psicanalítica da memória faz explodir a racionalidade do indivíduo reprimido. À medida que a cognição cede lugar à reconhecimento, as imagens e os impulsos proibidos da infância começam a contar a verdade que a razão nega. A regressão assume sua função progressiva. O passado descoberto produz e apresenta padrões críticos que são tabus para o presente. Além disso, a restauração da memória é acompanhada pela recuperação do conteúdo cognitivo da fantasia. A teoria psicanalítica remove essas faculdades mentais da esfera neutra da divagação e da ficção e capta de novo rigorosas verdades (MARCUSE, 2021, p. 15).

Para Freud (2010a) a civilização não existe sem a repressão. Marcuse (2021) reafirma que a teoria de Freud é dialética, pois os elementos reprimidos estão sempre voltando à tona. Isso significa que a repressão não está de fato consolidada, pois encontra-se em constante movimento. Isto também pode ser visto nos

chamados atos falhos de Freud (2021a, p. 376), que ele descreve como: “[...] os fenômenos podem ser relacionados a um material psíquico incompletamente suprimido, que, embora afastado da consciência, não foi privado da toda capacidade de expressar”.

A partir dessa breve análise e, retomando a educação, pode-se inferir que um dos grandes problemas da sociedade reificada³ talvez seja a perda da memória, já não se contam mais histórias, não há tempo para contá-las nem para ouvi-las, e assim a tradição vai se perdendo. “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (BENJAMIN, 2012, p. 221). De acordo como Adorno (2020), a tradição se contar histórias remete-se aos tempos feudais, enquanto o princípio da racionalidade se liga às formas burguesas, não há mais necessidade de acumular as experiências, resta apenas o imediatismo. Desse modo, a humanidade vem sofrendo gradativamente o aniquilamento da memória. Conforme a citação de Adorno (2020, p. 35) expõe abaixo:

[...] a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias com a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento (ADORNO, 2020, p. 35).

Como não há o tempo para a dedicação à aprendizagem, e sim uma atitude de negação da experiência, isso acarreta grande prejuízo em relação ao conhecimento histórico e da totalidade, fragilizando o potencial formativo do indivíduo, e abre espaço para a produção de uma pseudoformação. O sujeito não reflete sobre o objeto. “A colcha de retalhos formada de declamação ideológica e de fatos que foram apropriados, isto é, na maior parte das vezes decorados, revela que foi rompido o nexo entre o objeto e reflexão” (ADORNO, 2020, p. 68).

³ “Reificação é o ato (ou o resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso ‘especial’ de ALIENAÇÃO, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista” (BOTTOMORE, 2012, p. 314).

Partindo desse exame crítico, pode-se interpretar que a cisão entre o sujeito e o objeto tem como fundamento uma racionalidade que alcança um grande desenvolvimento técnico científico, portanto, objetivamente, mas regride na formação humana tanto em nível de conhecimento como no tocante às inter-relações, isto é, subjetivamente. Essa racionalidade é revelada por um processo de dominação histórica, processo esse que leva Marcuse (2021) a desenvolver alguns conceitos como o de mais-repressão e o princípio de mais desempenho para elucidar o paradoxo de que a sociedade já consegue produzir o suficiente para atender às necessidades das pessoas, e, no entanto, ainda é necessário mais trabalho e menos tempo livre visando ao acúmulo e a competição.

O passado tem uma função dupla segundo Marcuse (2021), primeiro, é o de modelar o indivíduo e a modelar a sociedade, dessa forma, se, para Freud (2010a), a organização repressiva dos instintos se dá pelo conflito entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, para Marcuse (2021), existe também o fator histórico de que a civilização progrediu como dominação. Essa construção filogenética é denominada por Marcuse (2021) de dominação organizada. Nesse sentido, o autor diferencia a repressão básica que é necessária para a perpetuação da civilização humana e a “mais-repressão”, definida abaixo, que é requerida pela dominação social.

[...] afetam o próprio conteúdo do princípio da realidade, pois toda e qualquer forma do princípio de realidade deve estar consubstanciada num sistema de instituições e relações sociais, de leis e valores que transmitem e impõem a requerida “modificação” dos instintos. Esse “corpo” do princípio de realidade é diferente em diversos estágios da civilização. Além disso, embora qualquer forma do princípio da realidade exija um considerável grau e âmbito de controle repressivo sobre os instintos, as instituições históricas específicas do princípio da realidade e os interesses específicos de dominação introduzem controles adicionais acima e além dos indispensáveis à associação civilizada humana. Esses controles adicionais, gerados pelas instituições específicas de dominação, receberam de nós o nome de mais-repressão (MARCUSE, 2021, p. 29).

O conceito de “mais-repressão” apresentado por Marcuse (2021) também vai corroborar para a elucidação de outro conceito definido pelo autor, o conceito designado por ele de “princípio de desempenho”. A sociedade contemporânea constrói-se sob o domínio da estratificação visando ao desempenho econômico, sendo assim, fica evidente a concorrência entre os membros dessa sociedade e o estabelecimento de funções preestabelecidas pelos trabalhadores. “Os homens não

vivem sua própria vida, mas desempenham tão só funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em alienação” (MARCUSE, 2021, p. 35).

A escola, como uma instituição social, tem sido alvo de ideologias que mantêm interesses da ideologia da dominação, isso acontece a partir da padronização, por exemplo, da cultura escolar, visando, por meio da homogeneização da cultura escolar, à pseudoformação, mediante uma abordagem utilitarista e conformista de uma forma geral. O controle é exercido pelos países ricos e organismos internacionais⁴ principalmente sobre os países emergentes, por meio de políticas educacionais que privilegiam a produção de mão de obra para o capital, tornando essa sociedade ainda mais reprimida no que se refere à sua subjetividade.

Na sociedade moderna os interesses de dominação coincidem com os interesses do todo. A energia é reprimida pelo trabalho e, por isso, não se acumula nos instintos agressivos. Assim, o indivíduo se transforma apenas em um instrumento de desempenho no trabalho. Isso fica ainda pior quando a sociedade industrializada pela técnica de manipulação das massas passa a controlar a indústria do entretenimento, que controla diretamente o tempo livre do indivíduo (ADORNO, 1985;1995; MARCUSE, 2021). O tempo Livre não significa liberdade, segundo Adorno (1995, p. 70) afirma a seguir:

Numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isto pesa muito sobre a questão do tempo livre. Não significa menos do que, mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho. A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, porventura, esta: “Que ocorre com ele com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?”

⁴ “Há cerca de duas décadas, organismos multilaterais como o Banco Mundial (BM), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização Mundial de Comércio (OMC) e a Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) têm orientado as políticas educacionais nos países periféricos com o objetivo de responder, dentro dos limites do campo educacional e de sua possibilidade de alcance, à crise estrutural do capitalismo” (MOTA; JUNIOR; MAUÉS, 2014, p. 3).

Essa perspectiva de controle do tempo livre não tem consequência somente sobre o lazer, mas também em outras dimensões da vida dos indivíduos, pois, a sociedade contemporânea, partindo do princípio de desempenho, é uma sociedade altamente competitiva. Isso pode ser observado através do conceito de escassez, que é definido por Marcuse (2021), como a forma de exercer uma dominação subjetiva, que carrega, por um lado, a ideia de que não há lugar para todos, e, por outro, de que somente os que se sobressaírem no trabalho, por exemplo, obterão o emprego, ou a melhor faculdade, ou a melhor escola, passando, assim, a se estabelecer o critério de merecimento para justificar a ideologia do desempenho. Adorno (2020, p. 176) compartilha do ponto de vista de que: “a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana”.

As escolas também podem ser observadas a partir do princípio de desempenho, que gera a competição por resultados em busca de índices maiores de aprovação, os testes padronizados externamente criam mecanismos concorrenciais internos e se transformam em fatores de recentralização do currículo, condicionado a autonomia pedagógica dos professores e impondo um memorização a curto prazo (PACHECO; MARQUES, 2014). Essa abordagem centrada na meritocracia e no controle deteriora as relações de trabalho e aliena os docentes no sentido de que esses já encontram seu trabalho pronto e se tornam apenas aplicadores de conteúdo previamente elaborados. Isso é talvez, o preço pago, pela ideologia da atual racionalidade técnico-instrumental.

Dessa forma, a mediação⁵ é encurtada e a experiência do aprendizado não é viabilizada. “O resultado é a atrofia dos órgãos mentais para compreender as contradições e as alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a ‘Consciência Feliz’” (MARCUSE, 2015, p. 103). A “Consciência Feliz” é um conceito criado por Marcuse (2015, p. 107), que aponta que a crença na atual racionalidade tende a conduzir os sujeitos à mistificação do real, por conseguinte, sucumbindo-se à regressão dos instintos.

⁵ A mediação para Adorno “[...] é a possibilidade de identificação da realidade, a relação entre sujeito e objeto é determinada pelo sistema social e político. Assim essa determinação apresenta a realidade contraditória pela objetificação das condições estruturais dadas. [...] O universo objetivo corresponde ao sistema geral de funcionamento da sociedade. [...] À medida que o universo objetivo determina as relações sociais, torna-se necessário reconhecer a primazia do objeto sobre o sujeito, ou melhor, as imposições sociais face à condição alienante que inverte o sentido da mediação e arrisca celebrar a objetivação do sujeito, sua coisificação. Uma vez que a mediação arrisca ser idealizada” (ZANOLLA, 2012, p. 9-10).

A Consciência Feliz – a crença que o real é racional e que o sistema entrega os bens – reflete o novo conformismo que é uma faceta da racionalidade tecnológica traduzida em comportamento social. É novo porque é racional a um grau sem precedentes. Sustenta uma sociedade que reduziu – e em suas mais avançadas áreas eliminou – a irracionalidade mais primitiva de estágios anteriores, que prolonga a melhora a vida com mais regularidade do que antes. A guerra de aniquilação ainda não ocorreu; os campos nazistas de extermínio foram abolidos. A Consciência Feliz repele toda afinidade.

Marcuse (2015, p. 100-101) expõe que a sublimação preserva a renúncia que a sociedade repressiva impõe, no entanto, ao contrário, a dessublimação⁶ permite que o indivíduo tenha o que quiser, não existindo repressão, mas a adaptação.

[...] a perda da consciência, devido às liberdades satisfatórias garantidas por uma sociedade não-livre, contribui para uma *consciência feliz* que facilita a aceitação dos males dessa sociedade. É o sinal do declínio da autonomia e da compreensão. A sublimação requer um alto grau de autonomia e compreensão; ela é mediação entre consciente e inconsciente, entre os processos primários e secundários, entre o intelectual e o pulsional, a renúncia e a rebelião. [...] a dessublimação desenfreada na sociedade industrial avançada revela sua função verdadeiramente conformista. Essa liberação da sexualidade (e da agressividade) liberta os impulsos instintivos de grande parte da infelicidade e do descontentamento que elucida o poder repressivo do universo estabelecido de satisfação. Certamente, há infelicidade generalizada e a consciência feliz é bastante frágil - uma fina camada sobre o temor, a frustração e o desgosto.

Para Marcuse (2015), esse mundo foi substituído por uma aparente liberdade, todas as necessidades agora podem ser satisfeitas, dessa forma, perde-se a tensão entre a necessidade e o princípio da realidade, não existe mais a repressão e sim a possibilidade de realização de todos os desejos do indivíduo, desde que eles sejam os mesmos organizados pela indústria cultural. No entanto, a infelicidade ainda é real pois a “Consciência Feliz” é uma aparência, por isso existe a possibilidade da emergência da barbárie ao se libertar instintos agressivos que não são sublimados.

Os conflitos do indivíduo infeliz não aparecem sempre passíveis de cura, porque a sociedade administrada a tudo pode administrar, e as transgressões mais

⁶ “A dessublimação institucionalizada parece ser então um aspecto da “conquista da transcendência” realizada pela sociedade unidimensional. Assim como essa sociedade tende a reduzir e mesmo absorver a oposição (a diferença qualitativa!) no domínio da política e da cultura superior, ela o faz da mesma forma na esfera pulsional. O resultado é a atrofia dos órgãos mentais para compreender as contradições e as alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a Consciência Feliz” (MARCUSE, 2015, p. 103).

hediondas não são reprimidas e deixam de ser um perigo para a sociedade, pois a racionalidade técnica se sobrepõe a tudo isso (MARCUSE, 2015). “Obviamente no reino da Consciência Feliz, o sentimento de culpa não tem lugar e o cálculo se encarrega da consciência. Quando o todo está em jogo, não há crime exceto aquele de rejeitar o todo” (idem, 2015, p. 106).

Segundo Marcuse (2021), a teoria de Freud se concentra no ciclo dominação-rebelião-dominação, porém, a segunda dominação não é apenas uma repetição da primeira, mas trata-se de uma espécie de progresso da dominação, desse modo, a dominação se vê institucionalizada, impessoal, objetiva e racionalmente implantada. Essa dominação também pode ser observada na educação pela forma racionalizada imposta pelas “revoluções” na educação, que são os novos projetos, as reformas educacionais, as diretrizes e orientações que a medida, que o cenário econômico vai transformando-se, faz-se necessário mudar também os mecanismos de controle da educação. Essas novas concepções avançadas de educação na verdade se constituem em velhas formas de controle social, segundo Freitas (2014, p. 108), indica a seguir:

De fato, procura-se difundir que a questão da educação se resolve a partir de uma gestão eficaz das “mesmas formas vigentes de organização pedagógica”, associada a novas tecnologias educativas, responsabilização, meritocracia e privatização, motivando a consolidação de um neotecnicismo educacional [...] em um grande movimento para adaptar as escolas às novas exigências da reestruturação produtiva e da promoção do aumento da produtividade empresarial que relembra os esforços de John Dewey [...] no começo do século passado destinados a adaptar as escolas americanas à nova realidade industrial dos Estados Unidos.

Entende-se, a partir dessas afirmações, que o a transformação do capitalismo livre organizado dentro do sistema de controle unificado tem instituído uma visão empresarial na educação, reutilizando métodos antigos com novas roupagens assim como faz a indústria cultural para atender às novidades do mercado. Dessa forma, atrelada a essas duas perspectivas, instrumentalistas e racionalistas apregoados pelo capitalismo. Assim, como a indústria cultural sofre modificações para a sua perpetuação no poder, assim, também, ocorre com educação e a formação que assumem novas características para continuarem sendo instrumentos de dominação. Dessa maneira, a formação não propicia meios de desenvolver processos de pensamento crítico e reflexivo.

No entanto, é preciso esclarecer que não é só a educação que sofre com as mudanças estabelecidas pelo mercado, a partir dessa lógica, a família também sofre um declínio na sua função social. Isso acontece porque a estrutura do superego assim como as manifestações do sentimento de culpa têm sofrido modificações ao longo dos anos, o superego desprende-se da experiência com o pai, e o conflito pai-filho deixa de ser o conflito modelo da sociedade, a família vai perdendo espaço e o indivíduo vai sendo absorvido pelos grupos impessoais em grande escala, como é explicitado por Marcuse (2021, p. 72-73) a baixo:

A abolição tecnológica do indivíduo está refletida no declínio da função social da família. Anteriormente, era a família quem, para bem ou para mal, criava e educava o indivíduo; e as normas e valores dominantes eram transmitidos pessoalmente, transformados através do destino pessoal. [...] Por consequência, a formação do superego, a modificação repressiva de seus impulsos, sua renúncia e sublimação, eram experiências muito pessoais. Precisamente por causa disso, sua adaptação deixou cicatrizes dolorosas, e a vida, sob o princípio de desempenho, ainda conservou uma esfera de não conformismo privado. Contudo, sob o domínio dos monopólios econômicos, políticos e culturais, a formação do superego maduro parece, agora, saltar por cima do estágio de individualização: o átomo genérico torna-se diretamente um átomo social. A organização repressiva dos instintos parece ser coletiva, e o ego parece ser prematuramente socializado por todo um sistema de agentes e agências extrafamiliares.

O superego anteriormente era alimentado pela figura do patrão, do chefe, do diretor, mas essas imagens de pai pessoal foram se desvanecendo atrás das instituições, a dominação vai tomando a forma de uma administração, e essa, por si, converte o poder econômico em anonimato. “A responsabilidade pela organização de sua vida reside no todo, no ‘sistema’, a soma total das instituições que determinam, satisfazem e controlam suas necessidades” (MARCUSE, 2021, p. 74).

A autoridade despótica do pai transforma-se em uma autoridade comedida e educacional. O princípio do prazer é transformado em princípio de desempenho, e o filho é preparado para assumir o lugar do pai. Na presente civilização a superação do pai tem sido mais amena, e a dominação ultrapassou a esfera das relações sociais e tem encontrado espaço nas instituições para a satisfação das necessidades humanas. “Mas é precisamente o desenvolvimento dessas instituições que está abalando os alicerces estabelecidos da civilização” (MARCUSE, 2021, p. 58).

As reflexões acima demonstram que a autoridade exercida pela família está sendo minada pela conversão para a dominação de estruturas totalitárias, não se pode deixar de observar que a educação na figura do professor também tem incorrido na negação da autoridade. A falta da referência pode fazer com que os indivíduos se identifiquem com o comportamento cego das massas. “Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados” (ADORNO, 2020, p. 140).

Desse modo, a figura do professor, além de perder sua autoridade por causa desse processo de dominação descrito acima que tem sua origem no complexo sistema neoliberal que trata a educação como mercadoria, e o professor como um empregado de uma empresa que presta serviços aos alunos (clientes). Isso tende a fragilizar toda a estrutura emocional do docente, que não se vê como um educador capaz de ensinar, mas como um apêndice da máquina que tem de produzir para que seu aluno alcance resultados produtivos. Assim, tomando Adorno (2008a, p. 9) como referência, os professores se tornam apenas “[...] acessórios da maquinaria como se elas ainda pudessem agir como sujeitos, e como se algo dependesse da sua ação”.

Retomando Marcuse (2021) explicita-se que este põe em evidência a hipótese de uma civilização não repressiva, demonstrando a possibilidade de um desenvolvimento não repressivo da libido. Na sua visão, para Freud, existem forças mentais que se conservam livres do princípio da realidade, a fantasia é uma dessas forças, “ela liga as mais profundas camadas do inconsciente aos mais elevados produtos da consciência” (idem, p. 109). A fantasia (imaginação) está ligada ao Id e preserva a memória do passado sub-histórico, sob o domínio do princípio do prazer, a imaginação quer a reconciliação com o todo, mas, por causa do princípio da realidade, essa harmonia é removida para o universo da utopia. A arte é a possibilidade de compreender as verdades da imaginação (MARCUSE, 2021).

A psicanálise é justamente o retorno ao inconsciente para trazer à tona o que está reprimido, diferentemente da teoria de Marcuse (2021), que compreende a ideia de um princípio da realidade não repressivo. O próprio autor infere, então, a partir disso, que a liberdade visada por ele seria uma ilusão para Freud.

Na teoria de Freud, a liberdade contra a repressão é uma questão do inconsciente, do passado sub-histórico e até sub-humano, dos processos biológicos e mentais primordiais; por consequência, a ideia de um princípio de realidade não repressivo é uma questão de retrocesso. Que tal princípio pudesse converter-se numa realidade

histórica, uma questão de desenvolvimento consciente, que as imagens da fantasia pudessem referir-se a um futuro inconquistado da humanidade, em vez do seu (pessimamente) conquistado passado – tudo isso parece para a Freud, na melhor das hipóteses, uma bela utopia (MARCUSE, 2021, p. 113).

A ideia de uma sociedade melhor revelada por Marcuse (2021), isto é, através de uma transformação no princípio da realidade e à intensificação do princípio do prazer, conforme várias hipóteses defendidas por este autor em *Eros e Civilização*, tais como: a eliminação da escassez e da dominação, a sexualização de Eros, a diminuição da jornada de trabalho e a possibilidade de escolha livre de uma atividade, até a última pontuação dada por ele, sobre a liberdade da repressão através da fantasia, tudo isso é notável distinto de Freud, no sentido que Freud (2010a) não acredita em uma mudança na civilização para estágios mais humanos e menos repressivos. A centralidade de Marcuse (2021) está em acentuar a função de Eros na civilização para que esta tenha seu progresso efetivo, não somente um progresso técnico e científico, mas, talvez, um retrocesso ao estágio de uma civilização que não tenha tantas necessidades, e por isso, seja capaz de oferecer uma vida melhor às pessoas.

Orfeu é o poeta da redenção, na sua pessoa, a arte, a liberdade e cultura se combinam, a paz pode ser contemplada através da pacificação do sujeito e da natureza, sem força, usando a palavra (o verbo). A estética é a força encontrada para demover a razão, se constitui do belo e da sensualidade. A imaginação estética é livre, pois não é julgada por seu intento ou propósito, a experiência que esta propicia é da liberdade do sujeito e do objeto e disso resulta uma nova qualidade de prazer (MARCUSE, 2021). Para Kant, citado por Marcuse (2021, p. 138):

[...] a dimensão estética é o meio onde os sentidos e o intelecto se encontram. A mediação realiza-se pela imaginação, que é a terceira faculdade mental. Além disso, a dimensão estética também é o meio onde a natureza e a liberdade se encontram. Essa dupla mediação é requerida pelo conflito geral entre as faculdades superiores e inferiores do homem, o qual é gerado pelo progresso da civilização – um progresso obtido através da subjugação das faculdades sensuais à razão e através de sua utilização repressiva para as necessidades sociais [...] a função mediadora é desempenhada pela faculdade estética, que é afim da sensualidade, pertinente aos sentidos. Por consequência, a reconciliação estética implica um fortalecimento da sensualidade, contra a tirania da razão, e, em última instância, exige até a libertação da sensualidade, frente à dominação repressiva da razão.

Para apoiar sua teoria, Marcuse (2021) também se utiliza de conceitos descritos por Shiller (1759-1805) em *Cartas sobre a Educação Estética*. Esse último descreve que a civilização é movida por um antagonismo de conceitos emparelhado como: sensualidade e razão, natureza e liberdade, o particular e o universal, sendo a cultura um produto da combinação de dois impulsos que movem esses conceitos. O impulso sensual e o impulso formal, e na civilização atual a relação entre estes dois impulsos tem sido antagônicas, só podem ser resolvidos por um mediador, que é o terceiro impulso, isto é, o impulso lúdico. A citação abaixo explica bem o que foi exposto acima.

O homem só é livre quando está livre de coações, externas e internas, físicas e morais – quando não é reprimido pela lei nem pela necessidade. Mas tal coação é a realidade. Assim, num sentido estrito, liberdade é a emancipação de uma realidade estabelecida: o homem está livre quando a 'realidade perde a sua seriedade' e quando a sua necessidade 'se ilumina' (MARCUSE, 2021, p. 144).

Diante do exposto acima sobre a importância da educação estética como mecanismo capaz de estimular o princípio do prazer e de tornar menos repressiva a cultura, destaca-se a possibilidade da crítica e do aspecto negativo da arte na construção de uma racionalidade mais humana, contrapondo-se a essa sociedade antagônica e propiciando a sublimação dos instintos agressivos. O próprio Freud (2010a, p. 35) traz a possibilidade da emergência do potencial de sublimação a partir da arte e de fontes de trabalho psíquico e intelectual.

O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Então o destino não pode fazer muito contra o indivíduo. A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente.

Para Marcuse (2021), a cultura estética pressupõe uma revolução no modo de pensar e perceber o mundo, a coação da necessidade é substituída pela coação da abundância, dessa forma, o indivíduo é impelido a um movimento livre cuja faculdade mental que exerce essa liberdade é a da imaginação. Isso revela um forte desejo do autor de uma sociedade livre, totalmente sem repressão, não considera isso utópico, antes acredita ser isso uma questão de razão. "As utopias são

suscetíveis de esquematizações irrealistas; as condições para uma livre sociedade não o são. Trata-se de uma questão de razão” (MARCUSE, 2021, p. 173).

Na obra de Marcuse (2015), *O Homem Unidimensional*, a educação estética é discutida pelo autor retomando o aspecto de que o progresso da racionalidade tecnológica está destruindo os elementos de oposição à chamada “cultura superior”. “O que está acontecendo agora não é a deterioração da cultura superior na cultura de massa, mas a refutação dessa cultura pela realidade. A realidade ultrapassa sua cultura” (MARCUSE, 2015, p. 85). A característica da sociedade contemporânea é o enfraquecimento do antagonismo entre a cultura e a realidade social, essa última está absorvendo a cultura que nessa transformação perde o seu valor de verdade (idem, 2015).

O que acontece hoje na sociedade contemporânea é a reconciliação cultural que antes era sustentada pela condição infeliz do indivíduo, o mundo dividido, repleto de incertezas e contradições, ao invés de primar pela sublimação, que é a recusa dessa ordem, ao mesmo tempo a transcendência dela, pelo contrário, prima pela dessublimação, conceito criado por Marcuse, que pode ser melhor explicado da seguinte maneira:

A alienação artística é sublimação. Ela cria imagens de condições que são irreconciliáveis com o Princípio da Realidade estabelecido, mas que, enquanto imagens culturais, tornam-se toleráveis, até mesmo edificantes e úteis. Agora essas imagens mentais são invalidadas. Sua incorporação à cozinha, ao escritório, à loja; seu uso comercial nos negócios e no lazer é, em um sentido, dessublimação – que substituí a gratificação mediada pela imediata. Mas é dessublimação praticada a partir de uma “posição de força” por uma parte da sociedade que pode permitir-se mais do que antes porque seus interesses se tornaram os impulsos mais interiorizados de seus cidadãos, e porque os prazeres que ela concede promovem a coesão social e o contentamento (MARCUSE, 2015, p. 97).

Marcuse (2015) afirma que a cultura bidimensional, é a cultura da sociedade pré-tecnológica, esse mundo é representado pela cultura feudal de poucos privilegiados, mas que revela o elemento romântico, a arte e a literatura dos clássicos. Essas obras autênticas expressam uma alienação consciente em relação ao mundo dos negócios.

Antes do advento dessa reconciliação cultural, a literatura e arte eram essencialmente alienação, sustentando e protegendo a contradição – a consciência infeliz do mundo dividido, as

possibilidades fracassadas, as esperanças não realizadas e promessas traídas (idem, p. 89).

Nessa sociedade unidimensional, a mecanização poupou a libido de várias realizações, fazendo com que o ambiente em que o indivíduo pudesse obter alguma gratificação fosse desertizado. Isso significa que o pano de fundo, a paisagem ou o meio pelo qual ocorrem as experiências cotidianas não mais existam, surgindo no lugar a imediata gratificação, não há tensionamento na busca pelo prazer pois o indivíduo não enfrenta a labuta de um mundo hostil que, segundo Freud (2010a), são inerentes aos três cativeros que a pessoa deveria enfrentar na vida. O sofrimento causado ao corpo redundando na sua morte, a prepotência da natureza e as relações entre os indivíduos. Desse modo, o sujeito perde o sentimento de culpa, daí ser possível imaginar as atrocidades que podem ser provocadas por uma sociedade sem culpa.

No contexto referido acima, a formação humana fica privada dos clássicos, da verdadeira arte e de instrumentos que podem permitir a verdadeira crítica com vistas ao processo emancipatório do indivíduo. Pois a experiência está mutilada, e a educação deixa-se influenciar pelas tendências mercadológicas, o indivíduo é, então, cerceado, no seu pensamento e na sua autonomia. No âmbito educacional, entende-se ser necessária uma educação estética capaz de transformar a razão tecnicista e instrumental em uma racionalidade mais sensível e mais humana, pois, assim, a formação poderia modificar a consciência dos sujeitos, tornando-o mais autônomos.

A sociedade produtiva discutida por Marcuse (2015) demonstra sua opulência nos altos níveis de bem-estar social, porém se torna a sociedade da destruição dos recursos e do desperdício. A mídia faz a mediação “entre os senhores e seus dependentes. “Seus agentes de publicidade moldam o universo da comunicação no qual o comportamento unidimensional se expressa” (idem, p. 108). Dentro desse contexto de comunicação, a linguagem é moldada pela indústria cultural e assume características autoritárias e privadas de mediação, o chamado operacionalismo faz com que as os conceitos linguísticos percam sua representação autêntica, promovendo, desse modo, a identificação imediata entre a razão e o fato (MARCUSE, 2015).

O hábito de um pensamento operacional faz com que o conceito seja absorvido pela palavra. Diante disso, o conceito perde seu significado original e a palavra torna-se um “clichê” como explica Marcuse (2015, p. 109):

Como um hábito de pensamento fora da linguagem científica e técnica, tal raciocínio molda a expressão de um comportamento social e político específico. Neste universo comportamental, palavras e conceitos tendem a coincidir, ou melhor, o conceito tende a ser absorvido pela palavra. O primeiro não tem outro conteúdo do que aquele designado pela palavra no uso publicizado e padronizado, e espera-se que a palavra não tenha nenhuma outra resposta além do comportamento (reação) publicizado e padronizado. A palavra torna-se clichê e, como clichê, governa a fala ou a escrita; a comunicação, assim, impede o desenvolvimento genuíno do significado.

O universo bidimensional do discurso é permeado pela tensão, pela crítica e pelos conceitos dialéticos que indicam contradições reais. O pensamento dialético compreende o caráter histórico das contradições. Em um universo do discurso que concilia os opostos, que nega o presente e se esquece das realizações históricas, a linguagem unificada e operacional é anticrítica e antidialética. Esse modelo operacional absorve os elementos antagônicos da razão e fecha o discurso em um pensamento único, isto é, unidimensional, ao escamotear as contradições impondo as suas verdades, esse discurso se fecha não permitindo que a contradição emergja na totalidade. Por isso, esse todo não caracteriza a verdade, mas a ideologia que encobre a realidade. (MARCUSE, 2015).

Para Marcuse (2015) a linguagem pode ser considerada a linguagem da administração total, moldada pelo comportamento unidimensional, neste processo a tensão desaparece entre a realidade e a aparência. Pode-se inferir, portanto, que a linguagem pode ser regressiva ao mesmo tempo impor suas características neoliberais se esquecendo do fundamental, que a linguagem foi criada para comunicar e fazer com que os indivíduos interajam, e é nesse sentido que ela se torna coercitiva e destituída de significado, tornando a linguagem incompreensível e servindo de instrumento de dominação e arbitrariedades. Um exemplo são as siglas que, no mundo hodierno, prevalecem sobre o conceito, como, por exemplo, Marcuse (2015) cita a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) exprime um tratado entre as nações do Atlântico Norte. Um exemplo na educação brasileira é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mostrando a institucionalização dos mecanismos da educação.

Este diagnóstico dado por Marcuse (2015) nas afirmações acima, demonstra que a negação da linguagem e do conhecimento empobrece os conceitos e o pensamento das pessoas. “Os conceitos que compreendem os fatos e, por meio disso, transcendem os fatos, estão perdendo sua representação linguística autêntica” (idem, p. 108). Na educação isso pode ser visto pela absorção da linguagem empresarial, com palavras como: resultados, ranking, educação corporativa, gestão pedagógica, capital humano e outras. As siglas também fazem parte desse universo: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); Ministério da Educação (MEC); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O abreviamento sintático cria um vocabulário que obstrui a diferenciação.

Adorno (2020), ao analisar alguns textos filosóficos, demonstra que muitas vezes o encadeamento do texto não corresponde aos pensamentos, do autor e que, no plano da reflexão sobre o objeto, revelando-se totalmente desprovidos de conteúdo. Para Adorno (2020), a linguagem torna-se dessa maneira, repleta de clichês, e estereotipada, sendo por isso, desprovida de formação cultural. Trata-se de uma pseudolinguagem linguagem de quem ainda não conseguiu emancipar-se. Na concepção desse autor: “A formação cultural [*Bildung*] precisa corresponder à urbanidade, e o seu lugar geométrico é a linguagem” (ADORNO, 2020, p. 72-73).

Marcuse (2015) e Adorno (2020) refletem que se trata de uma linguagem regredida, o primeiro pelo discurso operacional que absorve a ideologia do capital e o segundo pela falta de formação dos alunos e professores que se revela de um modo geral tanto na linguagem escrita como falada. A coerência entre os dois autores se configura no fato de que a regressão causada à linguagem e à subjetividade do indivíduo é visível, e gigantesca, e, muitas vezes, não chega a ser identificada por causa da alienação na qual o sujeito está submetido, talvez, em grande medida, pelos impactos trazido pela indústria cultural. Diante desse cenário, entende-se que é de suma importância reiterar os esforços no sentido de desenvolver um trabalho educativo que se contraponha ao individualismo e à competitividade, a fim de tornar o indivíduo mais humano.

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA FREUDIANA: CONTEMPORANEIDADES

“O saber preciso e incisivo da psicanálise é mais atual do que nunca.”
(ADORNO, 2020, p. 49)

No primeiro capítulo da presente pesquisa fizemos uma aproximação à Teoria Crítica frankfurtiana bem como procuramos apresentar a introdução da Psicanálise nesse Instituto de Pesquisas Sociais e, ainda, tratamos da educação em conexão com a teoria freudiana. No segundo capítulo fizemos uma discussão introdutória sobre Freud, Adorno, Horkheimer e Benjamin e, além disso, realizamos um estudo aproximativo entre os trabalhos de Marcuse e a teoria de Freud. Neste terceiro capítulo procuraremos tratar da educação e da formação na perspectiva da Psicanálise, considerando os conflitos inerentes ao sujeito, conseqüentemente à educação, visando apontar algumas possibilidades de resistência a tal realidade.

Para tanto, o primeiro item aborda a relação entre civilização e educação, tendo-se em vista, a partir da Psicanálise, que tanto a cultura do sujeito como também a cultura presente na sociedade necessitam de um embate contra o estado de barbarização no qual recaíram. O segundo item deste capítulo faz uma reflexão sobre alguns tabus acerca da profissão do professor, com base no texto adorniano denominado “Tabus acerca do Magistério”, apontando que o indivíduo narcisista emerge a partir do enfraquecimento da família e do domínio da racionalidade técnica na contemporaneidade, regredindo-se ao estado de massa, por conseguinte, ao enfraquecimento do Eu. No terceiro e último item o capítulo discute sobre algumas contribuições tanto de Freud como de Adorno para a educação.

3.1 Educação e Civilização em Freud

A cultura contemporânea é descrita por Adorno e Horkheimer (1973) como a moderna civilização técnica, na qual são enfatizados os fenômenos de massa. Embora esses autores tenham atestado para essa mudança, é preciso registrar, no entanto, que uma cultura não é descrita como a cultura de um indivíduo, mas a cultura de um povo e de uma nação, evidenciando, assim, que uma cultura, de uma forma geral, é resultante da sublimação de todas as realizações humanas, é a fuga

do estado de brutalidade para a humanização, é a busca para suplantar as manifestação de ilusões para conter os instintos e dominar a natureza.

Conforme já apontado anteriormente, a cultura e a civilização, para Freud (2014), não são separadas, referem-se a tudo aquilo que se eleva e se distingue das condições animais, e a educação encontra-se atrelada ao processo civilizatório, por isso essa dimensão da formação humana não se separa nem da cultura tampouco da civilização.

Nesse contexto, pode-se dizer que a educação é responsável por contribuir com a atualização dos conhecimentos no processo civilizatório, e esse processo perpassa pela tensão e exigência de renúncia por parte da civilização. “Parece, isto sim, que toda cultura tem de se basear na coação e na renúncia instintual” (FREUD, 2014, p. 235). O autor ainda afirma que o ser humano é dotado de diversas disposições instituais e o direcionamento delas depende das primeiras vivências na infância.

A humanidade, para Freud (2014), provavelmente permanecerá associal e hostil à cultura, devido a uma predisposição ao excesso da força instintual, e se for possível converter essa maioria em minoria, muito já se terá sido alcançado. A percepção de Freud (2014) denota que há relação com a do dever kantiano, de que o indivíduo deve estar disposto a fazer sacrifícios em prol da sociedade. Porém, Freud não se ilude com tal afirmação, pois tem conhecimento da capacidade do sujeito tanto para construir como para destruir.

Muitíssimas pessoas civilizadas, que recuariam, horrorizadas, ante o assassinato e o incesto, não se negam à satisfação da sua cobiça, de seu prazer em agredir, de seus apetites sexuais, não deixam de prejudicar outras com mentiras, fraudes e calúnias se puderem fazê-lo impunemente, e assim sempre foi, ao longo de muitas épocas da civilização (FREUD, 2014, p. 242).

Freud (2014) analisa as restrições que a cultura promove apenas às classes menos favorecidas, que lutam ao extremo para se livrarem dessas privações. O fato das classes necessitadas não possuírem os mesmos benefícios que as classes mais abastadas pode gerar a revolta, que Freud (2014) chama de profunda aversão, isto é, o profundo ódio primitivo, que acaba sendo nutrido por camadas que sofrem tais apreensões, voltando-se contra seus opressores. Em outras palavras:

Porém, se uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte de seus membros tem como pressuposto a opressão de outra parte, talvez da maioria – e esse é o caso de todas as culturas atuais -, então é compreensível que esses oprimidos desenvolvam forte hostilidade em relação à cultura que viabilizam mediante seu trabalho, mas de cujos bens participam muito pouco (FREUD, 2014, p. 242).

Toda a cultura produzida pelo indivíduo é significativa e indica que a psique humana experimentou avanços, o grau de internalização dos preceitos culturais e morais instituídos pelo ser humano, principalmente através do Super-eu, refletem o processo de transformação, que torna possível à criança se tornar um ser moral e social. “Tal fortalecimento do Super-eu é um valiosíssimo patrimônio cultural psicológico. As pessoas nas quais ele se realizou passam de adversários a portadores da cultura” (FREUD, 2014, p. 241).

Os bens psíquicos de uma cultura, seus ideais mais elevados determinam as realizações culturais de um grupo. Segundo Freud (2014, p. 243), “[...] a satisfação que o ideal oferece aos seus participantes da cultura é de natureza narcísica, baseia-se no orgulho pela realização conseguida”. Sendo assim, comparando com o conhecimento adquirido através da educação, a cultura tende a ser um objeto de desejo das classes sociais, sendo alguns conhecimentos considerados melhores que outros, ou tendem a definir as características de certos grupos na sociedade que geralmente são chamadas pessoas cultas ou incultas.

No entanto, Freud (2014, p. 237). Atenta para o seguinte: “Novas gerações, educadas na gentileza e na valorização do pensamento, e tendo experimentado cedo os benefícios da civilização, terão outra relação para com ela, percebendo-a como seu patrimônio mais autêntico”.

Segundo, ainda, este psicanalista, a satisfação narcísica procedente do ideal cultural também atua contra a hostilidade à cultura nos grupos culturais, isso acontece porque os indivíduos se identificam com a classe que os domina, seu senhor se torna seu ideal. Se tais relações de identificação não existisse não seria possível que as massas suportassem os danos sofridos pelos seus dominadores.

Nenhum traço caracteriza melhor uma civilização do que as ideias, o cultivo das atividades psíquicas elevadas através das realizações intelectuais, psíquicas e artísticas. Freud (2010a) vai chamá-las de construções ideais dos sujeitos, são as

concepções de perfeição da humanidade. Toda a atividade humana baseia-se em duas metas coincidentes, a saber:

Se admitimos de maneira bem geral, que o móvel de toda atividade humana é o empenho visando as duas metas confluentes, utilidade e obtenção de prazer, temos que aceitar isso como válido também para as manifestações culturais aqui mencionadas¹, embora seja facilmente visível apenas na atividade científica e artística. Não se pode duvidar, contudo, que também as outras correspondem a fortes necessidades dos homens, talvez aquelas desenvolvidas apenas numa minoria. Tampouco é lícito nos deixarmos enganar por julgamentos de valor sobre qualquer desses sistemas religiosos e filosóficos ou desses ideais; quer sejam vistos como a realização maior do espírito humano, quer sejam deplorados como equívocos, é mister reconhecer que sua existência, em especial seu predomínio, indica um elevado grau de civilização (FREUD, 2010a, p. 55-56).

Partindo da afirmação acima, pode-se destacar que a existência das atividades humanas visando à perfeição é uma forte necessidade humana, que podem ser vistas em manifestações científicas e artísticas e culturais, estando intrinsecamente ligada à dimensão da educação. Pois todo o aperfeiçoamento trilhado pela civilização passa por um processo educativo, as gerações evoluem mediante esse processo peculiar realizado pela educação, pois infere-se que é através da ação educativa, que instrui os sujeitos à renúncia instintual, que o indivíduo se torna capaz de vivenciar os processos de sublimação.

Na mitologia Eros e Ananke, o amor e a necessidade, são duas forças poderosas que ilustram bem a fundamentação da civilização. Freud (2010a) expressa que eles se tornaram os pais da cultura humana. “O primeiro êxito cultural consistiu em que um número grande de pessoas pôde viver em comunidade” (idem, 2010a, p. 63). De acordo com Freud (2010a), o amor é responsável pela formação dos laços capazes de unir um número considerável de pessoas.

O amor inibido na meta foi, na origem, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente humano. Ambos, o amor plenamente sensual e amor inibido na meta, vão além da família e estabelecem novas uniões com pessoas antes desconhecidas. O amor genital conduz à formação de novas famílias, aquele inibido na meta, a “amizades”, que culturalmente se tornam importantes, pois escapam a várias limitações do amor genital – a exclusividade, por exemplo (FREUD, 2010a, p. 66).

¹ Freud (2010a, p. 55) nessa passagem está se referindo às manifestações “religiosas”, “filosóficas”.

No desenvolvimento da civilização o amor vai se opor à cultura, essa divergência pode ser observada na família em contraste com a comunidade, pois a família não quer ceder o indivíduo. “Quanto maior for a coesão dos membros na família, mais frequente eles tenderão a se apartar dos outros, e mais dificilmente ingressarão no círculo mais amplo da vida (idem, p. 66).

No entanto, quando os seres humanos se defrontam com a necessidade de viverem juntos acabam conhecendo a ambivalência afetiva, a eterna luta entre Eros e o instinto de destruição, de modo que na família esse conflito se manifesta no complexo de Édipo, quando a criança reage às primeiras renúncias instintuais com agressividade, toda parcela de agressividade é acolhida pelo Super-eu que aumenta a agressividade dela contra o Eu. Surge então a consciência de culpa, a partir da autoridade que é introjetada na criança através da identificação, e toda agressão contra a autoridade é, na verdade, dirigida para o Super-eu, após a renúncia, o desejo persiste e não é possível enganar ao Super-eu, então, apesar da renúncia ocorrida, reitera-se, que emerge o sentimento de culpa. Conforme descreve Freud (2010a, p. 102).

Não podemos afastar a hipótese de que o sentimento de culpa da humanidade vem do complexo de Édipo e foi adquirido quando do assassinio do pai pelo bando de irmãos. Ali a agressão não foi suprimida, mas levada a efeito: a mesma agressão cuja supressão deve ser a fonte de sentimento de culpa na criança.

Essa afirmação acima relaciona-se com o totemismo. Segundo Freud (2012), o pai do complexo de Édipo corresponde ao animal totêmico e a atitude emocional de ambivalência diz respeito a ele. Com efeito, “os primitivos mesmo declaram isso, e, onde o sistema totêmico ainda se acha em vigor, designam o totem como seu ancestral e pai primevo” (idem, p. 202). Nesse sentido, sendo o pai o animal totêmico, os seus dois preceitos principais de não matar o totem e não ter relações sexuais com a mulher do totem correspondem aos dois crimes de Édipo, de matar o pai e casar-se com a mãe.

Freud em *Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos* (1912-1914), descreve esse mito de formação da humanidade e considera o tabu como a origem das normas e leis da civilização. “O tabu ainda subsiste entre nós; [...], ele não é outra coisa, em sua natureza psicológica, senão o ‘imperativo categórico’ de Kant, que tende a agir coercitivamente e rejeita qualquer

motivação consciente” (FREUD, 2012, p. 15). O tabu traz a ideia daquilo que é ao mesmo tempo santo e também proibido, o castigo pela violação de um tabu é a punição seja por deuses, espíritos ou pela própria pessoa, aquele que comete o tabu tem, então, de se purificar, de renunciar a algo, na base da obediência ao tabu está a renúncia.

O totem é o animal comestível, mas temido, o espírito protetor da tribo, o ancestral comum. Esse é transmitido por hereditariedade paterna ou materna, e em quase todas as sociedades em que vigora o totem existe também a regra de que não é permitido aos seus membros comerem do animal sagrado (totem) e nem manterem relações sexuais entre si (FREUD, 2012).

O complexo de Édipo assim como a ambivalência podem ser melhor explicado pelo próprio Freud (2012) com a história de Hans, um garoto de cinco anos, que foi publicada em “Análise da fobia de um garoto de cinco anos” (1909). O pai do garoto procura o auxílio de Freud para ajudá-lo com o filho que tinha medo de cavalo, e isso impedia que o menino saísse às ruas. O menino tinha medo de que o cavalo o mordesse, Freud detectou que o medo que o menino nutria estava ligado ao desejo de o cavalo morrer. “Achava-se, portanto, na típica postura do filho homem em relação aos pais, que denominamos de ‘complexo de Édipo’ e na qual vemos o complexo nuclear das neuroses”². (FREUD, 2012, p. 199). O menino se acha em rivalidade com mãe e ao mesmo tempo mantendo afeto e admiração pelo pai.

A análise mostra as vias de associação pelas quais se dá esse deslocamento, tanto as de conteúdo significativo como as casuais. Também permite perceber seus motivos. O ódio que vem da rivalidade pela mãe não é capaz de difundir-se sem entraves na psique do garoto, tem de lutar contra o afeto e a admiração que sempre existiriam pela mesma pessoa; o menino se acha numa atitude emocional dúplice – ambivalente – perante o pai, e procura alívio, nesse conflito de ambivalência, deslocando seus sentimentos hostis e angustiados para um sucedâneo do pai. [...] Pode se dizer que nessas zoofobias das crianças reaparecem determinados traços do totemismo em forma negativa (FREUD, 2012, p. 199-200).

² A neurose aqui é descrita como uma: “Afecção psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 296). “A neurose aparecia como o desfecho de uma luta entre o interesse da autopreservação e as exigências da libido, uma luta que o Eu vencera, mas ao custo de severo sofrimento e renúncia” (FREUD, 2010a, p. 84).

Édipo Rei é o nome do personagem da tragédia grega escrita por Sófocles (496-406 a.C.). Em *Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos*, Freud (2011a, p. 60-61), também descreve o fenômeno do complexo de Édipo e da ambivalência.

O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal [...] simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a empreender um verdadeiro investimento objetal na mãe, do tipo 'por apoio'. Ele mostra, então, duas ligações psicológicas diferenciadas: com a mãe, um investimento objetal direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo. As duas coexistem por um tempo, sem influenciar ou perturbar uma à outra. Com o incessante progresso na unificação da vida psíquica, terminam por se encontrar, e desta confluência surge o complexo de Édipo normal. O menino percebe que o pai é um obstáculo entre ele e a mãe; sua identificação com o pai adquire então uma tonalidade hostil, e torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai também junto a mãe. Pois desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação.

O domínio da autoridade paterna é substituído por deuses e reis ao longo da história estabelecendo a troca entre o sistema patriarcal pelo Estado (FREUD, 2012). O exame psicanalítico também mostra que o próprio deus é o animal totêmico e isso pode ocorrer pela inclinação dos irmãos a aspirarem o poder do pai, não alcançando esse ideal, eles começaram a buscar entre si líderes que pudessem exercer tal função, devido à condição de igualdade entre os irmãos não poder ser mais mantida começaram a venerar os indivíduos que se destacavam ante os demais, criando as divindades, dessa forma, a tentativa de elevar o pai à condição de deus era uma tentativa de expiação da culpa conforme Freud (2012, p. 227) a seguir:

Houve pais novamente, mas as realizações sociais do clã fraterno não foram abandonadas, e a efetiva distância entre os novos pais de família e o ilimitado pai primevo da horda era grande o suficiente para garantir a continuação da necessidade religiosa, a conservação do insaciado anseio pelo pai.

Freud (2012) afirma que o complexo de Édipo reúne, então, os começos da religião, da moralidade, da sociedade e da arte. Ainda segundo o autor, os problemas da vida psíquica da sociedade encontram uma solução a partir de um ponto, a relação com o pai. Isso traz várias reflexões à problemática, de quais são as

contribuições da psicanálise para a educação. Não é possível pensar na educação sem pensar nas origens de uma civilização, nos seus fundamentos, como diz Freud (2012), na psique das massas, pois tudo foi construído a partir de um ponto e desenvolvido no decorrer de séculos, mesmo com todas as diferenças culturais encontradas.

Se Freud estava certo em sua premissa de que os problemas da vida psíquica têm relação com o complexo paterno, é possível pensar que o processo afetivo recebido da família vai influenciar sobretudo na maneira como a criança vai responder aos processos de formação que receberá depois nas outras instituições sociais. Adorno (2020, p. 120) explica bem isso na citação abaixo.

As resistências das crianças e dos jovens, igualmente institucionalizadas na segunda hierarquia, foram em parte certamente transmitidas pelos pais. Muitas se baseiam em estereótipos herdados; muitas, porém, como procurei mostrar, baseiam-se na situação objetiva do professor. A isso acrescenta-se algo essencialmente, bem conhecido da psicanálise. Na elaboração do complexo de Édipo, a separação do pai e a interiorização da figura paterna, as crianças notam que os próprios pais não correspondem ao eu ideal que lhes transmitem. Na relação com os professores esse eu ideal apresenta-se pela segunda vez, possivelmente com mais clareza, e eles têm a expectativa de poder se identificar com eles. Mas por muitas razões novamente isso se torna impossível para eles, sobretudo porque particularmente os próprios mestres constituem produtos da imposição da adequação, contra a qual se dirige o eu ideal da criança ainda não preparada para vínculos de compromisso.

No texto “Algumas Reflexões Sobre a Psicologia Escolar”, a Psicanálise demonstra que a natureza das relações emocionais das crianças é estabelecida até os seis anos de idade, na família (ou com as pessoas que estiveram mais próximas dela na infância), que são os primeiros objetos de seu amor, nas relações posteriores com certeza haverá outros direcionamentos, mas a imago, que é a imagem que a criança tem de suas relações primárias, ficará como uma espécie de herança emocional. “Todas as futuras escolhas de amizade e amores sucedem a partir de traços mnemônicos deixados por aqueles primeiros modelos” (FREUD, 2012, p. 421). Como já foi dito acima, a fonte de toda ambiguidade e os desdobramentos futuros na vida de uma criança encontram-se na imago do pai. “Entre as imagos de uma infância que geralmente não mais se conserva na

memória, nenhuma é mais importante, para um jovem ou um homem, do que a de seu pai” (idem, p. 421).

Na segunda metade da infância, há um desligamento desse pai, e a criança entra em contato com os professores(as), e é aqui que Freud (2012) descreve um quadro muito significativo sobre essa relação substitutiva.

É nessa fase do desenvolvimento do jovem que ele entra em contato com os mestres. Agora entendemos nossa relação com os professores do colégio. Esses homens, que nem eram todos pais de família, tornaram-se para nós sucedâneos do pai, substitutos. Por isso nos pareciam, mesmo quando ainda eram jovens, tão amadurecidos e inalcançavelmente adultos. Nós transferíamos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente da infância, e nos púnhamos a tratá-los como nossos pais em casa. Manifestávamos diante deles a ambivalência que havíamos adquirido na família, e nessa atitude lutávamos como eles como estávamos habituados a lutar com nossos pais carnis. Sem levar em conta as vivências infantis e a vida familiar, nossa conduta ante os professores seria incompreensível, mas tampouco seria desculpável (FREUD, 2012, p. 422-423).

Partindo desse princípio, é importante destacar que Freud (2011a) rejeita a noção de Trotter (1872-1939) de instinto gregário, sem a presença de um líder como defendia este último. Na verdade, Freud acreditava que a natureza da massa era incompreensível sem o líder. Pois não há rebanho sem pastor, religião sem deus. Dessa forma, o sentimento de massa estaria ligado à relação da inveja que uma criança tem da outra.

Por muito tempo, então nada se percebe de um instinto gregário ou sentimento de massa na criança. Isto se forma apenas em casas com mais crianças, a partir da relação delas com os pais, como reação à inveja inicial com que a criança mais velha recebe a menor [...], mas em vista do fato de que também esta criança – como todas as que se seguem – é amada pelos pais da mesma maneira, e devido à impossibilidade de manter sua atitude hostil sem prejudicar-se, é obrigada a identificar-se com as outras crianças, e assim se forma no bando de crianças um sentimento de massa ou de comunidade, que depois continua a se desenvolver-se na escola (FREUD, 2011a, p. 81).

A escola, como uma instituição de ensino e aprendizagem recebe crianças diferentes entre si e de formações familiares distintas, mas ao serem colocadas no âmbito escolar são formadas a partir de uma perspectiva de justiça, ou seja, são tratadas, via de regra com igualdade. “É sabido como essa reivindicação se

expressa de modo nítido e inexorável na escola. Quando não se pode ser o favorito, então nenhum dos outros deve ser favorecido” (FREUD, 2011a, p. 81).

Essa prática de justiça, talvez, esteja relacionada ao início das comunidades e das instituições sociais, que é configurado por um sentimento de massa, sendo necessária a inversão de um sentimento hostil da inveja pela aceitação da justiça social, assim, o indivíduo nega muitos sentimentos para que o outro também tenha de renunciar a elas. Dessa forma, todos devem ser iguais, mas dominados por apenas um único indivíduo superior a todos os outros, o líder. Para Freud (2011a, p. 88). “A indestrutível força da família enquanto formação de grupo natural reside em que nela pode se verificar realmente essa premissa indispensável do amor igual do pai.”

Essa perspectiva de Freud (2011a) permite fazer uma explanação, a natureza das relações familiares assim como das relações em uma escola e comunidade são baseadas em laços libidinais, afetos e desafetos que encontram seu caminho a partir dos estereótipos originais dos pais. É como se o autor dissesse que as relações na massa não são definidas racionalmente, mas de forma erótica. Por esses motivos as massas tendem a regredirem às dimensões arcaicas dos povos primitivos, não se sabe ao certo até que ponto as relações libidinais encontram-se reprimidas, mas é certo que há um sentimento terno (inibidos em sua meta), mas que tem sua origem em um laço objetual sexual.

Freud (2010a, p. 307-308) em seu texto “Conferência XXXIV: Explicações, Aplicações e Orientações”, afirma que o tema da educação seja talvez o mais relevante da Psicanálise. Nas suas palavras:

Apenas um tema eu não posso evitar assim facilmente, não porque entenda bastante ou tenha contribuído muito para ele. Pelo contrário quase não me ocupei dele. Mas é tão importante, tão rico de esperanças para o futuro, que talvez seja o trabalho mais relevante da psicanálise. Falo de sua aplicação à pedagogia, à educação da próxima geração. Alegro-me de poder lhes que minha filha Anna Freud, fez disso a tarefa de sua vida, assim reparando a minha negligência.

Ao realizar o tratamento em adultos neuróticos Freud (2010a) percebeu que as raízes dos problemas desses adultos estavam na infância, o que fez com que o olhar desse pesquisador se voltasse para essa fase, trazendo várias contribuições. Freud, (2010a, p. 308) expõe, nesse sentido,

[...] que, por várias razões, os primeiros anos da infância, (até os cinco mais ou menos) têm particular importância. Primeiro, porque incluem a primeira florescência da sexualidade, que deixa estímulos decisivos para a vida sexual adulta. Segundo, porque as impressões desta época encontraram um Eu fraco e incompleto, sobre o qual atuam como traumas. [...] Compreendemos que a dificuldade da infância se acha em que num breve lapso de tempo a criança deve se apropriar dos resultados de uma evolução cultural que se estendeu por milênios de anos.

Então, essa seria a primeira tarefa da educação que consiste em ensinar a criança a aprender a controlar seus instintos, e é isso o que ela tem feito ao longo dos anos da história. A educação perpassa por um dilema de não poder se aproximar extremamente de nenhum polo, mas, se for possível de encontrar um ponto de equilíbrio, tal supressão não deve gerar indivíduos neuróticos. Contudo, Freud (2010) observa que a não interferência tem produzido a perversão³, advertindo o educador a decidir a quantidade de amor e autoridade que deve dar à criança, tornando o processo mais efetivo e menos traumático.

Ainda nesse texto Freud (2010a) indica que, diante das dificuldades de um educador(a) ter de compreender o que se passa na mente de uma criança reconhecendo-a na sua individualidade, ele precisa inferir a partir de indícios aparentes sobre como é a mente dela e de como poderá dosar o grau de amor e de efetiva autoridade ao mesmo tempo em relação à criança. Diante disso, Freud (2010a) sugere, então, que a Psicanálise seja usada por pais e educadores como uma medida profilática e que isso ajudaria muito na educação das crianças. Nesse sentido, o pai da Psicanálise sugere “[...] que a única preparação adequada para a profissão de educador é um sólido treino em psicanálise” (idem, p. 312).

Adorno (2020) concorda com Freud (2010a) sobre o conhecimento da Psicanálise tendo em vista a educação contra a barbárie.

O saber preciso e incisivo da psicanálise é mais atual do que nunca [...] e supondo que a psicanálise rigorosa dispusesse de um lugar institucional, sua influência sobre o clima espiritual na Alemanha

³ “De forma mais englobante, designa-se por perversão o conjunto do comportamento psicosexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 341). Freud (2010a) na nota de nº 28 da página 101 da obra *O Mal estar na Civilização*, explica que: “Os dois tipos principais de métodos patogênicos de educação, a severidade e a tolerância excessiva, [...] o pai brando e indulgente além da conta favorece na criança a formação de um Super – eu demasiado rigoroso, porque, sob a impressão do amor que recebe, esse filho não terá outra alternativa para sua agressividade que não volta-la para dentro. Quanto ao abandonado, o que foi educado sem amor, nele não há tensão entre o Eu e o Super-eu, toda a sua agressividade pode se dirigir para fora”.

seria muito salutar, mesmo que se resumisse a tornar natural a atitude de não exteriorizar a violência, mas refletir sobre si mesmo e sobre a relação com os outros que costumam ser os destinatários dessa violência (ADORNO, 2020, p. 50).

Freud (2011b) em o “Prólogo À Juventude Abandonada”, de August Aichhorn (1878-1949), explica que retirou duas lições de sucesso da experiência de Aichhorn ao dirigir instituições municipais de assistência social a menores. A primeira delas é a de que o educador deve ser preparado psicanaliticamente, e a segunda, é que a psicanálise infantil pode ser usada apenas como um recurso auxiliar da educação. A citação abaixo comprova estas afirmações.

Não se pode imaginar que todo educador tenha esse dom da compreensão intuitiva. Duas lições me parecem resultar da experiência e do sucesso do diretor Aichhorn. Uma delas é que o educador deve ser psicanaliticamente instruído, senão o objeto de seus esforços, a criança, permanecerá um enigma para ele. [...] A segunda lição tem um matiz um tanto conservador; ela diz que o trabalho da educação é algo *sui generis*, que não pode ser confundido com a influência mediante a psicanálise nem ser substituído por ela. A psicanálise infantil pode ser utilizada pela educação como recurso auxiliar; mas não tem condições de tomar o lugar dela. Não somente razões de ordem prática o impedem, mas também considerações teóricas o desaconselham (FREUD, 2011b, p. 348-349).

Na visão de Freud (2011b), dentre todas as utilizações da Psicanálise a que mais despertou interesse e atraiu colaboradores foi o emprego da Psicanálise na teoria e prática da educação de crianças. Isto ocorreu, segundo Freud (2011b), porque a criança tornou-se o principal objeto da psicanálise, tomando o lugar do neurótico, de onde as pesquisas de Freud partiram. Mas é importante ressaltar que o próprio Freud (2011b, p. 349) disse: “A relação entre educação e tratamento psicanalítico será provavelmente objeto de exame aprofundado num futuro pouco distante”. A educação de crianças não pode ser comparada a uma análise, pois a possibilidade analítica se baseia em condições especiais, requer o desenvolvimento de certas estruturas psíquicas e de uma atitude em relação ao analista, o que não existe na criança. Assim, Freud (*idem*) esclarece que a educação de crianças é diferente não só da análise como também da reeducação que é realizada em adultos.

Nesse texto, Freud (2011b) expõe, ainda, que a Psicanálise mostrou que no enfermo, no artista e na pessoa que sonha a criança permanece, tal descoberta

levou luz ao desenvolvimento da criança, contribuindo para que o trabalho psicanalítico com crianças fosse bem sucedido na atividade pedagógica. Freud define o objetivo do trabalho pedagógico consiste em “[...] guiar, estimular e proteger de equívocos a criança, em seu caminho até a maturidade” (FREUD, 2011b, p. 347).

A contribuição de Freud para a Pedagogia é pequena segundo ele. No início da conferência supracitada Freud (2011b, p. 347) demonstra uma certa incredulidade no trabalho educativo ao afirmar que haviam “[...] três profissões impossíveis [...] de educar, curar e governar” e que ele já se ocupara por demais com o segundo, mas reconhecia o alto valor do trabalho dos pedagogos. Para tanto, este psicanalista referendou-se em Kant (1999), na obra intitulada *Sobre a Pedagogia*, para fazer a afirmação acima, acrescentando-lhe a palavra curar. “Entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los. Na verdade, ainda persistem controvérsias sobre esses assuntos” (KANT, 1999, p. 20).

Infere-se, a partir das discussões no item que as atividades de educar, curar e governar são dialéticas em sua essência, talvez não impossíveis, mas sempre atividades tensionais, visto que lidam diretamente com o humano e suas contradições. Educar, para Freud (2012) tem o sentido de transferência⁴ de legado, seja, da civilização para o indivíduo, seja da família para a criança, seja de professor para aluno. A relação se estabelece mais pela identificação (laços afetivos) do que propriamente com o próprio conhecimento a ser adquirido. A transferência é descrita por Freud (2014, p. 319) a seguir:

‘Transferência’ é como se chama a notável peculiaridade que têm os neuróticos de desenvolver relações emocionais de natureza tanto afetuosa como hostil em relação ao médico, que não se fundamentam na situação real, procedendo, isto sim, da relação dos pacientes com os pais (complexo de Édipo). A transferência é uma prova de que também o adulto não superou a dependência infantil de outrora, ela coincide com a força que foi denominada “sugestão”. O médico tem de aprender a manejá-la, e apenas assim é capaz de induzir o doente a superar suas resistências internas e eliminar suas repressões. Desse modo, o tratamento psicanalítico vem a ser uma ‘pós-educação’ do adulto, uma correção da educação infantil.

⁴ “Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 514).

A relação professor(a) e aluno (a) está baseada na transferência e consequentemente na sugestão que é outro conceito freudiano, que exige do indivíduo uma resposta afetiva de incorrer no mesmo afeto ou não. A sugestão seria para Freud (2010) um fenômeno capaz de sujeitar um indivíduo através de sugestões, à condições em que esse indivíduo deixe suas resistências e priorize seu afeto e a inibição do pensamento. A sugestão pode ocorrer pela influência individual de uma pessoa, ou pela “influência sugestiva da massa que nos leva a obedecer a esta tendência à imitação, que induz em nós o afeto” (FREUD, 2010a, p. 41).

A transferência no sentido usual é usada para compreender a relação entre o paciente e o analista, no contexto educacional, pode-se estender essa relação para o contexto do professor(a) e aluno(a), de um modo geral, é estabelecida mediante a transferência afetiva e de conteúdo, isso significa que o professor (a) é uma pessoa significativa para o educando, e pode influenciá-lo de modo humano.

Retomando a noção do processo civilizatório em Freud, vale dizer que nesse processo o indivíduo sempre reclamará sua liberdade individual contra os desejos do grupo (a não ser em uma configuração de massa), muitos dos instintos serão absorvidos e em seu lugar aparecerão traços de caráter, outros instintos serão deslocados das suas condições de satisfação, o que coincide com o já conhecido desvio das metas instituais, a chamada sublimação, que é um traço característico da evolução cultural, essa torna possível a realização de atividades científicas, artísticas, culturais (FREUD, 2010a).

3.2 Tabus acerca da profissão de ensinar na sociedade do narcisismo

O Magistério é uma profissão controversa que mantém uma ambivalência no sentido freudiano do termo, pois, ao longo dos anos pode-se observar que esta é marcada ao mesmo tempo, tanto pela afetividade quanto pelo sentimento de aversão, devido às representações mentais que são construídas sobre esse ofício. Além disso, os grandes problemas relacionados ao magistério sugerem que essa profissão nunca esteve entre as carreiras mais promissoras ou de prestígio social.

Adorno (2020), em seu texto “Tabus acerca do Magistério”, torna visíveis algumas considerações sobre as dimensões da aversão em relação ao professor⁵,

⁵ Ao longo do texto o vocábulo professor é usado também para se referir ao termo professora.

pois para esse autor, os próprios professores sentem repulsa pelo que os espera em relação ao seu futuro: “Eles sentem seu futuro como professores como uma imposição, a que se curvam apenas por falta de alternativas” (ADORNO, 2020, p. 105).

Segundo Adorno (2020, p. 106), muitos motivos dessa aversão são materiais, por exemplo:

Muitos motivos de tal aversão são racionais e tão conhecidos que não preciso me deter neles. O principal é a antipatia em relação ao que se encontra regulamentado, ao que se encontra disposto por meio do desenvolvimento definido por meu amigo Hellmut Becker como dirigido à escola administrada. Existem também motivações materiais: a imagem do magistério como profissão de fome aparentemente é mais duradoura do que corresponde à própria realidade na Alemanha.

E existem também as aversões subjetivas em especial as inconscientes nas quais Adorno (2020) se detém no texto, acima referido, abordando-as na forma de tabus que, para ele, significam representações inconscientes que se conservam como preconceitos psicológicos e sociais, que podem se converter em “forças reais” na sociedade. Essas forças são encontradas nos candidatos ao magistério como, também, em crianças “que vinculam essa profissão como a que uma interdição psíquica que a submete a dificuldades raramente esclarecidas” (idem, p. 106). Literalmente, Adorno (2020, p. 106) considera

[...] o conceito de tabu de um modo relativamente rigoroso, no sentido da sedimentação coletiva de representações que, de um modo semelhante àquelas referentes à economia, já mencionadas, em grande parte perderam sua base real, mas duradouramente até do que as econômicas, conservando-se em forças reais.

O conceito de tabu para Adorno (2020) coaduna com o de Freud (2012), no sentido de serem representações coletivas que implicam a existência de forças intocáveis em relação a certos tipos de pessoas, neste caso a figura do professor, e cuja origem dessas forças ainda são sobretudo misteriosas. Veja-se como o pai da Psicanálise concebe a ideia de tabu:

O significado de ‘tabu’ se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado, quer dizer ‘santo, consagrado’; por outro, ‘inquietante, perigoso, proibido, impuro’. O contrário de ‘tabu’, em polinésio, é *noa*, ou seja, ‘habitual, acessível a todos’. Assim, o tabu

está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente. A nossa expressão 'temor sagrado' corresponde frequentemente ao sentido de 'tabu' (FREUD, 2012, p. 46).

Completando o raciocínio acima, o autor afirma que “[...] o fundamento do tabu é uma ação proibida, para a qual há um forte pendor no inconsciente” (idem, p. 61). E é nesse sentido que Adorno (2020) vai dizer que a imagem passada pelo professor faz emergir representações do inconsciente das pessoas. Essas representações às vezes adquirem um caráter caricatural, colocando o professor como uma espécie de “tipo de profissional” que possui características previamente conhecidas na sociedade. Um exemplo disso é citado por Adorno (2020) ao destacar que os anunciantes de jornais matrimoniais dizem em seus anúncios que não são os “tipo professorais”, levando, portanto, a que se infira que o professor tem um tipo, um estilo do qual não consegue se desprender, mas que o deixa envergonhado ou, então, inibido perante os outras profissões.

Referindo-se ao contexto alemão, este filósofo esclarece que o professor não é considerado um “senhor,” nos termos do jargão alemão, apenas o professor universitário possui um certo prestígio. Isso ocorre segundo Adorno (2020, p. 112) porque “o poder do professor é execrado porque só parodia o poder verdadeiro, que é admirado”. A sociedade burguesa, segundo o autor, não reconhece a necessidade de força física para a dominação, portanto, um senhor jamais castiga, mas delega, enquanto o professor é tido como um fraco justamente por realizar aquilo que lhe é delegado.

A imagem do professor ainda é relacionada de acordo com Adorno (2020), à figura do mestre-escola que havia no feudalismo (séc. V a XV), do preceptor no começo das famílias burguesas, remontando ainda mais à forma do monge. “O professor é herdeiro do monge; depois que perde a maior parte de suas funções, o ódio ou ambiguidade que caracterizava o ofício do monge é transferido para o professor” (idem, p. 111).

Para explicar as afirmações acima Adorno (2020) se apoia no conceito freudiano de ambivalência. Segundo este frankfurtiano, o poder do professor é um poder que apenas parodia o poder real admirado pela sociedade, pois o professor tem poder por exemplo: somente sobre crianças em uma tarde, mas, ao mesmo tempo, em países como a China, entre os judeus e em lugares onde o magistério é

vinculado à autoridade religiosa o professor é visto como uma pessoa mágica. Na contemporaneidade, o professor tem se tornado cada vez mais “em vendedor de conhecimentos, despertando até compaixão por não conseguir aproveitar melhor seus conhecimentos em benefício de sua situação material” (ADORNO, 2020, p. 113).

A questão disciplinar é outra problemática mencionada por Adorno (2020), pois, por trás da imagem negativa do professor, encontra-se a ideia de que ele é o sujeito mais forte que castiga o mais fraco, visto que estes abusos ainda hoje são praticados em alguns modelos escolares. Mas, além disso, há o fato de que ele comete injustiça com as crianças por ser o detentor do saber, então, pode injustamente usar de sua autoridade para punir os que menos conhecem. Adorno (2020) expõe, no entanto, que a imagem do professor está vinculada aos castigos escolares, porém, na sua visão tal imagem caminha para além disso. Nas suas palavras:

A minha hipótese é que a imagem de “responsável por castigos” determina a imagem do professor muito além das práticas dos castigos físicos escolares. Se eu tivesse que orientar investigações empíricas acerca do conjunto complexo do professor, então esta seria a primeira a me interessar. Ainda que em termos bastante brandos, repete-se na imagem do professor algo da imagem tão efetivamente carregada do carrasco (ADORNO, 2020, p. 116).

Outro tabu relacionado à imagem do professor, segundo Adorno (2020), é a de que ele é um ser excluído da esfera erótica, apesar de desempenhar um papel erótico para as adolescentes, na maioria das vezes é apenas como um objeto inatingível. Em uma perspectiva psicanalítica, essa imagem em relação ao professor remete ao complexo de castração⁶, de qualquer forma fica claro que o professor para o aluno deve ter um modelo de vida inquestionável que os obriga a uma ascese erótica maior do que em outras profissões.

Sendo assim, além do desprezo pelo professor, essa imagem sexualmente mutilada também corresponde à uma certa imagem de infantilidade inerente a ele,

⁶ “Complexo centrado na fantasia da castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p. 73).

pois grande parte de seu tempo se passa em um ambiente infantil, “ele não é considerado inteiramente como adulto, ao mesmo tempo em que de fato é um adulto que deriva suas exigências desta sua existência como tal” (ADORNO, 2020, p. 118).

Tais afirmativas, compreendidas a partir de Adorno (2020, p. 109), fazem parte de uma configuração específica e relativa ao professor conhecida como *déformation professionnelle* (deformação profissional), que caracteriza “a própria definição da profissão”. Além disso, o professor frequentemente é tido como fora da realidade por parte dos alunos porque ele continuamente precisa dar voz ao super-eu, e essa voz é aquela que orienta os alunos em uma dimensão niveladora que faz parte do processo civilizatório e por isso mesmo é alvo do rancor por parte dos estudantes. Sobre a posição do super-eu Freud (2011b, p. 70-71) destaca o seguinte:

[...] o Super-eu. Em sua posição de permeio entre o id e a realidade, é frequente ele sucumbir à tentação de tornar-se adulator, oportunista e mendaz, como um estadista que percebe tudo isso, mas quer manter o favor da opinião pública.

A criança percebe a tentativa do professor de ser o mais racional possível, isto é, ser a voz objetiva, a voz da correção e da autoridade. Adorno (2020) chama essa autoridade como o agente de alienação, e essa imagem da autoridade mobiliza nas crianças outras imagens de docentes que se acumularam no curso da história, causando a recusa frente a esse professor. Por isso, os professores têm dificuldades para acertar, porque sua profissão lhes nega a separação entre seu trabalho objetivo e subjetivo. Adorno (2020, p. 122) sugere um encaminhamento para este problema.

A solução, se posso dizer assim, pode provir apenas de uma mudança no comportamento dos professores. Eles não devem sufocar suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando dessa forma os alunos. Provavelmente um professor que diz: “sim, eu sou injusto, eu sou uma pessoa como vocês, a quem algo agrada e algo desagrada” será mais convincente do que outro apoiado ideologicamente na justiça, mas que acaba inevitavelmente cometendo injustiças reprimidas. Diga-se de passagem, que tais reflexões implicam imediatamente a necessidade de conscientização e de aprendizado psicanalítico para o magistério.

Adorno (2020) chama a atenção para essa deformação psicológica que, em grande medida, afeta muitos professores, e esclarece, conforme apontado acima,

que essa deformação pode ser corrigida mediante a formação profissional adequada. Além disso, refere-se às pesquisas acerca do processo destas formações como fontes de contribuições para o esclarecimento da escola como um todo. Na concepção do autor, um problema muito pertinente diz respeito à falta de liberdade no trabalho do magistério.

Seria preciso atentar especialmente até que ponto o conceito de “necessidade da escola” oprime a liberdade intelectual e a formação do espírito. Isso se revela na hostilidade em relação ao espírito desenvolvido por parte de muitas administrações escolares, que sistematicamente impedem o trabalho científico dos professores, permanentemente mantendo-os *down to Earth* [com os pés no chão], desconfiados em relação àqueles que, como afirmam, pretendem ir mais além ou a outra parte (ADORNO, 2020, p. 125).

Na sociedade contemporânea a falta de liberdade no exercício da profissão docente é nitidamente exacerbada pela administração e controle exercidos pela sociedade altamente administrada que, através dos mecanismos subjacentes à ideologia neoliberal⁷, têm gerido as escolas em todo o mundo, mas principalmente em países subdesenvolvidos. Diante desse contexto, a liberdade do docente e de todo o corpo da escola fica condicionado às necessidades de mercado que são colocadas supostamente como as necessidades da escola.

Infere-se que todos os artifícios para o controle das sociedades arquitetadas pela ideologia neoliberal acabam gerando um estado de extremismo, isto é, de barbárie. A desbarbarização da humanidade é citada também por Adorno (2020) como o pressuposto para sua sobrevivência. Na sua perspectiva, por mais restritas que sejam as possibilidades, devido a sociedade gerar a própria barbárie, ele considera extremamente necessário ser esse o objetivo da escola, por isso é importante para a escola se libertar dos tabus que podem gerar a barbárie. Como afirma Adorno (2020, p. 126).

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Essa é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade

⁷ “O neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar. Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciada como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política” (ANDERSON, 1998, p. 9).

gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isso. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário de formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Esse deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que se sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isso ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie (ADORNO, 2020, p. 126).

O professor e, na sua esteira a escola, carregam consigo as marcas de representações culturais que certamente se baseiam nas orientações dadas ao indivíduo desde a primeira infância, “Por causa disso, os limites da educabilidade do ser humano também estabelecem restrições à eficácia de uma transformação cultural” (FREUD, 2014, p. 238). A dúvida se existirão gerações educadas e aptas a fazer sacrifícios de trabalho e de satisfação instintual que são necessários para a preservação da vida em sociedade é uma constante na dialética freudiana, pois ele aponta as instituições culturais como defeituosas e esclarece que até os dias atuais não existiram líderes nem instituições capazes de tornarem os indivíduos mais educados, gentis e tratáveis.

Soma-se a isso o fato de a sociedade sempre tentar defender o indivíduo da natureza, trazendo isso para a relação familiar, os pais sempre tentam proteger seus filhos desde a mais tenra idade, além de dificilmente encontrar defeitos neles. Isso acontece pelo fato de os pais exercerem projeções narcísicas sobre seus filhos, conforme a concepção freudiana (2010b, p. 37) a seguir:

Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será o centro e âmago da criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se a um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora.

Em face do narcisismo atual, a culpa muita das vezes, não é imputada a criança que é o reflexo de pais que querem sempre compensar seu próprio Eu por não terem sido bons o suficiente, ou que tentam justificar a sua ausência junto aos

filhos devido a grande demanda de trabalho compensando-os com objetos. De acordo com Freud (2010b, p. 37): “As coisas devem ser melhores para as crianças do que para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida”. O narcisismo primário, como é chamado por Freud (2010b, p. 36), consiste justamente nesse narcisismo dirigido dos pais aos filhos:

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil.

Na sociedade administrada a alta produtividade e os altos níveis de bem-estar social, segundo Marcuse (2015), interferem no sentido de permitir à sociedade propiciar bens e serviços em excesso aos sujeitos que ficam a maior parte do tempo sozinhos e entregues a aparelhos celulares. Além disso, o aumento dos níveis de violência em um sentido geral tem isolado os indivíduos aprofundando cada vez mais o individualismo nas sociedades, que, supõem-se superprotegidas, mas desprovida dos mecanismos de fortalecimento do Eu, levando as pessoas a tornarem-se fracas, manipuláveis e deprimidas.

As crianças e jovens não são tencionados a nenhum tipo de renúncia, antes são servidos a todo momento do que precisarem para sua comodidade. O fato de receberem bens cada vez mais caros e inovadores do mercado reflete também a característica dessa cultura narcísica, que alimenta a ideia narcísica de que quem tem mais status é quem possui esses bens. O consumismo desenfreado na realidade reflete uma sociedade narcísica como bem diz Crochik (1991, p. 154) a seguir:

A redução da cultura feita pela indústria cultural rompe com a sua autonomia relativa e o ser só pode ser visto e percebido pela sua aparência, dada, por sua vez, pelo consumo de mercadorias, quer materiais, quer culturais. [...] A verdade da personalidade Autoritária, assim como a verdade do Narcisista são expressas na ideologia da racionalidade tecnológica: a não-diferenciação do homem existente, em uma sociedade que espelhada na natureza só se repete recaindo na eterna mesmice.

Para Freud (2010b) o Eu se fortalece através das renúncias efetuadas pelo Super-eu, se na sociedade atual, as repressões têm cedido espaço à adaptação e ao conformismo como já foi dito no capítulo dois. Deduz-se, portanto, que algumas mudanças estão ocorrendo na estrutura psíquica configurada por Freud (2010b, p. 39-40), conforme a explicação a seguir:

Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu. As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes. A diferença entre as duas, que contém condições da repressão, pode ser facilmente colocada em termos que possibilitam uma explicação pela teoria da libido. Podemos dizer que uma erigiu um ideal dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão.

Nesse sentido, logo, observa-se que se a pessoa não possui o Eu forte, assim como, o (Super-eu), que é responsável pela repressão, está aí fundamentada a regressão, pois o indivíduo nessas condições não consegue tensionar entre o Eu, e o Id e a realidade, dessa forma, e o seu Eu se torna fraco, levando o Super-eu, conseqüentemente, a tornar-se, frágil, fazendo com que o indivíduo seja dirigido por forças externas. Como diz Adorno (2020, p. 181): “[...] à formação de um Supereu rigorosos, estável e ao mesmo tempo exteriorizado” é um dos pressupostos para se evitar a barbárie. Com o enfraquecimento da família como já foi demonstrado por Marcuse (2021), a autoridade é deslocada para a racionalidade técnica. Isso significa que o todo pode assumir a educação das pessoas através da indústria cultural “[...] a mediação que a família fazia entre o todo e a subjetividade é enfraquecida. Esta nova situação leva a uma má formação do ego, que é uma das características da personalidade narcisista” (CROCHIK, 1990, p. 150).

Pelos motivos elencados acima, pode-se dizer que a educação assim como a família têm passado por problemas perturbadores, como um exacerbado narcisismo que coloca a criança e o adolescente no centro com todo um aparato educacional voltado para elas, isso novamente vai repercutir na falta de autoridade e autonomia do professor e até mesmo da escola diante das exigências da sociedade narcísica. Trata-se como se pode ver de uma formação que pode atenuar os desafios para facilitar a promoção dos discentes, porém é uma formação que não contempla a crítica, e conseqüentemente, a emancipação, pois é gerida por pessoas e empresas

externas que buscam exacerbar esse narcisismo por meio de um mercado voltado para as necessidades de consumo e para a competição, que se bem observadas, podem ser chamadas de sociedades do entretenimento, que procura satisfazer os desejos das consciências felizes, segundo Marcuse (2015).

A sociedade contemporânea, com os avanços tecnológicos e os jogos, tem proposto um currículo e metodologias baseadas no entretenimento e nas formas lúdicas de competições, estimulando o prazer imediato. O processo na aprendizagem torna-se de certa forma atrelado ao entretenimento, buscando ser mais atrativo aos alunos. Mas qual é de fato o sentido dessa educação? É prazer imediato como prega a sociedade atual? É a criação de novas demandas educacionais para atender ao mercado? A interação entre indivíduo e máquina não estaria gerando ainda mais a individuação? São perguntas que possibilitam pensar na fetichização da educação voltada para os fins, como explica Adorno (2020, p. 143-144):

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isso tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isso se vincula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas.

A explicação de Adorno (2020) para a fetichização da técnica pelas pessoas é perpassada pela ideia de que a técnica é um fim em si mesma, a técnica tende a uma irracionalidade exagerada, em que a tecnologia não é usada só para a conservação do indivíduo, afinal, o que realmente é importante para a sociedade é uma vida digna para as pessoas, no entanto, isso as vezes, não é compreendido pelas pessoas, que privilegiam a técnica em detrimento da vida como foi por exemplo com as vítimas de Auschwitz. Adorno (2020, p. 144) ressalta que “[...] No caso do tipo com tendências a fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar.” e a pouca capacidade de amar que algumas têm, é dirigida para os meios. A familiaridade com o sujeito da contemporaneidade que não

se desprende do celular e não consegue se relacionar afetivamente com ninguém não é mera coincidência. As relações de frieza entre as massas solitárias, assim definidas por Adorno (2020) são uma realidade que pode ser vista pelo aumento da violência nas escolas e nas sociedades em geral, como se pode observar na citação de Adorno (2020, p. 144) a seguir.

Um sujeito experimental – é a própria expressão já é do repertório da consciência coisificada – afirmava de si mesmo: “*I like nice equipamento*” [Eu gosto de equipamentos, de instrumentos bonitos], independentemente dos equipamentos em questão. Seu amor era absorvido por coisas, máquinas enquanto tais.

O ponto de partida para essa frieza ou falta de amor definida acima por Adorno (2020) seria a falta de identificação, “A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz” (idem, p. 145). Com a destruição das figuras referências de autoridade na sociedade em que o todo é que é o referencial, pois o sujeito se identifica com a cultura da racionalidade técnica. Com efeito, uma vez perdidas essas relações de interação humana o indivíduo volta seu afeto para as coisas, e a culpa volta-se para si mesmo em busca de resultados cada vez melhores em uma sociedade que instiga a competição e a busca pela perfeição. Crochik (1990, p. 150), fundamentado em Marcuse (2021), explicita melhor a abordagem acima na citação abaixo.

Quando da época do capitalismo concorrencial, segundo esse autor, o controle tinha que se dar sobre os instintos, pois o sistema não era suficientemente organizado e padronizado para exercer um controle mais global sobre a consciência; já no reino dos monopólios os instintos podem ser liberados, desde que associados à conformidade social. O Id é reprimido por sua liberação, restando ao Superego voltar a culpa ou contra si mesmo ou contra uma totalidade abstrata. Uma culpa impessoal, uma vez que a dominação também é impessoal.

Isso conduz a esse indivíduo narcísico a nutrir a necessidade de ostentar-se nas redes sociais para reafirmar sua identidade que precisa espelhar-se na realidade do outro, o indivíduo cria uma ilusão de que ele é sempre feliz, e deve demonstrar essa felicidade através de um estilo de vida criado pelos estereótipos da indústria cultural. Adorno (2020, p. 42) demonstra isso a seguir:

Os impulsos narcisistas dos indivíduos, aos quais o mundo endurecido prometia cada vez menos satisfação e que mesmo assim

continuavam existindo ao mesmo tempo em que a civilização lhes oferecia tão pouco, encontraram uma satisfação substitutiva na identificação com o todo.

O mundo das redes sociais utiliza-se de modelos ideais que não correspondem à realidade, nas palavras de Adorno (2020, p. 91).

Eis aqui o mundo dos modelos ideais de uma “vida saudável”, dando aos homens uma imagem falsa do que seja a vida de verdade, e que além disso dando a impressão de que as contradições presentes desde os primórdios de nossa sociedade poderiam ser superadas e solucionadas no plano das relações inter-humanas, na medida em que tudo dependeria de pessoas.

A partir das elucidações acima pode-se inferir que o narcisismo corresponde a uma regressão ao estágio anterior do indivíduo, no qual ele podia ter suas carências atendidas como a criança que era atendida após o choro. O indivíduo narcisista é estimulado pelo princípio do prazer, sempre em busca de satisfazer seus desejos. Adorno (2020, p. 43) reforça que o narcisismo coletivo permanece inconscientemente e ora ou outra reaparece para mostrar a infantilidade das pessoas.

Em termos sociopsicológicos haveria que vincular a isso a expectativa de que o narcisismo coletivo danificado está à espreita esperando ser sanado, primeiro procurando agarrar tudo o que se encontra na consciência e que faça o passado coincidir com os desejos narcisistas, e a seguir procurando modificar a realidade de modo que os danos sejam ocultos.

O exemplo de narcisismo pode ser visto na sociedade contemporânea pelos embates sofridos por professores e alunos, na ausência de reflexão e aptidão à experiência, e na crescente tendência à pseudoformação à que está submetida a educação. Daí a preocupação de qual Adorno (2020) com a necessidade de se voltar todos os esforços para erradicar a barbárie. Já se sabe que o indivíduo mesmo com todo o seu desenvolvimento racional e tecnológico ainda assim regride à sua herança bárbara.

O narcisismo como foi descrito acima, é crescente na sociedade atual e é desencadeado por fatores socioeconômicos e políticos. Por isso, a pertinência das pesquisas sobre a personalidade autoritária, realizadas nos Estados Unidos revelaram que a estrutura da personalidade autoritária se aproxima da personalidade

narcisista, principalmente a subsíndrome do “manipulador” (ADORNO, 2020). São definidas não apenas por ideologias políticas e econômicas, mas, também, por traços comuns descritos por Adorno (2020, p. 40) a seguir:

[...] como pensar conforme as dimensões de poder – impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de autorreflexão, enfim, ausência de aptidão à experiência. Personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independentemente de seu conteúdo. No fundo dispõem só de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada por eles.

O tipo manipulador é descrito por Adorno et al. (2019, p. 561) como a síndrome potencialmente mais perigosa, pois manipula pessoas e objetos.

Há uma quase completa falta de investimento objetal e de laços afetivos. Se a síndrome do ‘Alucinado’ tinha algo de paranoico, a “Manipuladora” tem algo de esquizofrênico. No entanto, a ruptura entre o mundo interno e o externo, nesse caso, não resulta em algo como uma ‘introversão’ comum, mas pelo contrário: em uma espécie de Super-realismo compulsivo que trata tudo e todos como um objeto a ser utilizado, manipulado, apreendido pelos próprios padrões teóricos e práticos do sujeito. Os aspectos técnicos da vida e as coisas *qua* ‘instrumentos’ são carregados de libido. A ênfase está em ‘fazer coisas’, com ampla indiferença em relação ao conteúdo do que será feito.

Diante das elucidações acima, entende-se que a personalidade narcisista, cada vez mais comum na sociedade capitalista, está fundamentada na personalidade conciliada salientada por Marcuse (2015, p. 99), por meio da “[...] dessublimação institucionalizada. Esta parece ser um fator vital para o surgimento da personalidade autoritária de nosso tempo”. Desse modo, os problemas sociais aliados a subjetividade deformada do indivíduo podem ser considerado como possibilitadores para a intensificação do bullying e da violência nas escolas. Pois os indivíduos com esses traços são os chamados sujeitos da frieza por Adorno (2020). Na concepção de Crochik (1990, p. 153) a seguir:

As injustiças sociais tornam-se problemas técnicos. Assim, pode-se agredir o diferente através de preceitos da normalidade científica. A antinomia endogrupo – exogrupo é expressada por outras antinomias: normal-anormal, capaz-incapaz, mas sem o ódio visível do preconceituoso e com a frieza de um cientista frente ao espécime observado.

Diante desse contexto pode-se falar em uma educação infantilizada em que o sujeito regride por não receber uma formação que consiga estimular a sua autonomia. Antes, muita das vezes, adquire uma educação autoritária desde da infância, ou ainda, uma educação que não prime pela afetividade tornando-o um sujeito frio e sem compaixão. Dessa forma, é imprescindível desmistificar a realidade alienante da racionalidade técnica que vem envolvendo toda a sociedade, e, assim, “[...] ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada” (ADORNO, 2020, p. 146).

A solução proposta por Adorno (2020) é o esclarecimento dos professores, pais e alunos, mesmo considerando o esclarecimento das motivações inconscientes como os tabus citados no início desse item, e, além disso, seria necessário também eliminar as limitações e obstáculos que ainda cercam os tabus na realidade do magistério. Seria preciso também contrapor-se à ideologia da escola de ser uma esfera própria de vida, respeitando os direitos estabelecidos pela lei para que nenhum docente tenha sua vida privada controlada pelos tabus vigentes. E, por último, “[...] essa deformação dos professores deveria ser corrigida sobretudo mediante a formação profissional” (ADORNO, 2020, p. 125).

Todas as considerações acima convergem no sentido da formação humana capaz de desconstruir tabus e limitações impostas a educação. Para Adorno (2020) o contrário da barbárie é a formação cultural, se existe a barbárie é porque a formação em algum ou vários aspectos não está formando indivíduos mais humanos, seja pela falta de formação cultural, ou pela deformação cultural. Nessa discussão entende-se que tanto os elementos objetivos como subjetivos são responsáveis pela formação da psique do sujeito. Por isso a importância de uma educação esclarecedora.

Para Adorno (2020), uma sociedade transformada respeita sua relação com a escola, mas para isso, é preciso contrapor-se à barbárie na escola, sendo importante que a escola compreenda que carrega um importante legado de representações. Nesse sentido, a Psicanálise pode ajudar na conscientização dessas representações, e, também, dos mecanismos de frieza que estão presentes em personalidades narcisistas.

Freud (2010b, p. 30) demonstra outro caminho para o tensionamento de situações conflitivas da educação e do narcisismo abordados no decorrer deste texto, a chamada elaboração psíquica.

Em nosso aparelho psíquico reconhecemos sobretudo um expediente para lidar com excitações que de outro modo seriam sentidas como penosas ou de efeito patogênico. A elaboração psíquica ajuda extraordinariamente no desvio interno de excitações que não são capazes de uma direta descarga externa, ou para as quais isso não seria desejável no momento.

A elaboração psíquica é defendida por Freud (2010b) como uma forma excepcional para fazer com que os indivíduos desliguem sua libido de processos patológicos, como a regressão causada pelo narcisismo, e atenda à restauração de um novo investimento libinal por meio do processo chamado de sublimação. Por isso, é tão importante que os professores movidos pelo conhecimento da Psicanálise invistam em uma formação crítica que possibilite a sublimação.

3.3 Educação e contradições: diálogos com Adorno, Kant e Freud

A educação é em sua essência dialética, deve ter o objetivo de adaptar o indivíduo à sociedade como de desenvolver uma consciência crítica. Partindo dessa perspectiva, Adorno (2020, p. 154) apresenta sua concepção de educação, que não seria, segundo a sua visão “a modelagem de pessoas e nem a mera transmissão de conhecimento”, mas a “produção de uma consciência verdadeira”. Para a produção dessa consciência, o autor destaca a importância da democracia, que, para funcionar, precisa que existam pessoas também emancipadas, esclarecendo que a democracia também está relacionada a uma concepção dialética no contexto de sua aplicação na educação. Nesse movimento diacrônico sincrônico é oportuno que a emancipação, para não ser abstrata, “precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional” (ADORNO, 2020, p. 155).

O conceito de emancipação, para Adorno (2020), encontra dois problemas fundamentais, o primeiro é que a organização do mundo se converteu em ideologia, e essa exerce extrema pressão sobre as pessoas que suplanta toda tentativa de a educação avançar nos seus propósitos, por isso é preciso refletir sobre a ideia de emancipação em uma sociedade cuja consciência das pessoas é obscurecida pela ideologia dominante. O segundo problema encontrado por Adorno (2020, p. 156) é que é necessário que o indivíduo seja orientado para o mundo, mas sem que a individualidade seja sufocada. Daí ele afirmar o seguinte: “A adaptação não deve conduzir à perda da individualidade em um conformismo uniformizador”. Pelo

contrário, infere-se que a educação, então, para ter sentido, dever reunir princípios individuais e sociais que almejem alcançar objetivos emancipatórios. Entretanto, a educação por ser dialética, tem a difícil tarefa de reunir simultaneamente adaptação e resistência, como explica Adorno (2020, p. 157) a seguir:

A importância da Educação em relação à realidade muda historicamente. Mas se ocorre o que eu assinalei a pouco – que a realidade se tornou tão poderosa que impõe desde o início aos homens, de forma que esse processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático. A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação.

Fica evidente nos trabalhos de Adorno (2020) que a educação e a formação na atualidade não conseguem conciliar a individualidade e a sociedade. E, portanto, se faz necessário tornar tudo isso consciente, ao invés de se idealizar modelos de uma educação perfeita. Para Adorno (1995, p. 199): “[...] o universal só existe como determinação do particular e, nesta medida, é particular. Ambos são e não são. Este é um dos motivos mais fortes de uma dialética não idealista”. Partindo dessa explicação, que coaduna com a teoria freudiana da não conciliação, é oportuno que se demonstre neste momento algumas ideias presentes no pensamento de Freud que evidenciam com as contradições presentes na educação e na formação na sociedade contemporânea.

A crítica de Freud à educação de seu tempo baseava-se no excesso de repressão impingida ao indivíduo desde a infância. Freud (2015, p. 372-373) acreditava que o “nervosismo moderno” estava relacionado a uma educação repressora como explicita a seguir:

[...] sob a influência da educação e das exigências sociais, é obtida uma repressão dos instintos perversos, mas um tipo de repressão que não o é propriamente, que seria mais bem designado como um fracasso da repressão. Os instintos sexuais inibidos não se manifestam como tais; nisso consiste o êxito – mas se manifestam de outras formas, que para o indivíduo são igualmente nocivas e que o tornam tão inutilizável para a sociedade como ele ficaria com a satisfação inalterada dos instintos reprimidos; nisso está o malogro do processo, que, a longo prazo, mais que contrabalança o êxito. Os fenômenos substitutivos que surgem devido a repressão instintual são os que descrevemos como nervosismo ou, mais precisamente, psiconeuroses.

Freud não tratou especificamente da educação em sua teoria, mas em diversas passagens de suas obras podem ser encontradas referências sobre o assunto, principalmente no sentido constitutivo da sexualidade do indivíduo da infância até a vida adulta. A temática da educação da criança é presente nos escritos do autor em virtude de que ele acreditava que todo o posterior modo de conduzir a vida de um adulto estaria ligado às vivências desse adulto quando criança. Como pode ser visto na seguinte afirmação:

No período em que a repressão faz a seleção entre os instintos parciais da sexualidade, e depois quando deve se afrouxar a influência dos pais, que arca essencialmente com o dispêndio necessário para tais repressões, o trabalho de educação depara com grandes tarefas, que nos dias de hoje nem sempre são realizadas de modo compreensivo e inatacável [...] Podem descrever o tratamento psicanalítico, se quiserem, como simplesmente uma continuada educação que visa superar os resíduos infantis (FREUD, 2013, p. 276).

Em “O Interesse Científico da Psicanálise”, Freud (2012) evidencia que a psicanálise trouxe luz para a compreensão da criança, observando que todos os outros esforços para isso não se atentaram para o fator da sexualidade infantil e de suas manifestações. O interesse que tem a psicanálise para a teoria educacional baseia-se no fato de esta teoria da psique humana buscar compreender a mente da criança para poder educá-la. Conforme Freud (2012, p. 361):

O grande interesse da pedagogia pela psicanálise se baseia numa afirmação que se tornou evidente. Pode ser educador somente quem é capaz de desenvolver empatia pela alma infantil, e nós, adultos, não compreendemos as crianças, pois não mais compreendemos nossa própria infância. Nossa amnésia da infância prova o quanto nos distanciamos dela.

Segundo Voltolini (2011), a ignorância do adulto a respeito da criança é essencialmente da ordem do recalque, a hostilidade do educador frente à criança decorre muitas vezes por ela demonstrar sua sexualidade, e tal comportamento o adulto quer recalcar em si mesmo. Isso também explicaria o excesso de repressão dos adultos em relação às crianças como foi discutido no item 3.2 deste capítulo sobre o tabu ao carrasco (ADORNO, 2020) que alguns professores recebem por sua hostilidade frente aos educandos. Freud (2013, p. 269) corrobora com as afirmações acima expondo a seguinte ideia:

É bastante fácil explicar por que a maioria das pessoas, sejam observadores clínicos ou não, prefere nada saber sobre a vida sexual das crianças. Elas esqueceram sua própria atividade sexual infantil, sob a pressão da educação para a vida em sociedade, e não desejam ser lembradas do que foi reprimido.

Ao mesmo tempo em que Freud (2013; 2015) fala de uma educação menos repressora, na sua obra *O Futuro de uma Ilusão*, Freud (2014) declara que, para tornar possível a vida em comum, a civilização deve ser defendida contra o indivíduo. Em face disso, entende-se que não há civilização sem repressão. A partir desse entendimento, infere-se que a educação também pode ser repressiva e cooperar com o desenvolvimento da civilização, e pode ser menos repressiva protegendo o indivíduo dos impulsos hostis do ser humano, como pode ser responsável pela aniquilação da humanidade, por meio da falta de controle de comportamentos agressivos, que são resultados da repressão ou da falta dela.

Segundo Freud (2014), não é possível abdicar da educação. Nesse sentido, o indivíduo precisa receber a educação desde seu nascimento para viver em sociedade, daí a grande importância que os pais e os educadores têm no processo educacional da criança. “O caminho que vai do lactante adulto civilizado é longo, muitos pequenos humanos se perderiam nele e não chegariam a realizar sua tarefa na vida, se fossem abandonados sem direção ao próprio desenvolvimento” (FREUD, 2014, p. 294). Por isso, é importante uma educação que contemple a afetividade, pois sem a afetividade a criança não conseguirá tornar-se um adulto com Ego forte, visto que “[...] o desenvolvimento humano de séculos é concentrado em alguns anos da infância” (idem, p. 294).

O autor também considera um erro da cultura, cobrar da criança o que somente um adulto consegue fazer. Por isso questiona: “Não percebe que o inerradicável defeito congênito da nossa e de toda cultura é solicitar da criança, governada por instintos e fraca de intelecto, que tome decisões que apenas a inteligência amadurecida de um adulto pode justificar?” (idem, p. 294).

Freud (2014, p. 292) postula uma “educação para a realidade”, visando à conquista da autonomia, segundo a concepção Kantiana. e de emancipação de Adorno (2020). O autor explica que o ser humano não pode encontrar-se eternamente sob a tutela de outrem.

O ser humano não pode permanecer eternamente criança, tem de finalmente sair ao encontro da 'vida hostil'. Podemos chamar isso 'educação para a realidade'; ainda preciso lhe dizer que o único objetivo deste trabalho é chamar a atenção para a necessidade de dar esse passo?

Contudo, uma educação para a realidade não significa uma educação sem afeto, ou sem a presença dos educadores. Isso é demonstrado por Adorno (2020, p. 166): “[...] Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isso tem algo de quimérico e de ideológico”.

A partir dessas observações do autor, pode-se depreender que, para Adorno (2020), o modelo de uma educação é singular para cada indivíduo. Por isso a importância de a educação considerar a individualidade de cada sujeito, evitando educar para torná-lo massa. Freud (2011a) afirma que na massa o indivíduo perde sua liberdade, ou seja, a sua personalidade sofre limitações. Nesse sentido, pode-se dizer que Freud (2011a; 2014) não postula uma educação voltada para as massas, pois nas massas os participantes são iludidos e perdem sua autonomia. Educação para realidade seria então, para Freud (2014), uma educação que não se encontra atrelada às ilusões proporcionadas pela massa.

O desejo do indivíduo é o de satisfazer o seu instinto narcísico na massa, por quanto existem relações satisfatórias e uma identificação dos oprimidos com a classe que os domina, sem isso é claro que a massa não subsistiria (FREUD, 2014). O problema do ideal narcísico estendido para à educação e a formação é que, se essas forem idealizadas como são hoje, dificilmente proporcionarão a emancipação ao indivíduo. A idealização impede o sujeito de enxergar as contradições presentes no processo educativo, absolutizando, assim, o conhecimento. “O idealismo falsamente projeta para o interior a ideia de uma vida correta” (ADORNO, 2020, p. 197). As promessas que não se cumprem na educação assim como na sociedade pela cultura, já deixaram de ser percebidas pelas massas, pois a educação prioriza é adaptação ao trabalho e a pseudoformação que escamoteia as contradições da realidade.

Algumas contribuições de Freud (2014) para a educação ainda podem ser observadas na mesma obra *O Futuro de uma Ilusão*, sobretudo, no que diz respeito ao docente, para o autor o modelo de um educador deve ser o de uma pessoa compreensiva. É certo que neste texto Freud (2014) se refere a um educador que

não colocaria impedimentos a uma reorganização da educação que não fosse fundamentalmente religiosa, mas o adjetivo compreensivo pode ser levado em consideração para se pensar na conduta do professor. Em um outro momento Freud (2014, p. 236), tratando sobre a figura do líder das massas, reconhece que essas somente poderão exercer os trabalhos de que dependem a civilização mediante a figura de um líder equilibrado como pode ser visto na citação a seguir.

Apenas influenciadas por indivíduos exemplares, que reconhecem como líderes, elas podem ser induzidas aos trabalhos e privações de que depende a existência da civilização. Tudo vai bem quando esses líderes são pessoas que têm superior discernimento das necessidades da vida e que chegaram ao domínio dos próprios desejos instintuais.

Freud (2014, p. 237) fala da importância de se ter líderes que serão os educadores das próximas gerações.

[...] pode-se perguntar de onde virão os líderes superiores, firmes e desinteressados que serão os educadores das gerações futuras, e pode-se ficar horrorizado ante o enorme emprego de coação que será inevitável até que se realizem tais intenções. A grandiosidade desse plano e sua importância para o futuro da cultura humana não podem ser questionadas.

Se, por um lado Kant (2005) encontra esperança no processo educacional a partir do exercício da ideia de liberdade, que conseqüentemente possibilita às pessoas submetidas ao processo de educação de elas se tornarem esclarecidas, por outro, Freud (2014) admite que a educação só se torna possível mediante o exercício da sublimação, que consiste justamente na capacidade de o sujeito canalizar suas energias (pulsões) para trabalhos artísticos, intelectuais e científicos, conforme já se apontou anteriormente.

Retomando as ideias de Kant (2005, p. 48), assinala-se que a condição para o exercício da autorreflexão crítica pressupõe a capacidade do sujeito “orientar pelo pensamento”. Nas palavras do filósofo:

O significado autêntico da palavra orientar-se é o seguinte: partindo de uma dada região do céu (uma das quatro em que dividimos o horizonte) encontrar as restantes, principalmente o ponto inicial. Se vejo o sol no céu e sei que agora é meio-dia, sei encontrar o sul, o oeste, e o norte e o leste. Para esse fim necessito porém do sentimento de uma diferença relativa a mim mesmo como sujeito, a saber. A diferença entre a direita e a esquerda. Chamo a isso de um

sentimento porque exteriormente na intuição estes dois lados não apresentam nenhuma diferença notável. Sem esta capacidade, ao traçar um círculo, não referindo a ele a diferença dos objetos, mas distinguindo contudo o movimento que vai da esquerda para a direita do que tem o sentido oposto e deste modo determinando *a priori* uma diferença na posição dos objetos, não saberíamos se deveria colocar o oeste à direita ou à esquerda do ponto sul do horizonte, e assim deveria completar o círculo passando pelo norte e pelo leste até chegar novamente ao sul.

Contudo para Kant (2013), não basta ao sujeito saber orientar-se pelo pensamento, além disso, o sujeito deve fazer suas escolhas não por causa da coerção externa, mas conforme sua própria vontade. Tal perspectiva leva-se a inferir que o sujeito, por exemplo, não deve seguir a influência da indústria cultural, mas a ele compete saber a diferenciação entre o bárbaro e o humano, dominação e escravidão, educação adaptativa e educação para emancipação.

Retomando as constatações da Psicanálise, estas fizeram a atenção de educadores voltarem-se para estudos que aliavam psicanálise e educação, sobretudo na compreensão das fases do desenvolvimento infantil. Para Freud (2012), o conhecimento e os efeitos da Psicanálise no indivíduo podem fazer com que os educadores compreendam melhor os impulsos instituais associais e perversos da criança no sentido de conduzir a uma educação para a sublimação desses instintos. Pois segundo o autor, a supressão externa dos instintos impede que eles sejam extintos, gerando apenas uma tendência a um futuro adoecimento neurótico. Além disso, a Psicanálise mediante a sublimação, podem fornecer preciosas contribuições conforme Freud (2012, p. 363) explica a seguir:

Nossas maiores virtudes surgiram como formações reativas de sublimações, no solo das piores inclinações. A educação deveria providentemente guardar-se de não soterrar esses ricos mananciais de energia e limitar-se a favorecer os processos pelos quais essas forças são guiadas para bons caminhos. Aquilo que podemos esperar de uma profilaxia individual das neuroses depende de uma educação psicanaliticamente esclarecida.

Infere-se a partir de Adorno (2020), que educação esclarecida consiste em revelar os mecanismos e as causas que tornam as pessoas tão instintuais, bárbaras e sem afeto, por isso, a relevância do conhecimento psicanalítico. Isso evita com que o indivíduo assuma normas que não são aceitas por sua razão própria, como compromissos com pessoas e entidades que não tem correspondência com a

verdadeira consciência moral. Tornar uma pessoa esclarecida requer a sua conscientização de modo que a internalização do seu Supereu seja forte ao ponto de ela não se submeter a decisões irracionais de outros, mas seja capaz de, por meio da reflexão crítica ter autonomia e determinação para acatar aquilo que não confronta a sua consciência moral.

O fortalecimento do Supereu deve ser considerado importante tanto para a educação como para a sociedade como um todo, porque é por esse processo de fortalecimento do Eu que advém a capacidade do sujeito sublimar, respondendo à sociedade com uma conduta socialmente aceita. Pois, o caminho para que o indivíduo se manifeste humanamente passa pelo tensionamento do seu Eu e fortalecimento do Supereu. De acordo com Freud (2014, p. 241): “As pessoas nas quais ele se realizou passam de adversários a portadores da cultura”. Daí a importância de a educação e a formação trabalharem a favor da cultura e, conseqüentemente em prol da humanização. No tocante ao Supereu Adorno (2020, p. 157) explicita o seguinte:

O que a psicologia denomina Supereu, a consciência moral, é substituído no contexto dos compromissos por autoridades exteriores, sem compromisso, intercambiáveis, como foi possível observar com muita nitidez também na Alemanha depois da queda do Terceiro Reich. Porém, justamente a disponibilidade de ficar do lado do poder, tomando exteriormente como norma curvar-se ao que é mais forte, constitui aquela índole dos algozes que nunca deve ressurgir.

O indivíduo que se identifica sempre com o lado mais forte denota sua dependência do outro, o que contradiz totalmente o imperativo categórico de Kant, isto é, de não ser guiado por outro, mas apenas pelo seu próprio entendimento. Se a criança não consegue superar a identificação e, portanto, permanece dependente de uma autoridade, não se emancipa. Do mesmo modo, se o aluno não consegue superar a sua identificação com o professor ou com modelos pedagógicos que não refletem sobre a verdadeira realidade, torna-se dependente de conteúdos deformados, conseqüentemente, não conseguindo sua autonomia como sujeito.

Conforme já se vem apontando, Freud (2014) demonstra que o grau de internalização do Eu depende muito dos diversos tipos de proibições instintuais, pois a maioria das pessoas obedece às proibições culturais apenas sob pressão da coação externa. além disso, existem restrições que concernem a determinadas

classes da sociedade gerando a insatisfação e hostilidade na cultura em geral. Dentro desse contexto a educação também se faz contraditória, escamotando os problemas a partir de uma pedagogia idealista. Pelo contrário, a educação deveria evidenciar a verdade subjacente aos mecanismos que resultam na fragilização do Eu em uma sociedade nas atuais condições materiais e culturais, apesar disso não ser uma tarefa fácil.

A definição de cultura dada por Freud (2014), já citada no capítulo primeiro desta dissertação, é agora melhor entendida como a aquisição realizada pelo sujeito para enfrentar os três cativeiros ao qual Freud (2010) bem descreveu. O indivíduo para sujeitar a natureza e vivenciar a sua busca pela felicidade, que é inerente ao princípio do prazer, tende a criar regras, bens e instituições capazes de satisfazer suas necessidades com os bens adquiridos e regular suas relações com os demais indivíduos. A cultura, segundo Adorno (2010, p. 12), possui um duplo caráter, por um lado, concede seus bens, mas exige sacrifícios por parte do sujeito para desfrutar da civilização. Em outras palavras:

O sujeito só se torna capaz de se submeter ao existente por algo que se acomode à natureza, que demostre uma autolimitação ante ao existente. Essa acomodação persiste sobre as pulsões humanas como um processo social, o que inclui o processo vital da sociedade como um todo. Mas, como resultado é justamente em virtude da submissão, a natureza volta sempre a triunfar sobre seu dominador, que não se assemelhou a ela por simples acaso, primeiramente pela magia e, por fim, pela rigorosa objetividade científica. No processo de assim se assemelhar (a eliminação do sujeito por meio da sua autoconservação) instaura-se como o contrário do que ele mesmo se julga, ou seja, como pura e inumana relação natural, cujos momentos culpavelmente emaranhados necessariamente se opõe entre si.

Contudo, a cultura, não possui somente esse caráter ambíguo. Na contemporaneidade, a partir da sociedade de troca, desse modo, a cultura também se tornou mercadoria, a mesma sociedade que produz bens para aproximar os indivíduos produz, também, a guerra. Essa sociedade tão ambígua vive a contradição de usar a técnica para a vida e para a morte, possui uma visão dissociada do humano, assim, o sujeito se separa do objeto. Compreende-se, então, que a cultura não é usada apenas para autopreservação ou à busca da felicidade, mas também como objeto de dominação.

Retomando os processos formativos, salienta-se que formação é entendida como a conquista da cultura pela subjetividade, “[...] pois a formação nada mais é do

que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva”. (ADORNO, 2010, p. 10). Partindo dessa premissa, uma grande contradição se instaurou então, nesta sociedade, que diz respeito à contradição de que não se vive em uma época de formação cultural, mas, de pseudoformação, mediante a ideologia da socialização generalizada, como explica Adorno (2010, p. 10) a seguir:

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Desse modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização.

Segundo Adorno (2010), a formação passou, então, a ser objeto prestigiado, e foi usada pela burguesia para sua ascensão, a ideia foi a de que a formação traria autonomia e liberdade, contudo, a não ser a classe burguesa, as outras classes não foram beneficiadas por ela. A cultura que defendia um ideal de formação que supostamente seria para todos, no entanto, demonstrou contraditoriamente que apenas as classes privilegiadas tiveram acesso a essa formação. Na contemporaneidade a educação expandiu-se à várias classes sociais, principalmente com a mercantilização da educação, porém, essa ampliação não corresponde necessariamente a um avanço, pois a educação também representa os interesses diversos que nem sempre são os de uma educação para emancipação. Nas palavras de Adorno (2010, p. 14):

Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação transformaram-se em caricaturas. Toda a chamada educação popular – a escolha dessa expressão demandou muito cuidado – nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída.

As explicações acima referem-se a um dos grandes problemas da crise na educação contemporânea discutida no primeiro capítulo deste trabalho. Entende-se que a crise na educação e na formação se encontram ligadas às contradições apontadas na sociedade pelos frankfurtianos e por Freud, no que tange às relações

entre a psicanálise e a educação, principalmente as apontadas neste capítulo, crise essa que redundou nos processos de pseudoformação.

De acordo com Adorno (2010), na sociedade contemporânea era preciso atender ao narcisismo dos novos trabalhadores, que não possuíam a formação cultural, mas queriam ascender ao status da cultura, mesmo que isso não significasse um conhecimento verdadeiro. Além disso, a indústria cultural conquistou espiritualmente todo o campo da sociedade, e a deformação cultural foi entregue às massas.

Por inúmeros canais, fornecem-se às massas bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se consegue ao ajustar-se o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura – e que tinham mesmo de ser os primeiros a serem modificados (ADORNO, 2010, p. 16).

Desse modo, a consciência dos indivíduos foi modificada, criando-se um mundo paralelo em que seus desejos condicionados pela indústria cultural passam a ser realizados. O desejo é sobretudo narcísico no sentido de que o sujeito quer se apropriar da cultura burguesa, mas lhe são negados muitas dessas possibilidades, ele se apropria de uma pseudoformação para demonstrar conhecimento e informação perante uma sociedade que exige isso dele como forma de integração. No entanto, a integração ocorre segundo Adorno (2010), pela identificação com o espírito subjetivo, quando isso é pensado ao nível das massas, porque o indivíduo coloca o ideal da massa no lugar do seu ideal de Eu. As pessoas se contentam com a mentira da pseudoformação como forma de ilusão pela busca por prestígio, visto que não possuem a formação cultural e também, porque a pseudoformação exige pouco dos indivíduos, isto é, apenas que acreditem na onipotência das massas. Conforme Adorno (2010, p. 33):

O semiculto dedica-se à conservação de si mesmo sem si mesmo. Não pode permitir, então, o que, segundo a teoria burguesa, constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca totalmente contra ela. A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado formativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações [...] a

semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo [...], a memória única mediação capaz de fazer na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos.

A educação contemporânea sofre com os impactos da pseudoformação, que trouxe consigo a hostilidade à verdadeira formação, essa última em seu sentido tradicional sofre com aversão aos seus conteúdos, pois esses se diferem dos conteúdos veiculados pela mídia. Os veículos de comunicação de massa convertem-se “[...] pela simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fartura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade” (ADORNO, 2020, p. 87).

Além disso, a pseudoformação se ressentente inconscientemente de saber que não corresponde à formação, esse ressentimento é capaz de produzir a barbárie. Nas palavras de Adorno (2010, p. 34): “Sob a superfície do conformismo vigente, é inconfundível o potencial destrutivo da semiformação. Ao mesmo tempo em que se apossa dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los”.

Acatando a ideia de Freud (2010), que compreende que as instituições criadas pelo indivíduo não trariam bem-estar a todos, a escola, como instituição social, pode repetir o fenômeno da pseudoformação, principalmente através de um modelo utilitarista e neoliberal, que abarca o imediatismo das relações culturais e não concede espaço para a verdadeira experiência formativa. Contudo, a escola assim como a família são citadas por Adorno (2020) como veículos que, se conscientes, são capazes de fortalecer a resistência por uma educação mais autônoma. Essa consciência é dada sobretudo pela autorreflexão crítica. “[...] a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 2010, p. 39).

A natureza da cultura é narcisista como já foi dito aqui, e a natureza das massas é dada pela identificação dos indivíduos entre si e com essa cultura. Na massa todos os companheiros são iguais e possuem o sentimento narcísico de pertencimento por se apoiarem em ideais culturais iguais. Isso significa que a massa tende a hostilizar grupos diferenciados, a própria indústria cultural exerce a função de líder da massa, ditando as regras e sugerindo o que essa massa deve consumir. As culturas que não se adaptam a esse processo são de certa forma opositoras e sofrem com os impulsos destrutivos daquela. “O conteúdo da teoria de Freud, a substituição do narcisismo individual pela identificação com as imagens do líder,

aponta na direção do que poderia ser chamado de apropriação da psicologia de massas pelos opressores” (ADORNO, 2015, p. 186).

A repetição do discurso da indústria cultural tem conseguido mobilizar processos irracionais em indivíduos frustrados que facilmente se deixam dominar por eles, gerando um caráter autoritário na sociedade. A educação e a formação precisam lidar com as contradições descritas neste capítulo, e a importância da psicanálise está justamente em tornar os sujeitos conscientes de seu inconsciente, por conseguinte, trazendo-os de volta à realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O amor é a capacidade de perceber o similar no dissimilar”
(ADORNO, 2008a, p. 186).

A presente pesquisa é fruto da caminhada de dois anos e meio, na qual foi realizada uma abordagem teórica conduzida pela Teoria Crítica frankfurtiana. Metodologicamente, explicita-se que esta pesquisa baseou-se no método dialético, tendo como referenciais teóricos os seguintes intelectuais: Adorno (2015; 2020), Adorno e Horkheimer (1985), Marcuse (2015; 2021); Benjamin (2012), em inter-relação com as obras culturalistas de Freud: *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914); *Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916); *Psicologia da Massas e Análise do eu e Outros Textos* (1920-1923); *O Eu e o ID “Autobiografia e outros textos* (1923-1925); *O futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929); *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos* (1930-1936), além de outras obras deste pai da Psicanálise. Outros autores também contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e todos foram relevantes para o descortinamento do objeto de estudo desta pesquisadora, o qual pode ser considerado como uma significativa contribuição de Freud para a educação.

A análise crítica da sociedade moderna foi o objetivo que uniu sujeitos excepcionais é com formações acadêmica diferentes, como Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse, e outros, em uma teoria que denunciaria as contradições presentes principalmente na sociedade contemporânea desses autores, ecoando na atualidade. As contribuições de Marx e Freud também se distinguiram nessa teoria, segundo Horkheimer (1991b). Conhecer um pouco da história da Escola de Frankfurt e do esforço intelectual de alguns de seus autores perpassando por algumas influências que fundamentaram a base dessa teoria foi o objetivo do primeiro capítulo deste trabalho conjuntamente com a análise de algumas notas sobre a obra *Educação e Emancipação* de Adorno (2020).

O Instituto de Pesquisas Sociais foi criado em 1923, um tempo de lutas e acirramento da barbárie, com a ascensão do nazismo e, por conseguinte, com o exílio dos frankfurtianos nos Estados Unidos, os quais retornariam à Alemanha em 1950. Caminharam sob a influência de Marx, mas, também, fizeram à crítica a ele,

inspiraram-se em Freud para compreender a subjetividade humana, porém não sem deixar de apontar algumas de suas insuficiências. Além disso, criticaram a indústria cultural e analisaram a psicologia das massas, o homem unidimensional, denunciaram a barbárie e a personalidade narcisista. Este trabalho utilizou-se de todo essas análises construídas por esses frankfurtianos do conhecimento para desvendar alguns conflitos inerentes à educação e à formação que se estabeleceram na sociedade contemporânea e simultaneamente, apontar as contribuições de Freud para a educação.

A tese deste estudo é a de que Freud a partir de suas obras trouxe contribuições relevantes para à educação, mesmo não sendo essa a centralidade de sua obra. A Teoria Crítica frankfurtiana, ao procurar entender a dimensão ligada ao campo subjetivo, passou a estar ligada intrinsecamente à teoria freudiana, isso conduziu os teóricos frankfurtianos a várias reflexões sobre o processo deformativo da educação e suas possibilidades de emancipação.

O segundo capítulo teve como objetivo estabelecer aproximações entre Freud e Adorno e Horkheimer (1985), principalmente a partir da obra *Dialética do Esclarecimento*. Além disso, demonstrar alguns apontamentos de Benjamin (2012) sobre a importância da memória no processo de formação humana e, por último, mas não menos importante, mostrar a relação entre Freud e Marcuse (2015; 2021) com referência à compreensão da dominação e da repressão na sociedade. Essas aproximações buscaram responder a seguinte problematização: por que a educação não tem formado pessoas mais humanas? Essa questão conduziu à pergunta que Adorno (2020, p. 169) fez no texto “Educação contra a Barbárie”: O problema que se impõe nessa medida é saber se por meio da educação pode se transformar algo de decisivo em relação à barbárie?

Freud (2010a) explica que o motivo dessa barbárie não é apenas decorrente da falta de formação civilizada, mas pelo fato de as pessoas se encontrarem tomadas por um instinto de destruição quando da convivência desses indivíduos em sociedade, é a eterna luta entre Eros e Tânatos. Segundo Adorno (2020), os momentos repressivos e opressivos que se manifestam na cultura são os responsáveis por gerarem a barbárie. Em outras palavras: “Acredito que – e isto é Freud puro – justamente esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura” (idem, p. 171). Por isso, foi importante o estudo da teoria freudiana para a compreensão dos

mecanismos que possibilitam a barbárie em uma cultura tão danificada como a cultura moderna, adornianamente expressando.

A educação, em conjunto com a sociedade, cedeu ao processo de massificação, tornando-se separada do sujeito, e vista como mercadoria. Dessa forma, a educação tornou-se também um instrumento idealizado, servindo aos interesses do sistema econômico no qual está inserida. Essa perspectiva regressiva abriu caminho para, contraditoriamente, o processo de dominação, pela ciência e pela técnica, exercer cada vez mais o seu trabalho do monopólio de pensamento. Para superar essa condição a educação precisa voltar-se para a contestação e à resistência conforme Adorno (2020).

O terceiro e último capítulo tratou da educação na perspectiva freudiana, relacionando-a com a contemporaneidade, destacando que a existência das atividades humanas visando à perfeição é uma forte necessidade narcísica da sociedade, isso pode ser visto em manifestações científicas e artísticas e culturais, que estão intrinsicamente ligadas à dimensão da educação. Sendo assim, pode se inferir que todo o aperfeiçoamento trilhado pela civilização passou por um processo educativo, as gerações evoluíram mediante esse processo peculiar realizado pela educação. Desse modo, é através da ação educativa que os sujeitos renunciaram aos seus instintos ao longo dos anos, o que fez com que os indivíduos se tornassem capazes de vivenciar os processos de sublimação explicitados por Freud.

Diante disso, Freud (2010b, 2011a, 2012) evidenciou que o processo afetivo recebido da família influencia sobretudo na maneira como a criança vai responder aos processos de formação que receberá depois nas outras instituições sociais. A primeira tarefa da educação deve consistir, então, em ensinar a criança a controlar seus instintos, esse ensino deve encontrar o ponto de equilíbrio na educação da criança para tornar esse processo menos traumático.

O narcisismo crescente que se instalou na sociedade contemporânea é visível nos embates sofridos por professores e alunos, na ausência de reflexão e aptidão à experiência, e na crescente tendência à pseudoformação à que está submetida a educação. Diante disso, Adorno (2020) reflete sobre a necessidade do esclarecimento a respeito dos tabus que cercam a realidade da educação, e Freud (2010b) afirma que a sublimação é capaz de fazer os indivíduos saírem do processo de regressão causado pelo narcisismo. Desse modo, este estudo revelou a

importância do conhecimento da Psicanálise para propiciar uma educação crítica que possibilite a sublimação.

Freud (2014) esclarece que se deve educar para a realidade, utilizando da Psicanálise para desmistificar as contradições da educação e da formação. Deduziu-se, além disso, que a educação é dialética e não deve ser idealizada como um modelo perfeito, ou, então, ser massificadora, pois ela tem a sua singularidade. A educação pode sem ser repressiva, cooperar com o desenvolvimento da civilização, protegendo o indivíduo dos impulsos hostis do ser humano, como pode também ser a responsável pela aniquilação da humanidade por meio da barbárie.

Este estudo detectou também a grande capacidade da Teoria Crítica, aliada à teoria freudiana, para desvelar os mecanismos ideológicos presentes na formação dos sujeitos e na educação em geral. Verificou-se ainda que o estudo das duas teorias oportunizam a reflexão com vistas a uma educação mais humana; além de constatar que à educação que a criança recebe pode provocar traumas ou ajudá-la quando adulta; se essa educação for autoritária pode promover o extremismo, enquanto, a educação crítica pode promover a emancipação do indivíduo, possibilitando-lhe resistência à barbárie. Por fim, apreendeu-se que a educação deve ser para a realidade, sem, contudo, abandonar a afetividade.

Diante das elucidações acima, concluiu-se, que, esta pesquisa é relevante e busca contribuir com as análises reflexivas sobre o comportamento da educação na contemporaneidade, a partir da ótica da Teoria Crítica frankfurtiana e da Teoria freudiana, possibilitando dar condições ao indivíduo para que ele busque o esclarecimento e seja capaz fazer a autorreflexão crítica. Pois, desta maneira, a educação pode vir a ser um objeto de resistência e não de conformação com os problemas referidos neste estudo, de modo, que, o conceito de educação para a emancipação seja uma realidade no contexto da sociedade contemporânea, e não apenas mais um discurso pedagógico de compromisso que na prática não possui efetividade alguma.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986, p. 92-107.
- _____. Sujeito e objeto: In **Palavras e sinais: modelos críticos**. Trad. Maria Helena Ruschel. Sup. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada**. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008a.
- _____. **Teoria estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Arte e Comunicação, 2008b.
- _____. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antônio Casanova. rev. Eduardo SoaresNeves Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. Teoria da semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Contemporânea).
- _____. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.
- ADORNO, Theodor W. et al. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- _____. Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max, **Textos escolhidos**. Trad. Zeljko Loparić et al. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 31-68 (Coleção Os Pensadores; v. 16).
- ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 9-23.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v; 1).

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Trad. Wantensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CROCHIK, José Leon. A personalidade Narcisista segundo a escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica. **Psicologia - USP**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 141-154, 1990.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.

ENCYCLOPAEDIA BRITANICA DO BRASIL. **Holocausto**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996 (Obra Completa, v. 7-13).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREITAS, L. C. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out-dez. 2014.

FREUD, Sigmund. **Vida e obra (1856-1939)**. Trad. Durval Marcondes et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

_____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Coleção Obras Completas; v. 18).

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. (Coleção Obras Completas; v.12).

_____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. (Obras Completas; v. 15).

_____. **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. (Obras Completas; v. 16).

_____. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras Completas; v. 11).

_____. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**. Trad. De Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Obras Completas; v. 9).

_____. **O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras Completas; v. 17).

_____. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Obras Completas; v. 8).

_____. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras Completas; v.19).

_____. **Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos (1901)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a. (Obras Completas; v.5).

_____. **Além do princípio do prazer**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2021b.

HORKHEIMER, Marx. Teoria tradicional e teoria crítica. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max, **Textos escolhidos**. Trad. Zeljko Loparić et al. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 31-68 (Coleção Os Pensadores; v. 16).

_____. Filosofia e teoria crítica. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Textos escolhidos**. Trad. Zeljko Loparić et al. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991b. p. 69-75 (Coleção Os Pensadores; v. 16).

_____. **Autoridade e família**. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 2012 (Coleção Estudos; 77).

JAY, Martin. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1996, (Coleção Os Pensadores).

_____. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco Cock. 2. ed. São Paulo: Unimep, 1999.

_____. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. **Metafísica dos costumes**. Trad. Clélia Aparecida Martins (primeira parte) e Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof (segunda parte). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 3. ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAAR, Wolfgang Leo. A guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 2020.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2015.

_____. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

MARX, Karl. **O capital**. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, (Coleção Os Economistas; v. 1).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Marx-Engels).

MATOS, Olgária C. F. **A escola de Frankfurt**: luzes e sombras do iluminismo. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

MOTA JUNIOR, W. P.; MAUÉS, Olgaíses C. O banco mundial e as políticas educacionais brasileiras. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1137-1152, out./dez. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade/. Acesso em: 21 mar. 2023.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**: 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Sociologia em Rede**, v. 6, n. 6, 2016.

PACHECO, J. A.; MARQUES, M. Governabilidade curricular: ação dos professores em contextos de avaliação externa. In: OLIVEIRA, M. R. N.S. (org.). **Professor**: formação, saberes, problemas. Porto (Portugal): Editora Porto, 2014.

PASCOAL, Georges. **Compreender Kant**. 7. ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

SCAREL, Estelamaris Brant, **Dilemas inerentes ao potencial formativo entre conhecimento e dialética negativa**. Goiânia, 2016. 158f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. rev. téc. Gabriel Cohn. 4. ed. Brasília: UNB, v. 1, 2012.

ZANOLLA, Silvia Rosa Silva. **Teoria crítica e epistemologia**: o método como conhecimento preliminar. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

_____. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2012.